

Paulo Jorge Lages Pernadas

ESTRUTURAS EM NEGATIVO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE NA BEIRA INTERIOR: O CASO DE SANTA BÁRBARA (ALDEIA DA PONTE - SABUGAL)

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, na área de especialização em Arqueologia Pré-histórica, orientada pela Professora Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2012



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

ESTRUTURAS EM NEGATIVO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE NA BEIRA INTERIOR: O CASO DE SANTA BÁRBARA (ALDEIA DA PONTE - SABUGAL)

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho:	Dissertação de Mestrado
Título:	Estruturas em negativo da Pré-História recente na Beira Interior: O caso de Santa Bárbara (Aldeia da Ponte-Sabugal)
Autor:	Paulo Jorge Lages Pernadas
Orientador:	Professora Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça
Júri:	Presidente: Doutora Maria da Conceição Lopes, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Vogais: 1. Doutor João Carlos Muralha Cardoso, Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 2. Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça, Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Identificação do curso:	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área específica:	História
Especialidade:	Arqueologia Pré-histórica
Data da defesa:	15-11-2012
Classificação:	16 valores



RESUMO

ESTRUTURAS EM NEGATIVO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE NA BEIRA INTERIOR: O CASO DE SANTA BÁRBARA (ALDEIA DA PONTE - SABUGAL)

O presente trabalho tem como objectivo a apresentação dos resultados obtidos na intervenção arqueológica de emergência realizada em Santa Bárbara (Aldeia da Ponte, Sabugal).

O projecto de construção de uma moradia num dos terrenos da encosta meridional deste relevo deu-nos a possibilidade de podermos intervir nesta estação arqueológica, há muito referenciada por diversos investigadores devido aos diversos materiais que aqui foram sendo recolhidos em prospecções ao longo dos anos, alguns dos quais expostos no Museu do Sabugal.

Esta intervenção permitiu-nos obter respostas para a concentração de materiais neste local e averiguar assim a existência de construções ou outras estruturas arqueológicas associadas e qual o seu estado de conservação.

Os trabalhos arqueológicos, para além de terem evitado a destruição de parte deste sítio sem ser estudado, confirmaram a existência de bastantes vestígios de ocupação, a começar pelas 14 fossas escavadas no saibro. Estas estruturas em negativo encontravam-se espalhadas por toda a zona intermédia do terreno, tratando-se de um tipo de estruturas raras no âmbito da Pré-história Recente da Beira Interior. As características do conjunto de materiais recolhidos confirmaram a proposta de datação para o período do Calcolítico.

A estação arqueológica de Santa Bárbara passa assim a figurar, juntamente com os sítios arqueológicos do Sabugal e das Carvalheiras (Casteleiro), onde também já decorreram escavações, como os locais de referência relativamente aos vestígios de ocupação para o período Calcolítico no concelho do Sabugal.

Palavras-Chave: Beira Interior, Alto Côa, Calcolítico, estruturas em negativo.

ABSTRACT

NEGATIVE STRUCTURES IN THE RECENT PREHISTORY OF BEIRA INTERIOR: THE CASE OF SANTA BARBARA (ALDEIA DA PONTE - SABUGAL)

This work aims to present the results obtained during an emergency archaeological intervention conducted in Santa Barbara (Aldeia da Ponte, Sabugal).

The project to build a house in the southern slope of this relief gave us the chance to intervene in this archaeological site, long referenced by several researchers due to a variety of materials that have been collected from surveys over the years, some of which are exhibited in the Museum of Sabugal.

This intervention allowed us to obtain answers to the concentration of materials on this site and to verify the existence or not of buildings or other archeological structures related with and what is its conservation status.

The archaeological work, in addition to having avoided the destruction of part of this site without being studied, confirmed the existence of plenty of remains of occupation, starting with the 14 pits excavated on the gravel. These negative structures were spread throughout the intermediate zone of the terrain and they are a rare type of structures in the Recent Prehistory of Beira Interior. The characteristics of the set of collected material have confirmed the proposed dating from the Chalcolithic period.

The site of Santa Barbara, as the archaeological sites of Sabugal and Carvalheiras (Casteleiro), where excavations have also taken place, now appears among the most important of the oldest evidences of human occupation in the municipality of Sabugal.

Keywords: Beira Interior, High Côa, Chalcolithic, negative structures.

AGRADECIMENTOS

Depois de um longo e extenso tempo necessário para a elaboração desta tese, e que teve o seu começo com os trabalhos de escavação do sítio arqueológico de Santa Bárbara, muitas foram as pessoas que contribuíram para a sua conclusão. Referi-las neste contexto é pouco para tamanha dedicação e ajuda.

As primeiras palavras de apreço e gratidão vão para a Professora Doutora Raquel Vilaça que, para além de ter sido minha orientadora, esteve sempre presente com disponibilidade, paciência e incentivo para as abordagens que lhe fui propondo ao longo dos vários encontros que tivemos.

Aos meus incansáveis colegas de trabalho do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal, Marcos Osório e Paulo Andrade que sempre me acompanharam, com destaque para o Marcos que sempre me motivou e ajudou e viveu esta tese tanto quanto eu.

Aos restantes elementos que ajudaram na escavação deste sítio, desde os habitantes de Aldeia da Ponte como o “Tó” e a Ana Torrado, passando pelo grupo de funcionários externos da Câmara Municipal do Sabugal, ao gabinete de SIG, terminando com o grupo de alunos de Arqueologia da Universidade de Coimbra que participaram nas campanhas de Verão.

Aos donos do terrenos por nos terem deixado realizar este trabalho de escavação.

Aos colegas de mestrado pelos bons momentos que passámos juntos.

Ao grande leque de amigos que sempre me incentivaram e demonstraram interesse no meu trabalho.

À minha família, em particular à minha dedicada esposa e ao meu pequeno filhote, pelo tempo roubado, pelo apoio e incentivo constante, às minhas gatas “Lilita” e “Zafira” pelas horas de companhia no teclado do computador.

A todos o meu muito obrigado, seguramente nunca esquecerei o que cada um contribuiu para que este trabalho fosse acabado.

ÍNDICE

	PÁG.
1. INTRODUÇÃO	7
2. O ESPAÇO: CARACTERÍSTICAS E TRAÇOS DO MEIO FÍSICO	9
2.1. LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA	9
2.2. GEOMORFOLOGIA	10
2.3. GEOLOGIA	11
2.4. HIDROGRAFIA	13
3. SANTA BÁRBARA: O PASSADO E O PRESENTE	15
3.1. A INVESTIGAÇÃO INICIAL: OS ANTECEDENTES E A DESCOBERTA	15
3.2. A INVESTIGAÇÃO ACTUAL: O REGISTO E A DIVULGAÇÃO	16
4. METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS USADAS NA INTERVENÇÃO	19
4.1. PLANIFICAÇÃO DA ESCAVAÇÃO	19
4.2. PROCESSO DE ESCAVAÇÃO	20
4.2.1. PRIMEIRA FASE: SONDAgens DE DIAGNÓSTICO/PRELIMINARES	20
4.2.2. SEGUNDA FASE: SONDAgens POSTERIORES E ALARGAMENTOS	22
4.2.3. TERCEIRA FASE: RECURSO A MEIOS MECÂNICOS	24
4.2.4. QUARTA FASE: ESCAVAÇÃO EM ÁREA	26
4.2.5. QUINTA FASE: SONDAgens COMPLEMENTARES	27
5. AS ESTRUTURAS E ESTRATIGRAFIA	29
5.1. MANCHA 1	29
5.1.1. FOSSA 1A	32
5.1.2. FOSSA 1B	33
5.1.3. FOSSA 1C	33
5.1.4. FOSSA 1D	34
5.1.5. FOSSA 1E	36

5.2. O COMPLEXO DAS FOSSAS 2A - 2D	37
5.2.1 FOSSA. 2A	37
5.2.2. FOSSA 2B	39
5.2.3. FOSSA 2C	40
5.2.4. FOSSA 2D	40
5.3. FOSSA 3	41
5.4. FOSSA 4	42
5.5. FOSSA 5	42
5.6. FOSSA 6	44
5.7. FOSSA 7	44
5.8. ESTRUTURA DE COMBUSTÃO	45
5.9. BURACOS DE POSTE E OUTRAS PEQUENAS DEPRESSÕES AFECTAS ÀS FOSSAS	46
5.10. REGISTO E CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ESTRATIGRAFIAS OBTIDAS	48
5.10.1. A ESTRATIGRAFIA	49
6. O ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO	54
6.1. CERÂMICA	54
6.1.1. OS RECIPIENTES: A SUA DISTRIBUIÇÃO E AS MORFOLOGIAS	54
6.1.2. A DECORAÇÃO DOS RECIPIENTES CERÂMICOS	64
6.2. UTENSÍLIOS DE TECELAGEM	71
6.3. LÍTICOS: BREVES CONSIDERAÇÕES	73
6.3.1. PEDRA LASCADA	73
6.3.2. PEDRA POLIDA	75
6.3.3. PEDRA AFEIÇOADA	78
6.3.3.1. ELEMENTOS USADOS NO FABRICO DE OBJECTOS	78
6.3.3.2. ELEMENTOS DE MOAGEM	79
6.3.3.3. PESOS DE REDE	80
6.3.4. OBJECTOS DE ADORNO	81

6.3.5. MATÉRIAS-PRIMAS	82
7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMUNIDADE CALCOLÍTICA DE SANTA BÁRBARA	83
7.1. O SÍTIO	83
7.2. AS ESTRUTURAS	84
7.3. “ARQUITECTURA” E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO	92
7.4. O QUOTIDIANO: HIPÓTESE DE APROXIMAÇÃO	95
7.5. A CRONOLOGIA	96
8. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SANTA BÁRBARA E A SUA INTEGRAÇÃO NAS CONJUNTURAS ARQUEOLÓGICAS LOCAL E REGIONAL	98
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
BIBLIOGRAFIA	113
ANEXO I- CARTOGRAFIA, FOTOGRAFIA, DESENHO DE MATERIAIS E CORTES ESTRATIGRÁFICOS	118

1. INTRODUÇÃO

A tentativa de minimizar o impacto da construção de uma moradia num terreno situado na encosta sul do relevo de Santa Bárbara (Aldeia da Ponte - Sabugal) deu-nos, finalmente, a possibilidade de podermos intervir num local com um enorme potencial arqueológico e há muito referenciado por diversos investigadores. Mais do que detectar materiais em prospeção ou algumas pedras trabalhadas, pelos muros que delimitam as propriedades deste relevo, tivemos a hipótese de observar o que realmente escondia o subsolo deste lugar e o porquê da concentração de tantos materiais à superfície.

Mas antes de iniciarmos a descrição detalhada do sítio arqueológico, convém destacar todo o processo que antecedeu esta intervenção, dando a devida importância ao acompanhamento arqueológico de pequenas obras locais, no âmbito da arqueologia de salvamento, sejam elas em centros históricos ou em sítios referenciados na Carta Arqueológica Municipal, como foi o caso. Este trabalho também resultou da intercomunicação entre os técnicos da autarquia que, ao terem conhecimento de certas obras, sejam elas públicas ou privadas, comunicam ao Gabinete de Arqueologia, cujos técnicos se deslocam depois ao local e fazem a devida avaliação arqueológica e o consequente trabalho de campo. Foi neste contexto que surgiu a possibilidade de escavarmos em Santa Bárbara.

A qualidade dos resultados da escavação e tudo o que a ela está associado (materiais, estruturas, contexto geográfico, importância científica do local, etc.), bem como a divulgação de um tipo de “arquitectura” em negativo raro nesta zona beirã, levou-nos a realizar esta monografia como tema de dissertação de mestrado. Assim, as conclusões deste trabalho não ficaram restringidas ao Gabinete de Arqueologia da autarquia e cingidas a um mero relatório técnico enviado à tutela nacional.

O trabalho que apresentamos está subdividido em nove capítulos, iniciando-se pela introdução (Capítulo 1) e terminando com as conclusões (Capítulo 9), de três partes bastante distintas: o antes, o durante e o depois da intervenção arqueológica.

Primeiro começamos com o devido enquadramento geográfico (Capítulos 2 e 3), onde abordamos toda a temática que envolve a geomorfologia, geologia e hidrografia. Depois seguimos com o processo que antecedeu a escavação, destacando-se a descoberta do local, os primeiros achados à superfície e a sua consequente divulgação científica. Descreve-se o contexto que possibilitou a realização da escavação e terminamos com o planeamento da metodologia que foi adoptada para esta intervenção.

A definição da metodologia utilizada faz a ponte para a segunda parte, onde descrevemos tudo o que sucedeu durante a escavação (Capítulos 4, 5 e 6), descrevendo de forma gradual os métodos de escavação, as sondagens que foram abertas, as estruturas encontradas e a estratigrafia. Depois prosseguimos com a descrição de cada uma das estruturas descobertas, as dimensões, a área que ocupam, a sua localização na planta geral da área escavada e as potenciais funcionalidades de cada uma. Para concluir esta parte, temos a apresentação dos materiais exumados onde fazemos uma exposição mais ou menos detalhada, por conjuntos artefactuais, de todo o espólio descoberto e o seu contexto de recolha.

Para a terceira e última parte (Capítulos 7 e 8) ficou o pós-escavação onde tecemos algumas considerações, dentro das descobertas realizadas, sobre as construções e a comunidade que habitou em Santa Bárbara. Completamos a nossa abordagem com uma breve descrição dos “laços” existentes entre este local e outros do mesmo período dentro dos limites do concelho do Sabugal, partindo depois para uma breve abordagem no contexto regional referindo-nos a alguns sítios arqueológicos nos concelhos vizinhos. No final temos as conclusões onde deixamos algumas observações sobre este sítio, a área escavada, as estruturas encontradas e outros elementos que resultaram desta intervenção.

O principal objectivo desta intervenção arqueológica, inicialmente, foi o de procurar respostas para o aparecimento de tantos materiais à superfície nesta área, e depois, após as descobertas que foram feitas, foi o de retirar o máximo de informação sobre este sítio sabendo que o mesmo iria ser destruído pela obra. Claro que a constatação do achado de estruturas fora do comum e a tentativa de as divulgar e compreender passou a ser, posteriormente, um dos objectivos deste nosso trabalho.

Muito se tem escrito sobre esta temática, mas avançar com novas teorias sobre o uso destas estruturas em negativo, neste período tão recuado, é algo que só poderia ser feito com uma área de escavação maior e com vestígios melhor conservados.

Com efeito, somos levados a concordar que “Povoado (...) parece ser tudo o que determinada Arqueologia consegue dizer sobre estas arquitecturas, onde aos fossos são associados taludes de terra ou paliçadas de cabanas, mesmo se destas estruturas não exista qualquer evidência empírica” (VARELA, 2010: 4).

2. O ESPAÇO: CARACTERÍSTICAS E TRAÇOS DO MEIO FÍSICO

2.1. LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

A área onde decorreram os trabalhos arqueológicos, denominada pelo micro topónimo “Costa”, tem a designação de Santa Bárbara¹, devido ao facto de ser a padroeira da igreja situada no topo do relevo. Situa-se na freguesia de Aldeia da Ponte, concelho do Sabugal, distrito da Guarda, e vem assinalado na Carta Militar nº 216 (escala 1/25.000) (Est. I), a cerca de 850 metros de altitude (Est. II) com as coordenadas: 40°25’0.44”N (Latitude) e 6°52’16.39”W (Longitude). Dista 20 km para leste da sede de município e fica a cerca de 5 km da fronteira com Espanha, sendo a localidade espanhola mais próxima Albergaria de Argañan. Em termos locais este sítio arqueológico situa-se na zona da “raia”².

O acesso ao local efectua-se pela EN 233 que faz a ligação entre Aldeia da Ponte e Nave de Haver, concelho de Almeida. Este sítio arqueológico fica na periferia do aglomerado de Aldeia da Ponte, que tem vindo a aumentar a sua malha urbana (Est. III). Na vertente sul, da encosta meridional é facilmente perceptível uma série de emparcelamentos murados ocupados por terrenos agrícolas e habitações civis. O acesso a estas propriedades mais isoladas era feito por vários caminhos rurais que partiam da povoação (Est. III). Recentemente foram destruídos pela construção da EN que liga o Sabugal a Vilar Formoso. Assim, dentro da povoação de Aldeia da Ponte ao longo deste itinerário temos uma série de caminhos paralelos a uma recta tanto para a esquerda (acesso a casas mais isoladas) como para a direita (acesso ao centro da aldeia); num dos que segue para a esquerda, temos uma pequena placa que nos assinala a capela de Santa Bárbara (Est. III). Seguimos a indicação e damos com um caminho calcetado que sobe a pique até ao alto do relevo. Um pouco antes de chegar ao topo e do nosso lado direito encontramos o terreno onde decorreu a escavação. Logo acima do terreno e na plataforma do monte temos um grande largo e a já referida capela de Santa Bárbara (Est. III).

No topo deste relevo, além da capela de Santa Bárbara e do respectivo largo, também encontramos algumas habitações feitas recentemente e que se prolongam pela encosta oeste até à periferia do rio Cesarão. A encosta norte foi a menos fustigada pelo avanço destas construções e apenas são evidentes socalcos em pedra e marcas nos terrenos da exploração agrícolas (Est. IV e V).

¹ Protectora contra tempestades, raios e trovões.

² Designação dada pelos populares às povoações que ficam junto da fronteira.

Os vestígios arqueológicos distribuem-se pela cumeada e respectivas vertentes do cabeço. A fundação da capela de Santa Bárbara no local, no século XVIII, o arranjo dos consequentes acessos e a construção de algumas moradias, têm provocado, ao longo dos anos e até séculos, diversos remeximentos no terreno, que terão afectado e destruído pontualmente alguns testemunhos ocupacionais.

2.2. GEOMORFOLOGIA

O relevo de Santa Bárbara situa-se numa vasta área denominada por Alto Côa, alvo de contínuos estudos arqueológicos que têm revelado descobertas bastante interessantes. Esta zona geográfica do Alto Côa apresenta uma fisionomia de planalto estepário (MARQUES, 1936: 177) e integra-se na grande unidade geomorfológica da Meseta, limitado a sul pela serra da Malcata e a poente pelos relevos residuais. Para oriente, esta unidade geográfica, constituinte do maciço antigo, perde-se de vista em terras espanholas, representando sensivelmente a continuação do relevo do país vizinho (GIRÃO, 1951: 70; FERREIRA, 1978: 51).

Apresenta uma morfologia bastante variada no que se refere aos relevos, assinalados por uma grande oposição entre largos vales de fundo plano com pequenos montes de média altitude rodeados por serras de maiores elevações. Observando as zonas mais baixas, temos um grupo de planaltos onde correm as águas do rio Côa e os seus afluentes, o rio Cesarão, a ribeira de Alfaiates e a ribeira da Nave (Est. VI). Estes planaltos ficam a cerca de 600-700 m de altitude (Est. VII). Nesta parte interna também surgem alguns relevos pontuais que chegam a ter uma altura média de 800-900 m (Est. VII). À medida que nos vamos deslocando para norte, em direcção ao rio Côa, a altitude vai descendo começando por ter 800 m em Aldeia da Ponte e cerca de 600 m junto do rio Côa (Est. VII). Esta inclinação permite que toda a rede hidrográfica se desloque em função desta gravidade, pelo que todos os rios, ribeiras e regatos emergentes nesta região vão desaguar ao rio Côa (Est. VI).

Nos relevos com maior altitude são evidentes um conjunto de serras que se vislumbram desde este lugar como a Serra da Malcata, a de Aldeia Velha (1120 m), a das Mesas (1100 m), a do Soito (1120 m), do Seixo (900 m) e as espanholas Xalma, serra da Gata e a Peña de Francia, todas com elevações superiores a 800 m de altura (Est. VII). A alguns destes pontos elevados correspondem maciços de rochas filonianas (especialmente de quartzo) ou a veios de granito de grão fino (FERREIRA, 1978: 59), como acontece com o relevo de Santa Bárbara.

À volta deste sítio avistamos uma série de acidentes topográficos que, definidos como limites naturais, não devem ser factores ou motivo para o isolamento e divisão entre as várias comunidades que chegaram a ocupar este espaço.

Toda esta envolvência com certeza que criou vias de penetração e comunicação com outras comunidades próximas. Observando a região em termos orográficos podemos avançar com algumas supostas vias com as quais se poderiam relacionar outros povoados pré-históricos.

Estas vias de penetração evitavam, normalmente, pontos de maior altitude optando por áreas mais planas e de fácil trajectória. Assim, verificamos que em termos de assiduidade a melhor trajectória para quem se queria deslocar para este sítio seria seguir a montante o rio Cesarão ou até mesmo a ribeira de Alfaiates mais para oeste (Est. VI). Por outro lado, vindo da Meseta Ocidental, também teriam vias de penetração mas encontrariam trajectos de maior altitude e com alguns relevos consideráveis.

O local de Santa Bárbara enquadra-se no topo de um relevo num vale dos principais afluentes do rio Côa, numa região intermédia ladeada pela Meseta a sul e leste, e o Vale do Côa a norte e oeste. O relevo é de morfologia em esporão, orientado no sentido sudoeste - noroeste, e de constituição quartzítica, e fica sobranceiro à margem direita da ribeira de Aldeia da Ponte, numa óptima zona de travessia a vau deste curso fluvial, calcorreado milenarmente desde a plataforma do Sabugal/Guarda para a depressão de Ciudad Rodrigo. É fortemente inclinado para sul, mas não possui quaisquer irregularidades topográficas ou rochosas. Este local é facilmente perceptível a partir dos relevos envolventes.

2.3. GEOLOGIA

O assentamento arqueológico de Santa Bárbara, tal como quase todo o território do Alto Côa, integra-se no Maciço Hespérico, constituído por formações pré-mesozóicas, consolidadas desde o fim dos movimentos hercínicos, nomeadamente as rochas graníticas. O granito da região integra-se na grande mancha granítica da Beira, onde o tipo petrográfico predominante é o granito monzonítico (GONÇALVES E ASSUNÇÃO, 1966: 7).

O granito, com base na morfologia e textura, apresenta dois tipos essenciais: granito porfiróide, geralmente de grão grosseiro e granito não porfiróide, geralmente de grão médio a fino. (*Idem: Ibidem*). Verificando a Carta Geológica nº 18 D (escala: 1/50 000), que se refere a este local (Est. VIII), observamos que a norte da povoação de Aldeia da Ponte há uma mancha de granito não porfiróide de grão médio a fino e a sudeste aparece o granito de grão grosseiro, o que significa que muito provavelmente estaremos na intercepção dos dois tipos.

Relativamente ao nível natural saibroso que compõe, maioritariamente, o solo deste assentamento é argiloso, mediamente compacto, avermelhado e muito granuloso; é cortado e atravessado por vários filões de quartzo no sentido nordeste - sudoeste. Os terrenos desta propriedade sofreram bastante erosão, encontrando-se actualmente estéreis e com reduzido potencial estratigráfico com cerca de 15-20 cm de profundidade.

Há filões de quartzo que cortam, simultaneamente, o granito porfiróide e o não porfiróide (GONÇALVES E ASSUNÇÃO, 1966: 16) (Est. VIII). O quartzo é leitoso, branco, por vezes colorido superficialmente de castanho ou de vermelho, devido a óxidos de ferro; quando em cristais individualizados é hialino. Existe geralmente em massas compactas (*Idem: Ibidem*).

São visíveis em redor do terreno, mais na vertente sul do monte, amontoados com os blocos de granito que o delimitam, pedaços de quartzo leitoso soltos e de menores dimensões. Na parte plana do topo do relevo, zona menos protegida pelas interferências climáticas, são bem visíveis grandes afloramentos de quartzo branco e a inexistência de afloramentos graníticos.

A sul de Aldeia da Ponte temos manchas aluviais muito importantes. São formadas, essencialmente, por elementos provenientes da degradação do granito, envolvidos por matéria argilosa (GONÇALVES E ASSUNÇÃO, 1966: 7). A zona nordeste de Aldeia da Ponte é ocupada por extensa mancha de depósitos recentes que cobrem o maciço granítico (Est. VIII). Com maior desenvolvimento no país vizinho, estende-se no nosso território, para norte até Vilar Formoso, para sul, quase até o v. g. da Lomba, a norte de Aldeia da Ponte (*Idem: Ibidem*). Segundo Bruet (GONÇALVES E ASSUNÇÃO, 1966: 8), os depósitos são constituídos, essencialmente por argila, grãos de quartzo pouco rolados, moscovite, feldspatos e, acessoriamente, por biotite, turmalina, elementos de rochas silicificadas e minério. Neste conjunto observam-se geralmente leitões finos de calhaus angulosos e, em certos pontos, são visíveis lenticulas de argilas compactas esverdeadas e saibros argilosos alaranjados. (*Idem: Ibidem*).

As unidades geológicas que são apresentadas, de características particulares, são referidas em redor e na povoação de Aldeia da Ponte e na periferia da ribeira de Aldeia da Ponte ou do rio Cesarão. A grande diversidade geológica do local e da área circundante poderia ter sido um factor a ter em conta para a sua fixação neste sítio.

A comunidade que ocupou este assentamento soube tirar usufruto desta riqueza geológica e ao longo da escavação descobrimos uma série de utensílios feitos à base de

matéria lítica diversificada (xisto, anfíbolito, granito e quartzo) como pontas de seta, pendentes, mós, bigornas, percutores, etc.

Por outro lado, a abundância de saibros argilosos em todo o relevo também possibilitou a sua aplicação no fabrico de utensílios em cerâmica como recipientes de pequena, média e grande dimensão, os tradicionais pesos de tear e as argamassas que teriam funções bastante variadas no apoio às estruturas.

2.4. HIDROGRAFIA

Situado a poucos metros da ribeira de Aldeia da Ponte, este sítio arqueológico, de uma forma directa ou não, beneficiou da passagem deste afluente do rio Côa (Est. VI).

O rio Côa, situado a montante, é a grande referência desta zona raiana em termos hidrológicos. É um afluente da margem esquerda do rio Douro, nasce na serra das Mesas, à altitude de 1060 m, e vai desaguar por estreito e profundo vale a sudeste, de Vila Nova de Foz Côa, à altitude de 180 m, depois de percorrer uma distância aproximada de 130 km (MARQUES, 1935: 405-406).

A rede hidrográfica do Côa é assimétrica, tendo menos afluentes e de menor caudal na margem direita do que na margem esquerda (MARQUES, 1935: 409). Este rio, tal como outros, desde onde nasce até onde vai desaguar recebe águas vindas de vários ribeiros, regatos e riachos que descem as vertentes das serras das Mesas, Malcata e Aldeia Velha (*Idem: ibidem*). Entre estes afluentes da margem direita do rio Côa o principal é a ribeira de Aldeia da Ponte ou rio Cesarão que, ao longo do seu decurso, tem vários nomes devido ao facto de as povoações designarem estes pequenos recorridos hidrográficos pelos topónimos das povoações que ficam a montante (Est. VI).

Este ribeiro nasce a sudeste da povoação de Aldeia Velha, no seu curso inicial, passa a oeste da mesma, seguindo na direcção de Aldeia da Ponte. Antes de aqui chegar, e a norte de Aldeia Velha, encontra-se com o afluente vindo de sudeste, a ribeira dos Forcalhos, passando a chamar-se rio Cesarão. No seguimento da ribeira, no seu decurso médio, faz o seu trajecto a oeste de Aldeia da Ponte; chegando à povoação de Aldeia da Ribeira o ribeiro passa a chamar-se ribeira de Aldeia da Ponte, depois segue passando a nascente de Vilar Maior. Antes de desaguar no Côa, esta ribeira, no seu curso terminal entra em confluência com outro ribeiro, a ribeira de Alfaiates, passando depois a chamar-se ribeira de Vilar Maior (Est. VI).

A junção destas duas bacias hidrográficas dá-se a noroeste e a montante da povoação de Vilar Maior, fazendo depois um recorrido de cerca de quatro quilómetros indo a desaguar

na margem direita, correndo de uma altitude superior à da nascente do Côa (*Idem: ibidem*) (Est. VI).

A proximidade do rio Cesarão também podia ter sido, tal como a grande variedade geológica, um dos factores que contribuiu para o assentamento da comunidade no topo deste relevo.

3. SANTA BÁRBARA: O PASSADO E O PRESENTE

3.1. A INVESTIGAÇÃO INICIAL: OS ANTECEDENTES E A DESCOBERTA

O povoado de Santa Bárbara, situado num relevo sobranceiro à povoação de Aldeia da Ponte, é uma estação arqueológica que só agora foi intervencionada, apesar de fazer parte, já algum tempo, da base de dados da “Carta Arqueológica do concelho do Sabugal”³. A existência de uma capela no topo, dedicada a Santa Bárbara, faz deste lugar uma referência religiosa para a comunidade local.

As referências bibliográficas sobre este sítio são praticamente inexistentes. Publicações como as *Memórias Paroquiais* de 1758⁴, onde já são referidos muitos outros sítios arqueológicos do concelho, ou a obra monográfica de Joaquim Manuel Correia, *Memórias sobre o Concelho do Sabugal* de 1946 (CORREIA: 1946), nada referem sobre possíveis vestígios ou descobertas arqueológicas neste monte ou nas redondezas. Nesta última publicação o autor faz uma descrição geral da povoação de Aldeia da Ponte e apenas refere a monumentalidade da igreja de Santa Bárbara entre muitas outras construções existentes na aldeia.

Assim, as primeiras referências a serem feitas sobre este local, aconteceram por volta do ano 2000 e foram de forma oral, partindo de duas pessoas naturais de Aldeia da Ponte: Ana Torrado, residente na aldeia, e o Arquitecto Paulo Marcos, técnico da autarquia, também natural e residente nesta povoação. Foram estes dois indivíduos que após terem detectado neste local alguns vestígios (machados, mós de vaivém, núcleos de barro, possivelmente pertencentes a cabanas e fragmentos de cerâmica manual) alertaram o Gabinete de Arqueologia do Município do Sabugal. Estava dado o primeiro passo para a confirmação da existência deste sítio arqueológico inédito, até então.

Por volta de 2001-2002, o arqueólogo da autarquia, Marcos Osório, alertado por pessoas residentes na localidade, da abertura de uma vala de construção de um muro de propriedade numa das moradias existentes no topo do relevo, deslocou-se pela primeira vez ao local e confirmou a existência de mais achados. A vala foi aberta no arranque da encosta poente do monte. Na observação da extensa vala (cerca de 20 m), mais concretamente das terras que tinham sido remexidas, foram observados e recolhidos diversos fragmentos de cerâmica manual apresentando alguns deles decorações penteadas e um exemplar com aplicações plásticas em conjunto com alguns líticos sem grande interesse. Dadas as

³ Trabalho ainda não publicado mas que está a ser desenvolvido pelos técnicos da autarquia do Sabugal, Marcos Osório (Arqueólogo) e Telmo Salgado (Geógrafo).

⁴ As mais antigas existentes no concelho do Sabugal.

características dos materiais e comparando-os com outros provenientes de sítios idênticos constatou-se a existência de uma mancha de ocupação atribuível ao período Calcolítico (III milénio a.C.). Além da detecção dos materiais, nessa vala, não foi identificado qualquer indício de estruturas construídas ou em negativo, nem sequer foi possível fazer uma leitura estratigráfica ou outro registo de interesse, ficando apenas o alerta para a marcação deste local como um sítio arqueológico a inventariar e a proteger de futuras ameaças como a construção de habitações civis. Ficava, assim, confirmada e oficializada a descoberta desta estação arqueológica.

Nos anos que se seguiram, em visitas esporádicas ao local efectuadas, quer pelo arqueólogo Marcos Osório, quer pelos conterrâneos Ana Torrado e Paulo Marcos, continuaram-se a recolher inúmeros artefactos de grande interesse arqueológico provenientes deste povoado. Estes materiais procediam do topo e das encostas meridionais, mas com maior frequência dos dois caminhos que acedem ao topo do relevo e à plataforma onde se encontra a capela. Os dias após as chuvadas eram os que proporcionavam os achados mais interessantes devido ao processo natural de escorrimento e remeximento das terras. No conjunto recolhido destacamos vários machados polidos, uma conta de colar de pasta cerâmica, elementos de sílex e vários fragmentos de cerâmica decorada, entre outros que foram inventariados e guardados no depósito arqueológico do Gabinete de Arqueologia da autarquia.

3.2. A INVESTIGAÇÃO ACTUAL: O REGISTO E A DIVULGAÇÃO

Dada a importância do sítio e, sobretudo, do conjunto de materiais descobertos, foi necessário dar a conhecer este sítio arqueológico à comunidade científica, ao concelho do Sabugal e à freguesia de Aldeia da Ponte.

Surge então, em 2005, a primeira referência a este sítio arqueológico, num artigo sobre o Calcolítico da região da Guarda, da autoria de Manuel Sabino Perestrelo e Marcos Osório (PERESTRELO e OSÓRIO, 2005). Neste artigo, os autores fizeram uma descrição geral de vários sítios desta região beirã, entre os quais, o de Santa Bárbara. Aí é feita a descrição da forma como o sítio foi descoberto e, sumariamente, uma primeira descrição morfológica, onde são destacados alguns materiais arqueológicos (PERESTRELO e OSÓRIO, 2005: 212), realçados nos desenhos dos fragmentos de cerâmica decorada e lisa e de um machado de pedra polida (PERESTRELO e OSÓRIO, 2005: 230 e 231).

Quando, em Junho de 2006, foi criada a exposição permanente de arqueologia do Museu do Sabugal, foram imediatamente previstas algumas vitrinas para os períodos da pré-história, em especial para o Calcolítico. Além deste período histórico, esta exposição

abarcaria ainda os vários períodos de ocupação humana no concelho do Sabugal terminando na Época Moderna.

Os materiais provenientes do povoado de Santa Bárbara, expostos no museu, resultaram da observação e de recolhas feitas na vala que foi aberta, das colheitas feitas à superfície do terreno nas prospecções e de algumas doações, constituindo um dos conjuntos mais significativos que compõe a exposição arqueológica. Estes materiais resumem-se a vários fragmentos de cerâmica decorada com bandas de incisões penteadas horizontais, onduladas e direitas (Est. IX, nº 11), um lingote de anfibólito (Est. IX, nº 22), um grupo de machados polidos (Est. IX, nº 24, 25 e 26), escropos (Est. IX, nº 33 e 34) e uma conta de colar de pasta cerâmica (Est. IX, nº 36), todos eles constam no catálogo publicado. Neste catálogo é apresentado todo o espólio exposto na exposição permanente do museu. Num texto introdutório que aborda a Pré-história do concelho do Sabugal, André Tomás Santos (SANTOS, 2008: 11-25) destacou esta estação arqueológica referindo-se aos materiais encontrados e à morfologia do relevo do local, apresentando uma fotografia (SANTOS, 2008: 18). No mesmo ano, a publicação de Raquel Vilaça faz uma breve referência a este povoado onde destaca, também, o espólio descoberto e as características geográficas deste sítio arqueológico (VILAÇA, 2008 b: 52). Estes dois autores não se alargam muito nas considerações sobre o local porque, na altura, não havia mais nada a dizer para além do que nos proporcionaram os materiais e o seu enquadramento natural, cingindo-se apenas às informações do artigo de Perestrelo e Osório (PERESTRELO e OSÓRIO, 2005). Também em 2008, no âmbito da elaboração da Carta Arqueológica do Município do Sabugal, foi realizada a delimitação total da área de vestígios da estação arqueológica de Santa Bárbara. Este trabalho foi efectuado com recurso a um aparelho de GPS, juntamente com o técnico do gabinete de SIG da autarquia. Conhecidas, razoavelmente, as zonas de maior concentração de materiais e verificada a não existência de quaisquer indícios de estruturas construtivas (taludes, amontoados de pedra ou qualquer outro tipo de construção arruinada) à superfície, apenas se teve em consideração a morfologia topográfica própria do relevo e das suas encostas (Est. X).

Foi, portanto, feito um levantamento interpretativo da área do povoado, estimada em cerca de dois hectares, que servirá de protecção para toda a zona arqueológica (Est. X). Convém destacar que na vertente noroeste teve-se como limite do povoado um muro de suporte de terras, dado que aí, em direcção à linha de água da ribeira de Aldeia da Ponte, a vertente é mais abrupta (Est. II), associado a um grande amontoado de pedras de quartzo dispersas pela encosta, que em tudo indiciavam a possibilidade de haver nesse flanco uma

estrutura defensiva construída. Quanto ao resto da área arqueológica, esse limite foi traçado um pouco intuitivamente tentando abarcar a área máxima de dispersão dos materiais (Est. X). O sítio está inventariado na Carta Arqueológica com o número ID 0302.

Tendo sido feito este registo no inventário, o mesmo passou a estar acessível a todos os técnicos da autarquia, inclusive aos que analisam os processos de obras públicas e privadas. Seria nesta secção que foi tomado conhecimento da entrada de um pedido de licenciamento de uma obra para moradia num terreno da encosta sul do relevo de Santa Bárbara, denominado pelo micro topónimo “Costa”. Num dos terrenos intermédios que compõem o relevo, quase no topo da encosta sul, virada para a povoação, pretendia-se fazer uma moradia com cerca de 900 m². Analisando o projecto constatámos que, curiosamente, tendo em conta a área arqueológica definida na Carta Arqueológica, a obra iria decorrer parcialmente dentro do povoado (Est. X). Perante este cenário de inevitável destruição do sítio arqueológico foram contactados os proprietários e foi-lhes comunicada a ocorrência. Também lhes foi sugerida, desde logo, a contratação de serviços de arqueologia para a realização de sondagens de diagnóstico para detectar eventuais vestígios arqueológicos no subsolo que pudessem ser destruídos com a construção da moradia. Os proprietários, por sua vez, solicitaram à Câmara Municipal do Sabugal o recurso ao Gabinete de Arqueologia para realizar este trabalho. Foi, então, feito um plano de trabalhos da responsabilidade dos arqueólogos municipais Marcos Osório e Paulo Pernadas, que foi enviado ao IGESPAR juntamente com o pedido de autorização. Obtida a aprovação para a realização dos trabalhos, o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal através dos arqueólogos da autarquia⁵ projectaram a realização de uma série de sondagens de diagnóstico para avaliar a extensão dos vestígios e a sua existência ou não em toda a área da obra.

Foi na sequência de minimizar o impacto da realização desta obra privada, prevista para o mês de Fevereiro de 2011, que se procedeu à primeira intervenção arqueológica neste povoado e que será descrita nos capítulos que se seguem.

⁵ Apoiados pelo funcionário da autarquia Paulo Andrade.

4. METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS USADAS NA INTERVENÇÃO

4.1. PLANIFICAÇÃO DA ESCAVAÇÃO

O planeamento dos trabalhos de escavação de emergência da estação arqueológica de Santa Bárbara não foram elaborados sem antes realizarmos uma nova visita ao terreno onde iria decorrer a obra. Apesar de o sítio já fazer parte do inventário da Carta Arqueológica Municipal e de já haver algum espólio exposto no museu, esta visita serviu para prospectar parte da encosta virada para sul, e projectarmos a localização das sondagens de diagnóstico.

No local onde iriam decorrer os trabalhos de escavação, verificámos que o solo evidenciava algumas marcas das lavras antigas, resultantes da exploração agrícola, estando coberto de vegetação rasteira, algumas giestas e pontuais carvalhos nas extremidades, junto dos muros de vedação. Estes muros eram feitos de pedra tosca de quartzo e também alguns blocos de granito (Est. XI).

A prospecção, neste terreno, revelou escassos vestígios arqueológicos à superfície, ao contrário da vinha que se situava a poente, lavrada entretanto, onde encontrámos bastante cerâmica, alguns líticos e um fragmento de peso de tear. Face à escassez de materiais arqueológicos à superfície e de qualquer testemunho de estruturas arqueológicas no subsolo, possivelmente destruídas pelas constantes lavras da exploração agrícola, pensávamos que a área onde seria construída a habitação não teria muito potencial arqueológico. O terreno onde os trabalhos de escavação iriam decorrer apresentava uma área de 3.000 m², mas a área prioritária onde era necessário intervir era nos 900 m² onde se iria erguer a moradia devido à remoção de terras e à possibilidade de destruição de qualquer vestígio existente nesta área (Est. XII).

No entanto, o plano da intervenção e a escolha da metodologia a pôr em prática não dependia só destas evidências. Havia uma série de factores, dos quais o Gabinete de Arqueologia estava dependente e que deveriam ser muito bem ponderados porque poderiam pôr em causa os resultados de todo o trabalho.

O primeiro de todos estes factores era a urgência na realização de uma série de sondagens arqueológicas previstas, que levaria ao adiamento do arranque da construção da habitação e o transtorno que traria para o dono da obra. Depois, outro factor, que nos condicionou, foi o facto de desconhecermos o tipo de estruturas que poderiam surgir nesta intervenção arqueológica. Apenas tínhamos os materiais obtidos nas visitas pontuais e a sua cronologia aproximada, mas não nos davam qualquer pista sobre o que poderíamos vir a descobrir no decorrer da escavação. Por fim, e o mais importante, teríamos que realizar, sob o

ponto de vista da escavação arqueológica, um plano e usarmos uma metodologia de forma a extrair o máximo de informação deste sítio arqueológico porque depois de concluída a intervenção haveria sempre a probabilidade do sítio ser afectado pela construção da habitação. Isto obrigava-nos a ter uma grande minuciosidade nos métodos de escavação, na elaboração dos registos estratigráficos e nas fotografias, teriam de ser realizados com o máximo de precisão de forma que nenhuma informação nos escapasse.

Perante este conjunto de evidências planeámos toda a intervenção com rigor, estando sempre dependentes dos resultados que obteríamos com a abertura das primeiras sondagens.

Concebemos uma quadriculagem como método de marcação das sondagens e registo dos materiais e de outros vestígios arqueológicos, que abrangeria toda a área que seria afectada directamente pela construção da habitação. Partindo do levantamento topográfico, criámos uma quadriculagem de acordo com a orientação do terreno (29 m no sentido noroeste - sudeste, de acordo com a própria inclinação do terreno, e apenas 36 m de largura no sentido sudoeste - nordeste, formando um rectângulo). Deste processo resultaram quadrículas de 2×2 m, X e Y respectivamente, sendo cada quadrícula identificada por algarismos no sentido sudoeste - nordeste e por letras do alfabeto no sentido noroeste - sudeste (Est. XIII). Tendo em conta esta quadriculagem do terreno, todas as sondagens que foram marcadas e abertas são coincidentes com esta orientação e com esta marcação. Este método também nos seria muito útil numa fase posterior da escavação, quando procedermos à realização do inventário de todos os vestígios arqueológicos que seriam encontrados durante a escavação.

Quanto ao projecto, tratava-se de uma moradia que seria edificada nos dois terços da parte superior do terreno, onde foi planeada a quadriculagem, deixando quase metade sem afectação. O imóvel ocupava uma área considerável e teria apenas um piso, embora aproveitando o declive do terreno venha a ter na parte inferior garagens e cave. É um edifício de planta rectangular com muitas reentrâncias, cortes e saliências não chega a ser um rectângulo perfeito (Est. XII). Seria portanto uma construção que causaria grandes danos a esta estação arqueológica, caso não se procedesse aos trabalhos de escavação de forma a minimizar o seu impacto.

4.2. PROCESSO DE ESCAVAÇÃO

4.2.1. PRIMEIRA FASE: SONDAGENS DE DIAGNÓSTICO/PRELIMINARES

A **primeira fase** da intervenção arqueológica baseou-se na abertura de 3 sondagens de diagnóstico alinhadas pela orientação natural do terreno, de noroeste - sudeste, e dos muros de propriedade. Estas sondagens serviram para verificar, inicialmente, o potencial estratigráfico e

a existência ou não de vestígios arqueológicos. Na projecção das mesmas tivemos a preocupação que incidissem dentro da área prevista de afectação do projecto de construção da moradia.

A sondagem 1 foi aberta a cerca de 8 m do muro poente do terreno, com as dimensões de 2×6 m, correspondendo às quadrículas (Q-ABC.5) (Est. XIV). No seguimento dos trabalhos de escavação, como esta sondagem não estava a dar grandes resultados sob o ponto de vista arqueológico, foi interrompida e optámos por abrir somente a metade poente (Est. XIV).

A sondagem 2 (Q-DEF.14) foi efectuada mais para nascente e, em função dos resultados da primeira sondagem, optámos por abrir só 1×6 m. Esta sondagem foi mais tarde ampliada para a parte noroeste do terreno em 2 m (Q-G.14) devido ao surgimento de alguns indícios estratigráficos e algumas pedras que nos obrigaram a estendê-la mais para nordeste. No final a sondagem ficou com 1×8 m (Est. XIV).

A última, a sondagem 3 (Q-DEF.10) foi realizada entre as sondagens 1 e 2, na parte intermédia do terreno; esta sondagem também ficou com as dimensões de 1×6 m (Est. XIV).

Foi com estas três sondagens que começámos a fazer uma abordagem preliminar ao terreno em termos de estratigrafias, materiais e estruturas. Nesta primeira fase de abertura das sondagens 1, 2 e 3 (sondagens de diagnóstico) o objectivo era ter uma ideia do potencial estratigráfico, dos materiais e das estruturas que poderiam existir no terreno. Estas três sondagens foram situadas em pontos diferentes do terreno de forma a obter alguns dados que influenciassem o desenrolar da intervenção (Est. XIV).

Enquanto a sondagem 1 (Est. XV) não deu qualquer elemento de interesse, apresentando apenas um estrato com escassos materiais e atingindo praticamente o nível de saibro natural, a sondagem 3 pôs à vista algumas pedras de tamanho médio, dispersas aleatoriamente. Mas foi na sondagem 2 que se obteve, nomeadamente na parte superior da sondagem, uma grande quantidade de pedras de quartzo que estavam assentes e encostadas umas nas outras. A estas pedras estava associada uma camada de terra bastante escura que aparecia debaixo dos níveis estratigráficos superficiais, que nos obrigou, posteriormente, a alargar a sondagem dois metros para norte, durante esta primeira fase (Est. XVI). Com esse alargamento verificámos que continuava a haver mais pedras e que o nível estratigráfico de terra escura se prolongava para norte, para a parte superior da sondagem.

Face a esta descoberta, decidimos concentrarmo-nos nesta área da sondagem 2, do lado nascente do terreno, e abandonámos as sondagens 1 e 3, que não tinham dado qualquer vestígio relevante.

Tendo então a sondagem 2 proporcionado vestígios estratigráficos e empedrados com interesse arqueológico, associados a materiais de qualidade e de maior tamanho, decidimos abrir sucessivas sondagens em torno desta sondagem 2, deixando banquetes entre si, para assim ficarmos com cortes horizontais úteis para o registo gráfico e interpretação das camadas estratigráficas.

Assim, esta primeira fase da intervenção corresponde ao momento de abertura das três sondagens de diagnóstico, com a confirmação da existência de vestígios arqueológicos junto da sondagem 2, que nos levou à abertura de outras sondagens em torno desta.

4.2.2. SEGUNDA FASE: SONDAGENS POSTERIORES E ALARGAMENTOS

A **segunda fase** correspondeu, inicialmente, ao momento em que decidimos abrir sondagens em torno da sondagem 2 de forma a podermos compreender os vestígios que aí tinham sido descobertos.

Nesse sentido, foi aberta imediatamente a sondagem 4 (Q-FG.13), com as dimensões de 3×2 m que encostava do lado poente à sondagem 2 (Est. XIV). Basicamente foi um alargamento; optámos por nem deixar banquete. Tínhamos a intenção de perceber o que acontecia às pedras e ao estrato de terra escura na parte superior da sondagem 2.

Depois a sondagem 5 (Q-HIJ.15) (Est. XIV), de maiores dimensões, com 2×6 m para nascente, serviu para verificarmos se estes vestígios se continuavam a prolongar para norte. Logo de seguida, a sondagem 6 (Q-HI e metade da 13 e 14), com 2×4 m, a norte das sondagens 2 e 4 (Est. XIV). Aqui optámos por deixar uma banquete. Tendo-se verificado que na sondagem 2, 4, 5 e 6 aparecia a mesma mancha de terra escura, a que demos inicialmente o nome de Mancha 1 (Est. XVII), escavámos também do lado nascente da sondagem 2, com uma banquete no meio – a sondagem 7 (quadricula G e parte da F em parte das quadrículas 14 e 15) (Est. XIV) com as dimensões de 2×4 m.

Assim, na sondagem 5 identificámos duas outras manchas que demos o nome de Mancha 2 (Est. XVIII), a sudeste dessa sondagem, e o início de uma terceira mancha, a Mancha 3 (Est. XIX), na parte noroeste da sondagem, no topo do terreno. Para definir melhor a mancha que aparecia do lado sudoeste, imediatamente a nascente da Mancha 1, abrimos a sondagem 8 (abrangia parte da quadricula GH, toda a 16 e um pouco da 17) com 2,5×2 m (Est. XIV). Aqui definiu-se claramente por toda a sondagem uma grande mancha que abarcava a quase totalidade da área escavada – a tal Mancha 2 que aparecia na sondagem 5. Esta mancha parecia ser mais pequena e de tendência circular (Est. XVIII).

Na continuidade dos trabalhos foram abertas ainda mais duas sondagens, a 9 e 10. O seu objectivo era avaliar se porventura estas manchas, os empedrados e todos estes níveis arqueológicos não existiriam também mais para poente do terreno e não se restringiam apenas a esta área a nascente.

A sondagem 9 (Q-GHI e metade da 5), com as dimensões de 1×6 m apresentou características muito semelhantes às primeiras (Estampa XIV). Tal como a sondagem 1, pois está na mesma quadrícula 5 embora mais para noroeste, também não apresentou nenhum elemento de interesse apenas com dois níveis e escassos materiais, atingindo rapidamente o substrato saibroso. A sondagem 10 (Q-IJ.10) foi aberta entre a sondagem 9 e o espaço das sondagens 2, 4, 5, 6, 7 e 8, com 2×4 m (Est. XIV). Nesta intervenção detectamos novamente níveis estratigráficos de terra escura associados a empedrados menos volumosos e algum espólio arqueológico de interesse.

Posteriormente à abertura destas sondagens, foram realizados trabalhos de alargamento e de remoção das banquetes entre as sondagens realizadas até aqui (Sondagens 2, 4, 5, 6, 7 e 8), passando a escavação a ser feita em área. A conclusão destes trabalhos permitiu-nos verificar, melhor, o que eram aquelas manchas, o seu contorno e para onde é que se estenderiam.

Quanto aos alargamentos, foram feitos 8 de acordo com a quadriculagem do terreno quer para sul, norte, poente e nascente das sondagens abertas. O alargamento⁶ I (Q-E e parte da F.13) corresponde a um alargamento da sondagem 4 em cerca de 3 m para a parte inferior do terreno, no sentido sudeste (Est. XIV). Aqui pretendíamos ver qual a extensão da Mancha 1 para sul (Est. XVII). Se ela findava aí ou se prolongava. O alargamento II (Q-HI.14) correspondeu à remoção de uma faixa com 1×4 m, situada entre as sondagens 5 e 6 – uma espécie de banquete (Est. XIV). O alargamento III (Q-G.15) foi o mais pequeno, pois tratou-se da remoção de 1 m² de terreno. Foi feito entre as sondagens 5, 7 e 8 (Est. XIV). O alargamento IV também foi pequeno, apenas uma pequena extensão da sondagem 7, para sudeste, em mais um metro, abrangendo a totalidade da quadrícula F.14 e 15 (Est. XIV). O alargamento V (Q-KL.14 e 15) é o maior, com 4×3 m, e pretendeu definir a continuidade da Mancha 3 que tínhamos encontrado na parte superior da sondagem 5 (Est. XIV). Os alargamentos VI, VII, e VIII (Q-HIJ.16 e 17) foram feitos sucessivamente por ordem cronológica, devido ao facto de, na sondagem 5 e 8, ter sido detectada a Mancha 2⁷, e

⁶ Termo que achámos que seria o mais indicado para descrever esta fase dos trabalhos de prolongamento de algumas sondagens onde detectámos vestígios arqueológicos.

⁷ Esta mancha, como eram duas e estavam muito próximas, acabaram por ficar a Mancha 2A e 2B.

serviram para ver a sua extensão para norte (Est. XVIII). Estes alargamentos criaram uma área total de escavação de 4×4,5 m (Est. XIV).

Nos alargamentos referidos podemos confirmar o contorno de grande parte das manchas escuras e dos empedrados que foram encontrados inicialmente nas sondagens. Definimos uma mancha de 4×4 m, Mancha 1, uma menor de 1,5×1,5 m, mais para nascente, e começámos a definir a Mancha 3 e, posteriormente, a 4, na parte superior da sondagem 5 e do alargamento 5 – mais pequenas (Est. XIV e XX).

Assim podemos constatar, nesta segunda fase, que as sondagens e respectivos alargamentos em toda esta área que criámos, na parte nascente do terreno, tinham posto a descoberto um conjunto muito importante e complexo de manchas de terra escura, associadas a empedrados e a níveis estratigráficos com bastante espólio totalizando uma área aberta de 120 m² (Est. XX).

Também nesta segunda fase, com os resultados obtidos na sondagem 10, ficámos com a percepção de que o empreendimento habitacional seria construído em cima de diversas manchas complexas, marcadas por vários testemunhos ocupacionais presumivelmente do período Calcolítico. Perante esta descoberta, e num contexto de escavação de emergência, sentimos a necessidade de voltar a mudar de estratégia e tivemos que recorrer a outros meios de forma acelerar a intervenção, que constituem a terceira fase.

4.2.3. TERCEIRA FASE: RECURSO A MEIOS MECÂNICOS

A **terceira fase** correspondeu à remoção por meios mecânicos da camada superficial das lavras do cultivo, em toda a área da intervenção onde se pretendia edificar a moradia, para rapidamente se definirem as manchas.

Depois de verificarmos que na sondagem 10 havia mais manchas, a Mancha 5, para poente da área onde apareceram as iniciais, colocámos de imediato a hipótese de que toda a área onde iria ser feita a moradia poderia estar marcada por mais estruturas arqueológicas, mais manchas de terra escura em negativo, como as já descobertas.

Tendo todas as sondagens e respectivos alargamentos demonstrado que todo o terreno era composto por uma camada superficial – bastante remexida devido às constantes lavras⁹, solta e saibrosa – colocámos, então, a hipótese de retirar todo este substrato superficial em toda a área de construção do projecto da moradia, através de uma máquina *Bobcat*. A adopção desta nova metodologia de emergência na intervenção do local aceleraria os trabalhos e

⁸ Corresponde a 77 m² em sondagens e 43 m² nos alargamentos.

⁹ Na raspagem do saibro natural, para pormos as manchas de terra escura à vista, encontramos formas em negativo provocadas pelas lavras a que o terreno foi sujeito.

rapidamente definiria a dispersão máxima de todas estas manchas e colocaria à vista mais alguma que ainda estivesse por descobrir. Foi então solicitado ao IGESPAR uma visita ao terreno para explicarmos melhor esta metodologia.

Após a visita, e tendo este Instituto concordado com a nossa proposta de trabalho, procedemos aos trabalhos com a máquina que foi removendo as terras superficiais em cerca de 20-30 cm, com o nosso acompanhamento e a nossa observação constante. Em torno das áreas já abertas, sondagens e respectivos alargamentos, foram retiradas banquetes e foi tudo decapado até à cota do topo das manchas e do afloramento, na área envolvente a estas manchas (Est. XXI).

Na área imediatamente a poente da sondagem 10, mais concretamente na zona a sul e sudoeste da Mancha 1 foram identificados, à superfície, áreas de coloração escura, algumas pedras de quartzito e pedaços de barro queimado. Naquele momento ficámos com a impressão de que provavelmente existiriam mais manchas ou que as manchas anteriormente identificadas se prolongariam.

Depois de retirados os estratos superficiais por meios mecânicos passámos a fazer a limpeza do terreno através de meios manuais. Neste trabalho foi-se pondo o afloramento à vista onde se notava que estava a aparecer e nas zonas de terra mais escura, fomos definindo as manchas (Est. XXII). Esta limpeza do terreno permitiu definir as áreas prioritárias para continuarmos a intervenção. A metodologia empregue nesta terceira fase permitiu definir mais três novas áreas de interesse arqueológico:

A primeira área assinalada foi a nor-noroeste dos alargamentos 5, 6, 7 e 8, uma área de 4,5×5 m que abrange as quadriculas JKL.16 e 17 e parte da 18 (Est. XIV). Em todo este espaço, a remoção de terras por meios mecânicos, permitindo definir mais manchas e a continuação das Manchas 2 e 3 e a existência de mais empedrados, com alguns elementos de moagem de vaivém.

A segunda nova área de intervenção foi a definição da Mancha 5 para sudoeste da sondagem 10 (Est. XIV). A mancha identificada na sondagem 10 prolongava-se nitidamente para fora da mesma e com o recurso aos meios mecânicos verificámos que se estendia bastante mais para sudoeste. Aqui também foi identificada, tangencialmente a esta mancha, uma área de concentração de terra escura, associada a barro queimado e cozido, que evidenciavam a existência de outro tipo de vestígios mais interessantes. Além deste barro queimado também apareceram algumas pequenas lajes de granito associadas. Parecia tratar-se de uma lareira que só mais tarde com a escavação total se evidenciou, estávamos perante a primeira estrutura de combustão descoberta neste local (Est. XXIII).

A última zona detectada, com estes trabalhos mecânicos de remoção de terras superficiais, foi na parte su-sudeste do terreno, entre as sondagens 2 e 3 e, respectivamente, sondagens 1 e 3 (Est. XIV). Para sul das sondagens 1, 2 e 3 notava-se a continuação de manchas de terra escura com alguma extensão que pareciam prolongar para sul a Mancha 1, talvez em 10 a 15 m, pois detectavam-se não só áreas de terra mais escura, como algumas pedras de quartzo à superfície, após a passagem da máquina (Est. XXII).

Após a conclusão da acção da máquina, e com novas áreas definidas, demos início à quarta fase na intervenção.

4.2.4. QUARTA FASE: ESCAVAÇÃO EM ÁREA

A **quarta fase** correspondeu à escavação de grandes áreas do terreno, através do método de *open-area*, dos prolongamentos das manchas anteriormente detectadas (Est. XIV). A maior parte dos sectores escavados era de grande dimensão, para evitarmos a abertura de demasiadas sondagens e banquetes e obtermos uma rápida definição dos topos e contornos das manchas, sem termos de alargar constantemente.

A escavação destas grandes áreas quadriculares, após a decapagem da máquina, começou com uma limpeza do terreno definindo o afloramento onde aparecia e o contorno das manchas escuras.

De seguida, com o substrato rochoso à vista e com as manchas definidas, criámos as áreas específicas de sondagem que incidissem directamente sobre as estruturas arqueológicas.

Assim, foram três sectores sujeitos a escavação: A área das quadrículas JKL.16 e 17 (Est. XIV), para compreender a extensão das manchas 2 e 3 para norte. A área das quadrículas HIJ.8 e 9 (Est. XIV) para abordar em pormenor a Mancha 5 para sul e, por fim, as grandes áreas do prolongamento da Mancha 1, na sua extremidade sul e norte, respectivamente: Q-A.6,7,8 e 9; bem como Q-DEF.12 e 13 (Est. XIV e XXIV).

Os trabalhos desenvolveram-se, aí, pela cadenciada e lenta decapagem das manchas escuras encontradas, começando a colocar à vista os empedrados quer a norte dos alargamentos 6, 7 e 8, quer a poente da sondagem 10 (Est. XIV), quer no prolongamento da Mancha 1, que cada vez mais se assemelhava a um fosso (Est. XXIV). Em todas estas manchas, após a nossa limpeza manual, obtivemos o topo dos empedrados entulhados ladeados com a terra escura (Est. XXV).

Nesta quarta fase, abrimos ainda duas sondagens circunscritas e de diagnóstico. A sondagem 11 (Q-A'AB.9) tinha 1×6 m (Est. XIV), com o fim de fazer uma observação directa do prolongamento da Mancha 1 para sul, que a máquina pusera à vista. Nesta área, tínhamos

suspeitas da existência de uma grande estrutura em negativo, bastante comprida e com 3 a 4 m de largura, ideia de um fosso. Pretendíamos também obter um corte nesta mancha para tentar compreender qual seria a sua funcionalidade e natureza (Est. XXVI). A sondagem 12 (em partes das quadrículas G.6 e 7) tinha 3×2 m, encostou à sondagem 9, imediatamente a nordeste, abarcando a área onde aparecia muito barro cozido e lajes de granito (Est. XIV e XXIII). Pretendia-se fazer uma intervenção circunscrita e directa sobre o que considerámos que seria a única estrutura em positivo deste habitat.

4.2.5 QUINTA FASE: SONDAGENS COMPLEMENTARES

Concluída a escavação da área que iria ser afectada directamente pela construção da habitação, nesta **quinta fase** decidimos abrir ainda mais duas sondagens, a 13 e 14, para averiguar o prolongamento dos vestígios encontrados, para nascente e poente (Est. XIV).

A sondagem 13 foi aberta fora da propriedade murada, num caminho rural que fica a nascente e que dá acesso à capela de Santa Bárbara. Como esta vereda era estreita e a nossa intenção era apenas verificar se os vestígios se prolongavam, a sondagem tinha as dimensões de 1×5 m, com a mesma orientação das sondagens anteriores e alinhada pelo caminho (Est. XXVII).

Inicialmente, em termos estratigráficos, observaram-se os níveis recentes de pavimentação do caminho. A cerca de 5-10 cm de profundidade começou a aparecer o nível de terra escura, semelhante ao que definiu as fossas que encontrámos no interior do terreno. Na parte sudeste da sondagem, após a remoção do nível superficial apareceu o rebordo de uma estrutura em negativo. Na continuação da escavação, rapidamente detectámos o topo de um empedrado de quartzo leitoso, mais concentradas a sudeste, junto da área de delimitação interna da fossa. A remoção destas pedras revelou um machado de pedra polida fracturado e na remoção da camada de terra escura apareceram alguns materiais cerâmicos bastante fragmentados.

Esta estrutura aberta no saibro apresentou no corte norte da sondagem cerca de 50 cm de profundidade que depois diminui na parte inferior terminando quase à cota da superfície com a cota de saibro natural.

A escavação desta sondagem permitiu-nos observar o prolongamento dos vestígios que tínhamos encontrado no interior do terreno, para poente, a uma cota superior da encosta, mais perto do topo da plataforma de Santa Bárbara.

Confirmada a continuidade dos testemunhos de ocupação para nascente, optámos por abrir ainda a sondagem 14 na outra extremidade da área escavada, a oeste da Mancha 1 e a sul da sondagem 1, com as mesmas dimensões de 1×5m (Est. XIV).

Estes trabalhos revelaram uma estratigrafia muito alterada, sem qualquer empedrado ou mancha de terra escura. Os únicos vestígios apareceram apenas na cota final, na raspagem do saibro, onde se destacaram umas pequenas cavidades com terra mais escura no interior. Com a descoberta destes pequenos orifícios, muito semelhantes aos descobertos junto da Mancha 1, ficou evidente o prolongamento deste tipo de vestígios apesar de se tratarem de estruturas diferentes das encontradas na sondagem 13 (Est. XXVIII).

Com a conclusão da escavação destas sondagens findámos os trabalhos de remoção de terras nesta intervenção arqueológica. Verificámos que provavelmente o relevo de Santa Bárbara estará repleto de vestígios arqueológicos; resta-nos saber em que estado de conservação e alertou-nos para o facto de futuras construções neste local não danifiquem, ainda mais, estes vestígios arqueológicos.

No final da escavação de todas as sondagens e alargamentos, e posto o topo das várias manchas à vista (Est. XXV), verificámos que foram abertos cerca de 372 m²¹⁰ - o que corresponde a 12% dos 3.000 m² do terreno e a 41% dos 900 m² onde seria construída a moradia.

Esta intervenção foi realizada entre o mês de Março de 2009 e Junho de 2010 e contou com a colaboração de uma equipa bastante vasta. A tempo inteiro estiveram os arqueólogos municipais, Marcos Osório e Paulo Pernadas acompanhados pelo funcionário Paulo Andrade. Depois contámos com o apoio de um grupo de alunos de Arqueologia da Universidade de Coimbra, numa das campanhas de Verão, alguns habitantes da aldeia, e quando necessário tivemos o apoio dos funcionários externos da autarquia. Na realização dos trabalhos de topografia e levantamento das estruturas e empedrados tivemos o contributo do gabinete de SIG da câmara municipal.

Entretanto, concluídos os trabalhos de escavação e face à natureza precívél das construções descobertas, e não se justificando a sua preservação, em conjunto com o IGESPAR foi tomada a decisão de permitir o avanço da construção da moradia que actualmente podemos confirmar se visitarmos este local.

¹⁰ Nesta medida não está incluída toda a área removida pela máquina, terceira fase dos trabalhos, que não podemos calcular mas que seguramente completaria toda a área dos 900 m² que ocuparia a construção da habitação.

5. AS ESTRUTURAS E ESTRATIGRAFIA

Uma grande parte das estruturas arqueológicas identificadas no sítio de Santa Bárbara foi descoberta na sequência da abertura das sondagens e dos respectivos alargamentos. A restante área de vestígios apareceu numa fase posterior, durante os trabalhos de remoção dos níveis superficiais pela máquina, que permitiu expor o prolongamento das estruturas descobertas e pôr à mostra outras que estavam no espaço envolvente. Esta decapagem, feita pela máquina, ao longo da encosta, revelou de imediato diversas manchas de terra escura e vários empedrados (Est. XXV). Após a remoção destes níveis estratigráficos, foram-se evidenciando os contornos das cavidades abertas no saibro natural. Verificámos, então, que a maioria das estruturas existentes no local eram em negativo, excepto uma pequena área de combustão construída com pedras e barro, mas que, ainda assim, também foi escavada no saibro para a sua implementação.

As estruturas negativas identificadas são, no seu conjunto, bastante heterogéneas nas formas e dimensões que apresentam, e mais homogéneas em relação aos níveis estratigráficos conservados no recheio de cada uma.

O facto de o terreno já ter sido muito afectado pela recente e contínua actividade agrícola fez com que, para além do remeximentos das unidades estratigráficas superficiais, algumas destas estruturas estejam bastante alteradas em relação à sua forma original.

Ao longo da área de intervenção do projecto da moradia foi descoberto um grupo considerável de estruturas escavadas no saibro que seguidamente descrevemos.

5.1. MANCHA 1

Denominámos como Mancha 1 (Est. XXV) a extensa mancha de terra escura detectada à superfície, após a passagem da máquina, da qual resultou o achado de um conjunto de estruturas em negativo, que levaram algum tempo a ser identificadas e compreendidas. Esta grande estrutura, em negativo, foi a primeira a ser descoberta, numa fase da escavação em que ainda não sabíamos que tipo de vestígios estávamos a definir. Foi identificada na abertura da segunda sondagem de diagnóstico, onde detectámos uma unidade estratigráfica de terra escura, com materiais, o primeiro nível arqueológico descoberto e conservado. Com o evoluir da escavação, deparámos que começava a ganhar a forma de um fosso, passando a ser chamada como tal. Este extenso fosso situava-se na parte central do terreno e definia o limite meridional do sítio arqueológico, porque a sul desta estrutura não foram identificados mais vestígios arqueológicos, apenas a continuidade do substrato rochoso. Esta estrutura é também

a mais complexa, em termos “arquitectónicos”, e a que ocupa uma área maior, com diversas cavidades no seu interior.

Inicialmente, esta mancha estava cingida à área aberta pelas sondagens 2, 4, 5, 6 e 7 e pelos alargamentos I, II, III e IV, na zona intermédia da encosta do terreno (Est. XIV). Só mais tarde, na 3ª fase, com a intervenção da máquina, é que verificámos que esta mancha se prolongava para sudoeste ao longo de 20 – 25 m de extensão (Est. XXIV e XXV), concluindo que se trataria, pela sua fisionomia, de um grande fosso que poderia, ou não, circundar o topo do relevo de Santa Bárbara.

Para confirmar este pressuposto, optámos por abrir a sondagem 11 (Est. XIV), na parte intermédia desta grande mancha escura. A intenção da abertura desta sondagem seria para obtermos o registo de um corte vertical desta eventual depressão e verificarmos a sua potencialidade em estratigrafia e profundidade (Est. XXIX).

Findo o trabalho de escavação e feitos os devidos registos desta sondagem avançámos para a escavação em área – 4ª fase. Na implementação deste método ficámos com duas áreas distintas: uma mais intermédia entre a sondagem 11 e a sondagem 4 com o alargamento I, a nordeste; e outra na parte terminal da mancha escura, a sudoeste da sondagem 11 (Est. XIV).

Começámos então, por escavar desde o corte leste da sondagem 11 até ao limite inferior da mancha, em mais cerca de 7 m de comprimento. A escavação deste terço mais meridional do fosso, a oeste da sondagem, permitiu tecer algumas considerações interessantes, as primeiras sobre esta estrutura.

Constatou-se que, aí, o fosso tinha um traçado mais ou menos direito, com uma largura máxima de 3 m e uma profundidade de cerca de 1 m. A parte final terminava subitamente sem qualquer indício ou razão, fechando com um ligeiro estreitamento arredondado e suave no rebordo do fosso (Est. XXX).

Entretanto, também avançámos com a escavação da área que ficava a sul e oeste da sondagem 4 e do alargamento I (Est. XIV) para percebermos a continuidade da Mancha 1 para o lado meridional.

Como a área de escavação em causa era muito grande e tratava-se de uma intervenção de emergência, optámos por deixar uma zona onde decidimos não intervir, correspondeu às quadrículas D, E, F.10 e 11, a leste da sondagem 3 (Est. XIV). Mesmo assim, tanto nesta área não escavada como na restante foi colocado a totalidade do empedrado à vista, detectado logo após a passagem da máquina, tendo sido posteriormente desenhado e cotado (Est. XXV). Após estes trabalhos de registo, as pedras foram removidas e deu-se continuidade à escavação com o objectivo de definir os contornos superficiais, os contornos do interior e finais da

estrutura, analisando com rigor a estratigrafia destes enchimentos. De salientar o facto de o empedrado superficial do fosso, na parte superior nordeste apresentar características muito diferentes face à extremidade sul, pois as pedras não eram tão grandes nem estavam tão concentradas. Também verificámos a constante posição das pedras de maior tamanho do lado ocidental do fosso, encostadas ao rebordo poente, ao longo de toda a estrutura.

Quanto aos materiais arqueológicos¹¹, além dos fragmentos cerâmicos, foram encontrados, sobretudo nos estratos superiores do enchimento do fosso e no seu topo norte, algumas pontas de seta, uma faca em sílex e um pendente. Também apareceram uma série de pesos de tear em barro fracturados, pesos de rede em seixo de rio com duas fracturas dos lados e duas bigornas, uma delas com reutilização após fractura. Na remoção dos empedrados, também, foram descobertas diversas mós dormentes, todas fracturadas, algumas de grandes dimensões, materiais que descreveremos com maior detalhe no capítulo 6 desta monografia.

Durante o processo de escavação dos empedrados e dos vários estratos arqueológicos, até à cota de saibro, deparámos com a existência de algumas fossas menores abertas no interior deste fosso. Apresentavam tendência oval, com recheio de terra escura e tinham maior profundidade do que a base do próprio fosso. Assim, percebemos que aquilo que pensávamos ser um fosso, mais ou menos uniforme na largura, profundidade e perfil, ao longo de toda a sua extensão, se dividia em fossas circulares menores, que fomos sucessivamente designando como fossa 1A, 1B, 1C, 1D e 1E (Est. XXXI e XXXII).

Estas estruturas foram individualizadas em termos de registo, mas na descrição estratigráfica deu-se continuidade à que já vinha na descrição de toda a Mancha 1 / Fosso. A partir destas descobertas, a teoria e a ideia de um fosso, que até aqui pensávamos existir, a meia encosta, deu origem a uma nova reflexão, de uma provável habitação doméstica com pequenos compartimentos no interior (Est. XXXI, XXXII e XXXIII). A problemática do surgimento de pequenas fossas dentro de uma fossa maior levou-nos a pensar numa possível organização do espaço interior das habitações em pequenos compartimentos e que, possivelmente, teriam várias funcionalidades, ideia que desenvolveremos no capítulo 7.

Seguidamente descrevemos as várias fossas descobertas no interior desta grande mancha e começamos, precisamente, pelas que foram encontradas dentro do perímetro que inicialmente definimos como fosso.

¹¹ Alguns dos materiais referidos foram descobertos na fase posterior de escavação das fossas 1A, 1B, 1C, 1D e 1E.

5.1.1. FOSSA 1A

A fossa 1A corresponde a uma depressão que apareceu no topo norte do fosso (Est. XXXI, XXXII e XXXIII). Além do conjunto de pedras em quartzo leitoso, que a revelou, também apresentava um nível final de terra escura, que aclarava na base, em contacto directo com o saibro.

A sua escavação total revelou uma estrutura em negativo com uma área de cerca de 8 m², que se prolongava pelas sondagens 2, 5, 6 e 7, e pelos alargamentos II e III (Est. XXXIV). A planta apresentava um contorno irregular de forma elipsoidal, com as dimensões de 4,25 m de comprimento, na orientação noroeste - sudeste, e 2,30 m de largura (Est. XXXI).

No interior, a fossa tem uma secção plano-côncava, o rebordo nor-nordeste evidenciava paredes mais altas e direitas em cerca de 60 cm¹² do fundo da fossa até ao topo, enquanto no rebordo sudoeste, a depressão era apenas marcada em cerca 10 cm, em que mal se distinguiu o declive da delimitação da fossa. Perante a altura que as paredes desta fossa apresentavam no sentido nor-nordeste, e face à quase inexistência das mesmas no sentido oposto, é possível assumirmos uma entrada para este espaço pelo lado sul, já dentro da área que denominamos como fosso (Est. XXXI e XXXII).

A julgar pelos inúmeros e pequenos núcleos de barro descobertos nas unidades estratigráficas finais, alguns com as marcas circulares em negativo de paliçadas, podemos pensar no seu uso na sustentabilidade de paredes em pedra ou na cobertura desta estrutura com elementos em madeira.

No topo dos rebordos norte e noroeste encontrámos duas pequenas cavidades¹³ de planta subrectangular (Est. XXXV). Ambas foram descobertas numa fase posterior à escavação desta fossa, na raspagem do afloramento para a realização do registo fotográfico final. Dadas as formas que apresentam e pela sua localização, no rebordo da fossa, possivelmente estes orifícios poderão corresponder a buracos de poste que serviriam para suportar a cobertura desta fossa 1A.

Definir funcionalidades para este tipo de construções é sempre muito complicado, no entanto devido às suas dimensões, às características do espaço interior, pouco profundo e aplanado ao centro, e em combinação com os buracos de poste e as argamassas de barro, usados no revestimento e na cobertura desta construção, equacionámos a possibilidade de se tratar de um fundo de cabana, que provavelmente serviu de abrigo aos indivíduos da

¹² A profundidade destas estruturas foi calculada partindo do levantamento topográfico que foi realizado e pelos perfis que foram desenhados. Este trabalho está reflectido nas estampas XXXII e LXXXVI.

¹³ No subcapítulo 5.9 abordaremos estes elementos descobertos junto desta fossa.

comunidade que habitou este local. Entre os materiais arqueológicos encontrados no interior desta fossa o destaque vai para a cerâmica, uma ponta de seta, um pendente, uma lâmina retocada e um fragmento de peso de tear, materiais que descreveremos mais à frente e que apontam para o uso quotidiano deste espaço sem podemos apontar para uma actividade específica, dada a variedade de materiais, que se possa ter desenvolvido aqui.

5.1.2. FOSSA 1B

A remoção do extenso e concentrado empedrado visível a norte do denominado fosso acabou por revelar duas estruturas independentes. A fossa 1B foi descoberta e escavada nas mesmas circunstâncias que a fossa 1A, apesar de, depois, se ter revelado uma estrutura de menor dimensão e de planta e orientação diferente. Situa-se junto do rebordo nascente do espaço que denominámos como fosso, logo ao lado da fossa 1A, prolongando-se pelas sondagens 2 e 7 e pelo alargamento IV (Est. XXXIV), ocupando uma área total de 5,53 m² (Est. XXXI e XXXIII). De planta oval, tem um comprimento de 3,02 m, no sentido nordeste - sudoeste, 2,40 m de largura e cerca de 0,50 m de profundidade. Também apresenta as paredes do lado leste mais altas e direitas que no rebordo que fica na parte interior da fossa, no entanto, todo o contorno está bem delimitado e é facilmente perceptível. Esta estrutura é de planta circular e de secção côncava, e tem uma orientação completamente distinta da fossa 1A (Est. XXXI, XXXII e XXXIII).

Dada a disposição desta estrutura, teria, possivelmente, funcionalidades diferentes da fossa 1A porque na escavação não foram encontrados nem buracos de poste nem argamassas de barro associadas, apenas materiais cerâmicos, dois fragmentos de tear e alguns líticos, como uma ponta de seta.

O facto de as paredes, desta fossa, a nordeste e leste serem mais altas face às do sentido oposto levou-nos a concluir que o acesso a este espaço também se faria, tal como a fossa 1A, do interior do fosso, isto é do lado sul, onde a cota de saibro é inferior à cota do terreno (Est. XXXI e XXXII). Com isto ganhava cada vez mais a ideia de uma organização do espaço interior de uma estrutura maior que teria várias divisões com determinadas funcionalidades específicas, que por vezes não conseguimos especificar como aconteceu com o caso desta fossa.

5.1.3. FOSSA 1C

A terceira cavidade, a fossa 1C, foi encontrada a poente da sondagem 4 e do alargamento I (Est. XXXIII). Fica um pouco mais abaixo no declive da encosta e a sudoeste

das depressões 1A e 1B (Est. XXXI, XXXII e XXXIII). Apenas foi escavada metade desta fossa, pois a restante área da depressão prolongava-se para a zona da banquetete que optámos por não escavar (Est. XXXVI).

Revelou-se ser uma estrutura negativa de grande profundidade com uma estratigrafia bastante mais complexa. A área escavada pôs à vista um contorno feito de paredes elipsoidais, com uma abertura muito maior do que o fundo côncavo. A estratigrafia revelou mais um nível de empedrado, o 4º na estratigrafia geral deste fosso, com pedras de pequena e média dimensão, bem assentes e a uma cota mais profunda. Por baixo das pedras e sobre o nível saibroso, surgiu uma terra escura bastante compacta com materiais cerâmicos bem conservados.

Apesar de não ter sido escavada na totalidade, a área posta à vista ocupa 8,70 m², com 4,25 m de comprimento, no sentido norte - sul e 1,08 m desde o contorno leste até ao corte vertical da banquetete (Est. XXXI e XXXII). O seu prolongamento para oeste não excederia os 3 m de comprimento, uma vez que a sondagem 3, também a oeste, não revelou níveis estratigráficos conservados, apenas o substrato rochoso aplanado (Est. XXXVI).

Do conjunto das fossas descobertas esta é uma das que apresenta maior profundidade, 85 cm pelo que, possivelmente, teria funções distintas das restantes, apesar de em termos de sedimentos não termos encontrado vestígios que nos pudessem ajudar a atribuir uma funcionalidade para esta estrutura. O facto de não ter sido totalmente escavada também nos limitou a sua interpretação. No entanto não deixa de ter alguma relação, a norte, com as fossas 1A, 1B e 1C, e a sul com a 1D.

Relativamente ao espólio nesta fossa recolhemos uma lâmina retocada, três fragmentos de peso de tear e vários fragmentos cerâmicos, fracturados que permitiram o restauro parcial de formas quase completas de algumas peças, facto que também não se verificou na maioria das fossas onde os materiais cerâmicos aparecem muito fragmentados e sem colar entre si. Nota para o facto de no rebordo norte, entre esta fossa e a 1E, ter aparecido uma ponta de seta.

5.1.4. FOSSA 1D

Imediatamente a sul da fossa 1C inicia-se uma extensa depressão que se prolonga para sudoeste, correspondente a toda a restante área do fosso (Est. XXXI, XXXII e XXXIII). A esta longa estrutura negativa demos a denominação de fossa 1D.

Dada a sua fisionomia, esta construção é a que mais se assemelha a um fosso, ideia que criámos logo no início da escavação desta área, e que em muito difere do seu

prolongamento para nordeste onde foram descobertas as já descritas fossas 1A, 1B e 1C (Est. XXXI, XXXII e XXXIII).

Esta fossa apresenta um comprimento de cerca de 13 m no sentido norte-sul e de cerca de 3 m de largura na parte intermédia, a profundidade é de cerca 0,50 m na extremidade nordeste, e um pouco menos no seu remate final, a sudoeste. A área desta fossa é de cerca de 34,40 m². Após a conclusão da escavação, foi curioso verificar que a cota de fundo da fossa está nitidamente inclinada para sul, isto é, toda a extensa fossa tem uma pendente para sul, o que indica que, por exemplo, qualquer elemento líquido, como a água das chuvas por exemplo, correria sempre para a sua extremidade sudoeste (Est. XXXII e XXXVII).

Os rebordos são tendencialmente suaves e não de corte súbito, dispendo de pontos de maior ou menor inclinação, o perfil é claramente em “U” aberto (Est. XXXI e XXXVII). Na parte final esta fossa tem perfil de trincheira aberta no saibro de forma intencional, o enchimento não é erosivo e natural mas um enchimento antrópico (Est. XXXVII). Apesar dos níveis mais superficiais de enchimento da fossa denotarem alguns escorrimentos saibrosos da parte superior do relevo, devido à pluviosidade, pois trata-se de um terreno de forte pendente, todos os empedrados identificados são nitidamente fruto da acção humana. Por qualquer motivo a funcionalidade que esta fossa teve findou e foi inutilizada, e houve necessidade de se atulhar rapidamente, de forma intencional, mas bem compactada.

Quanto aos materiais encontrados nesta fossa 1D temos uma ausência de líticos que tinham sido comuns nas outras fossas como as pontas de seta, ou as lâminas. Ao invés, temos uma grande quantidade de fragmentos de pesos de tear, num total de 10 exemplares. De todo o espólio recolhido, o destaque vai para a cerâmica que tem maior representatividade. Constatámos que, nos níveis superficiais, os fragmentos cerâmicos apareciam mais rolados e fragmentados, face às camadas que revestem o fundo do fosso, onde eram de maior tamanho e se apresentavam em melhor estado de conservação. Também associado a estes materiais, na camada que assenta sobre o saibro vegetal, foi identificada uma grande quantidade de barro. Esta unidade estratigráfica final tinha muito barro que se espalhava por toda a área escavada, sem denotar qualquer concentração ou dispersão propositada, parecia ser casual. Alguns pedaços de argamassa tinham cerca de 15 cm de dimensão máxima, e ostentavam o negativo de material lenhoso e, outros, um ligeiro alisamento, estando associadas, provavelmente, à cobertura desta estrutura. Para além deste barro, também foram identificadas bastantes mós – ao todo 12 elementos dormentes, todos de tamanho pequeno, muito fragmentados e de morfologia plana. Foram identificados bastantes fragmentos de anfíbolito, grauvaque, xisto

não trabalhado ou semi-trabalhado em grande concentração; foi recolhido também um percutor e mais algumas peças de pedra polida.

Deparando para a abundância e diversidade de matérias-primas como o anfibolito o grauvaque e o xisto em estado bruto, podemos pensar esta fossa como um local de transformação destas matérias-primas em objectos, a ajudar a esta ideia também temos o aparecimento de um percutor. Os seus quase 13 m de comprimento também nos levantam a questão se esta estrutura teria sido ou não um fosso¹⁴.

Na parte final desta fossa, a sul, e ao longo de quase todo o recorrido do rebordo inferior aparecem uma série de buracos¹⁵ de fisionomia rectangular, que apontam para buracos de poste, de menores dimensões que os que se verificaram junto da fossa 1A. O destaque vai para os que aparecem a sul da fossa por se encontrarem distribuídos paralelamente e equidistantes.

5.1.5. FOSSA 1E

Com a definição do conjunto das fossas 1A, 1B, 1C e 1D quase terminadas, deparámos com a existência de uma outra cavidade de menor dimensão e de forma oval (Est. XXXI, XXXII e XXXIII).

Descoberta ocasionalmente, a fossa 1E também se evidenciou após a retirada de um amontoado de pedras junto do rebordo oeste do fosso. Do conjunto das fossas já descritas é a que se apresenta com menores dimensões, tendo quase 2 m de largura, no sentido norte - sul, 3 m de comprimento e uma área que ronda os 5 m². Apresenta-se com uma abertura maior que o fundo arredondado e com uma profundidade de 70 cm desde o topo da parede do lado noroeste até ao fundo e de cerca de 30 cm na parede oposta no interior do fosso (Est. XXXI e XXXVIII).

Na remoção dos níveis estratigráficos do interior, sublinhe-se o bom estado de conservação de alguns dos materiais cerâmicos descobertos. Além destes fragmentos cerâmicos, temos a destacar o rebordo nordeste onde temos uma concentração de sete fragmentos de pesos de tear.

Devido às características que esta fossa apresenta, e dada a sua proximidade, a leste, da fossa 1A, provavelmente esta estrutura serviria de anexo ou de apoio a essa fossa de maior dimensão (Est. XXXI, XXXIII e XXXVIII).

¹⁴ Ideia que será reflectida no subcapítulo 7.2 desta tese.

¹⁵ No subcapítulo 5.9 faremos uma retrospectiva destes elementos.

5.2. O COMPLEXO DAS FOSSAS 2A – 2D

As fossas 2A, 2B, 2C e 2D foram assim denominadas por terem sido detectadas na mesma área durante o processo de escavação, tal como aconteceu na Mancha 1 com as fossas 1A, 1B, 1C, 1D e 1E (Est. XXXI, XXXII e XXXIX). No entanto temos uma diferença; enquanto que na Mancha 1, estas só foram descobertas durante o processo de remoção dos níveis estratigráficos intermédios e finais, neste caso foram encontradas à medida que se foi alargando a área de escavação para nordeste, com o objectivo de verificarmos o prolongamento dos vestígios. A proximidade e interligação das distintas fossas foram factores que tivemos em conta para a designação deste grupo, que inicialmente designámos como Mancha 2.

Estas estruturas em negativo localizam-se na zona superior do limite nordeste do terreno, no término leste da área de escavação, a escassos metros do muro de delimitação da propriedade onde decorreu a intervenção (Est. XXXI, XXXIV e XXXIX).

A primeira fossa deste conjunto foi descoberta no decurso dos trabalhos de escavação da sondagem 5. Na escavação, apenas foi descoberta uma pequena saliência do rebordo oeste da fossa, no canto inferior direito desta sondagem.

As restantes fossas postas a descoberto neste complexo, nas sondagens 5 e 8, nos alargamentos VI, VII e VIII e na decapagem feita pela máquina, apresentam-se com características muito diferentes umas das outras (Est. XXXIV).

Este complexo de fossas deve ser mais extenso e podem existir outras para nordeste, fora do limite da área de intervenção. Devido a esta circunstância, a fossa 2C ficou apenas com uma pequena parte escavada, uma vez que a nascente é cortada pelo corte vertical que delimita a área sujeita a escavações (Est. XXXI e XXXIX).

5.2.1. FOSSA 2A

Esta estrutura negativa foi detectada durante a abertura da sondagem 8 e do alargamento VI, embora o seu rebordo oeste tivesse sido descoberto, primeiramente, na sondagem 5 (Est. XXXIV).

Apresenta uma forma circular quase perfeita, ocupando uma área de cerca de 5,35 m², situa-se um pouco mais acima, para nordeste, da fossa 1A, tem o rebordo mais pronunciado do lado norte (Est. XXXI e XXXIX). Esta fossa apresenta uma grande concavidade em que a abertura é muito maior que a base, de forma semiesférica e com uma profundidade média de cerca de 50 cm. As dimensões são de 2,55 m de comprimento e 2,85 m de largura.

Durante a escavação desta fossa fizemos o registo de uma unidade estratigráfica escura, visível após a remoção das terras superficiais, muito próxima de uma outra unidade de cor cinza que tivemos que registar graficamente devido às suas características. Esta camada foi depois interrompida pelo aparecimento das primeiras pedras em quartzo que compõem o empedrado interior da fossa. O empedrado foi desenhado, cotado e depois removido, ficando novamente uma camada escura pouco compacta e muito granulada com evidências de um segundo empedrado, com pedras mais pequenas e nos níveis finais da fossa (Est. XL). Na remoção do 2º empedrado, com as pedras mais assentes numa nova unidade estratigráfica de tons alaranjados, compacta, granulada e com materiais cerâmicos. A escavação desta estrutura foi feita integralmente, efectuando diversos registos dos níveis decapados e respectivos empedrados.

Na escavação desta depressão, constatámos com o arranque de uma outra depressão, geminada, no lado Norte, à qual demos a denominação de fossa 2B (Est. XXXI e XXXIX). As fossas 2A e 2B, apesar da sua proximidade e possível relação, foram feitas em períodos diferentes, pois a abertura da fossa 2A, cortou o rebordo da estrutura negativa 2B, querendo isto dizer que foi feita numa fase posterior, embora desconheçamos o intervalo de tempo entre as duas intervenções.

Entre os materiais descobertos no seu enchimento têm grande destaque as cerâmicas, com alguns fragmentos decorados com motivos diversos, apesar de no geral as peças se apresentarem muito fracturadas e com pastas muito variadas. Nota para a ausência de elementos como líticos e pesos de tear. No meio do 1º nível de empedrado também foi recolhido um pequeno fragmento de mó de vaivém em granito.

Entre as estruturas descobertas esta fossa é a que apresenta uma forma circular mais homogénea e o facto de não ser muito profunda reflecte-se na escassez de materiais arqueológicos e de os empedrados serem constituídos por pedras de pequenas dimensões. Estes factos dificultaram ainda mais a atribuição de uma funcionalidade a esta construção que pela ausência de materiais não seria um local onde se desenvolvessem actividades económicas ou de elaboração de artefactos e pela pouca profundidade também não seria um local de armazenagem poderia, assim, ser um local de repouso, por exemplo.

Entre as fossas 1A e a 2A (Est. XXXI), temos um pequeno corredor, estreito, à cota natural do substrato rochoso que poderia ter servido de acesso ao sítio arqueológico, facto que não podemos confirmar, mas dentro da área escavada só se poderia fazer por aqui ou junto da fossa 1D a poente.

5.2.2. FOSSA 2B

Esta fossa foi descoberta na abertura do alargamento VI, quando pretendíamos delimitar o contorno da fossa 2A. Após a sua detecção tivemos que realizar os alargamentos VII e VIII para obtermos também a totalidade dos seus contornos (Est. XXXIV).

A fossa apresenta maiores dimensões que a anterior. Tem uma morfologia de tendência circular imperfeita, ocupa uma área de cerca de 6,55 m², mede 3,45 m de comprimento e 1,95 m de largura, os rebordos mais pronunciados estão no sentido leste – oeste (Est. XXXI e XXXII).

Quanto à escavação desta estrutura, optámos por realizar outro método de escavação: traçámos uma linha ao meio e escavámos primeiro uma metade e depois a outra, para assim conseguirmos obter um registo estratigráfico do recheio interior desta fossa (Est. XLI) que foi depois desenhado (Est. XLII). Optámos por escavar primeiro a metade norte.

A escavação integral desta fossa permitiu verificar a existência de uma dupla concavidade no seu interior. Individualizámos estas depressões como F2BI (do lado leste) e F2BII (na parte oeste). A separar as duas temos um ligeiro alteamento no saibro natural, no sentido norte - sul, que praticamente corta a fossa em duas metades (Est. XLI e XLII).

A depressão F2BI é semicircular, de fundo quase plano e de menor dimensão, tem uma profundidade de cerca de 48 cm, que é mais evidente pelas paredes quase direitas dos rebordos nordeste, leste e sudoeste. A F2BII é muito semelhante, mas com dimensões maiores. Aqui, as paredes são mais evidentes do lado noroeste, oeste e sudoeste, com cerca de 70 cm de profundidade (Est. XXXI, XXXIX e XLII).

A ligeira depressão que divide esta fossa poderia apontar para uma organização do espaço interno em vários compartimentos, neste caso dois, na mesma fossa.

Na escavação destas fossas geminadas também foram encontrados vários empedrados com pedras de pequena dimensão, tal como na fossa 2A, mas em maior quantidade porque esta fossa tem uma profundidade maior (Est. XXV). A zona central de ambas era onde aparecia a maior concentração destas pequenas pedras de quartzo branco e algumas em granito. Nos níveis finais apareceram algumas argamassas de barro queimadas, com pequenas marcas circulares que poderiam ser de algum elemento que, ou revestia as paredes, ou cobriria esta estrutura. No espólio descoberto nesta fossa, para além dos fragmentos cerâmicos, o destaque vai para as três pontas de seta descobertas na fossa 2B. No rebordo norte, entre esta fossa e a 2C, descobrimos uma conta de colar, a primeira de toda a escavação, e uma ponta de seta.

Os contornos internos desta fossa dificultaram a atribuição de uma funcionalidade a este espaço, mas dadas as circunstâncias seria independente da fossa 2A e poderia ter alguma ligação com a 2D, sem com isto podermos atribuir uma actividade específica para este lugar.

Esta fossa 2B foi cortada pela fossa 2A, como vimos, mas, por sua vez, a oeste, cortou a fossa 2D, separadas por ligeiros ressaltos no substrato rochoso que lhe conferem os limites e a forma das plantas (Est. XXXI). Estabelecem, mesmo, uma cadeia de fossas abertas em sequência e em degrau, de noroeste para sudeste (Est. XXXI, XXXII e XXXIX).

5.2.3. FOSSA 2C

A fossa 2C não foi escavada na totalidade tendo sido apenas colocados à vista cerca de 6,35 m² (Est. XXXI e XXXIX). Parte desta fossa foi descoberta com a escavação do alargamento VIII, e a restante com a passagem da máquina na desmatação e o prolongamento da escavação para nordeste, que possibilitou a descoberta do seu contorno norte (Est. XXXIV).

Tal como as restantes, também apresentava no seu interior uma grande concentração de pedras e terra escura com materiais cerâmicos e um pequeno fragmento de um peso de tear (Est. XXV).

No final resultou uma fossa de planta em forma de meia-lua que fechava ao longo do corte leste, com 4,30 m de largura, no sentido noroeste - sudeste, e um comprimento visível de 3,70 m desde o rebordo oeste até ao corte. O fundo da estrutura é irregular com uma abertura maior e os contornos bem definidos (Est. XXXI, XXXII e XXXIX). No rebordo noroeste, na parte superior, passa um veio de quartzo que serve de parede para a fossa. Neste local a estrutura tem uma profundidade máxima de cerca de 1 m, facto que se pode dever à sua localização na periferia do terreno, áreas menos afectadas com as explorações agrícolas, e que lhe conferiu uma melhor conservação do seu traçado original. A sudeste também apresenta as paredes bem evidentes mas com uma profundidade menor, em cerca de 50 cm (Est. XLIII).

Devido ao facto de não se ter escavado esta estrutura no seu todo resulta-nos difícil atribuir-lhe uma funcionalidade.

5.2.4. FOSSA 2D

Esta fossa surge no alinhamento da Fossa 2B, no sentido noroeste - sudeste (Est. XXXI, XXXII e XXXIX). A delimitação dos seus contornos foi feita por partes, isto porque o

seu rebordo sul foi descoberto no alargamento VIII e só com a intervenção da máquina se pôs o restante à vista (Est. XXXIV).

Trata-se de uma estrutura de planta circular com o fundo arredondado mas irregular. As paredes dos rebordos estão bem definidas a oeste e sudoeste, onde têm cerca de 60 cm desde o topo até ao fundo da fossa. Ocupa uma área de cerca de 4,25 m² e tem as dimensões de 2 m no sentido norte-sul e de 2,50 m no sentido oposto (Est. XXXI).

Possivelmente, face à proximidade, esta estrutura estaria interligada com as fossas 2BI e 2BII e o seu acesso poderia ser feito pela fossa 6 (Est. XXXI, XXXIX e XLIII). Esta fossa tal como a 2A não evidenciou materiais arqueológicos que possamos destacar, apenas alguns fragmentos cerâmicos.

5.3. FOSSA 3

A fossa 3 foi descoberta na sequência da abertura da sondagem 5, no momento em que ainda andávamos a tentar definir os contornos da Mancha 1. Na escavação desta sondagem detectámos, junto ao corte sul, outra pequena mancha que evidenciava o aparecimento de uma nova fossa. Esta descoberta levou-nos a alargar para noroeste a nossa área de escavação para podermos obter a totalidade dos contornos desta nova fossa. Realizámos então o alargamento V que nos permitiu compreender a sua totalidade (Est. XXXIV).

Trata-se portanto de uma estrutura com planta semicircular, de menores dimensões, com pouca profundidade, cerca de 0,10 m, e que, como as restantes, também se evidenciou pelo aparecimento de um nível de empedrado (Est. XXXI e XXXII). Este empedrado, apresentava pedras de pequeno tamanho, maioritariamente de quartzo branco e algumas de granito. Além do empedrado, esta fossa revelou uma estratigrafia bastante simples e com algum material arqueológico com uma ponta de seta, uma conta de colar, muito semelhante à descoberta entre as fossas 2B e 2C, alguma cerâmica e um fragmento de um peso de tear.

Ocupa uma pequena área com cerca de 2,35 m² e tem um comprimento de 3 m, no eixo norte-sul, e de quase 2 m de largura. Com estas medidas pudemos constatar que se trata de uma estrutura bem menor, relativamente às descritas anteriormente (Est. XXXI e XLIII).

Pela sua disposição rampeada para nascente, entroncando na fossa 6 acreditamos que teria alguma ligação com o conjunto de fossas que se abre para leste: fossa 6, fossa 2C e 2D. Parece mesmo uma espécie de acesso ou corredor a este intrincado conjunto de fossas (Est. XLIII).

5.4. FOSSA 4

No seguimento do prolongamento da área de escavação para nor-noroeste com o alargamento V, para descobrirmos a totalidade da fossa 3, apareceu mais uma pequena mancha e um pequeno conjunto de pedras, a meio do corte oeste, que denominámos como fossa 4 (Est. XXXIV).

Esta estrutura apresentava características muito semelhantes às da fossa 3. Evidenciava no topo um pequeno empedrado com pedras de quartzo de pequena dimensão, e algumas em granito (Est. XXV). Com poucos materiais cerâmicos, apareceram numa camada escura entre o nível de empedrado e a cota final de saibro, esta fossa junta-se às fossas 2A e 2D como as menos ricas no que diz respeito ao espólio arqueológico.

De planta oval, ocupa uma área de 3,77 m², com um comprimento de 2,70 m, no sentido leste - oeste, por 1,70 m de largura no sentido norte - sul, com as paredes pouco evidentes, tem uma profundidade de cerca de 0,35 m (Est. XXXI, XXXII e XLIV).

Ao contrário dos conjuntos de fossas 1 e 2, esta fossa não está geminada ou associada a outras por se encontrar isolada. A sua reduzida dimensão e a falta de materiais, além das cerâmicas, não nos ajudaram na atribuição de uma funcionalidade para esta pequena fossa.

No rebordo a sul, também apareceram três buracos de forma subrectangular¹⁶ (Est. XLIV), com o maior a apresentar dimensões de quase 1 m de comprimento por 0,30 m de largura. Estes buracos poderão ter servido para sustentar uma fiada de postes, fenómeno que também se verificou junto das fossas 1A e 1D, embora aqui os buracos sejam de menor comprimento e onde apenas assentaria um poste.

5.5. FOSSA 5

Os primeiros indícios desta fossa foram detectados na abertura da sondagem 10, com o intuito, ainda na fase inicial dos trabalhos, de nos certificarmos da extensão dos vestígios descobertos nas sondagens anteriores, mais para oeste (Est. XXXIV). Concluímos, então, que existia outra mancha, ligeiramente afastada para poente das encontradas entretanto. Como não tínhamos a mínima ideia da sua área de dispersão, foi com a acção da máquina, numa fase posterior, que com a remoção das camadas iniciais deixou à vista toda a área de dispersão desta grande mancha escura (Est. XLV).

Esta estrutura levou algum tempo a ser escavada e, em parte, compreendida. Na escavação optámos por adoptar o mesmo método que fizemos para a fossa 2B, dividimo-la ao

¹⁶ Sobre estes buracos e em conjunto com os descobertos nas fossas 1A e 1D falaremos mais à frente no subcapítulo 5.9.

meio e escavámos primeiro a parte sul e depois a restante, para obtermos um corte vertical da estratigrafia que compunha o seu interior (Est. XLVI e XLVII).

Depois de totalmente definida, a fossa apresentava uma área de 29,70 m², o que significa que em relação às fossas que têm planta circular é a maior. De comprimento tem no eixo norte - sul, 7,72 m e no sentido leste - oeste 5,76 m (Est. XXXI, XXXII e XLVIII).

Do lado noroeste e leste as paredes são quase verticais com uma altura máxima de 60 cm. No rebordo norte e noroeste as paredes são mais inclinadas e mais altas, com cerca de 75 cm. Na extremidade oposta, do lado sul e sudoeste, o rebordo é quase inexistente, verificando-se apenas um ligeiro declive de 20 cm face à superfície natural do terreno. Esta fossa apresentava, a norte, uma profundidade de cerca de 1,20 m face à cota natural da parte superior do terreno (Est. XLVIII).

Com uma planta semicircular de base côncava, esta fossa evidenciava uma quase total ausência de paredes no rebordo su-sudoeste, pressupondo que a entrada para esta estrutura se faria por aí, e conseqüentemente para fazer frente à fisionomia do terreno teria uma maior abertura para sul. Há mesmo um ligeiro socalco inclinado, do lado poente, que sugere também uma rampa de acesso ao interior do fundo da grande fossa (Est. XXXI, XXXII e XLVIII).

Na escavação do seu conteúdo, encontrámos vários níveis de empedrados, constituídos por blocos de quartzo branco com algumas pedras em granito onde se destacaram alguns fragmentos de mós de dimensões e formas consideráveis comparados com os restantes descobertos entretanto (Est. XXV). Na escavação dos níveis finais revelaram-se duas pequenas depressões que, como aconteceu na fossa 2B, subdividimos em fossa 5I e 5II e que também poderiam apontar para uma divisão do espaço interior. Na cota quase final desta fossa também apareceram restos de argamassas de barro queimadas com pequenas marcas onduladas nas superfícies que, com já vimos, possivelmente serviriam de suporte às paliçadas na vertical ou então para apoio na cobertura desta estrutura.

A sudoeste foi descoberta uma estrutura de combustão¹⁷, ladeada de pequenas lajes em granito (Est. XLIX). Entre este local e a fossa, mais para sul descobrimos, novamente, três pequenos buracos¹⁸ de morfologia rectangular muito semelhante às já referidas para as fossas 1A, 1D e 4, que seriam buracos de poste.

Os materiais encontrados no interior reflectem uma intensa actividade e constante uso deste espaço. Foram descobertas duas pontas de seta, uma lâmina afeiçoada, um conjunto de 9 fragmentos de pesos de tear, 7 bigornas e dois machados de pedra polida. Para além destes

¹⁷ No subcapítulo 5.8 faremos uma abordagem mais detalhada sobre esta estrutura.

¹⁸ Como já referimos, no subcapítulo 5.9 falaremos de forma mais detalhada destes buracos.

materiais, na escavação dos níveis estratigráficos interiores encontrámos vários fragmentos de mós de dimensões consideráveis, algumas delas com a dupla utilização da face. Estamos portanto, perante uma fossa de “cariz económico” onde se desenvolveriam várias actividades de produção desde objectos a bens de consumo sem podermos precisar exactamente quais seriam.

5.6. FOSSA 6

Os trabalhos que permitiram descobrir esta fossa decorreram dos alargamentos efectuados com a máquina. A remoção das terras nos alargamentos V, VII e VIII evidenciou o prolongamento de uma mancha escura com pedras no sentido noroeste - sudeste (Est. XXXIV).

Estende-se desde o corte vertical norte, no limite da área onde decorreu a intervenção, e prolonga-se até à fossa 2D, com ligeira inclinação para sul. Esta fossa não foi totalmente escavada dado que se deve prolongar para norte, para fora do limite estabelecido como prioritário nesta intervenção. Apresenta uma área parcial de 8,50 m², com um comprimento de 5,20 m, no sentido noroeste - sudeste, e 2,25 m de largura (Est. XXXI e XLIII).

É difícil podermos avançar com uma funcionalidade para esta estrutura. A ideia de que poderia ser um corredor de ligação entre fossas (até pela sua disposição morfológica): tem a fossa 2D, a sudeste, a fossa 2C, a leste, a fossa 3, a oeste, e a fossa 7, a norte, foi a função que nos pareceu mais óbvia, mas como não foi escavada a sua totalidade não podemos tirar mais conclusões (Est. XLIII).

Em termos de materiais apenas destaque para o aparecimento de uma ponta de seta e um fragmento de peso de tear em conjunto com alguns exemplares cerâmicos, elementos descobertos na terra escura que compunha o empedrado que entaipava esta fossa.

5.7. FOSSA 7

Esta fossa situa-se logo ao lado, a leste, da fossa 6, separada por um ligeiro alteamento do saibro natural. É delimitada a sul por um grande veio de quartzo que a separa da fossa 2C (Est. XXXI e L).

Localiza-se no limite norte da área onde decorreu a escavação, possuindo pelo menos 2,90 m² desde os cortes norte e leste, até aos rebordos naturais da fossa a sul e sudoeste. Apesar de apenas se ter escavado uma pequena parte da totalidade da fossa, a área escavada tem um comprimento máximo de 2,55 m, visível no corte norte, e de 1,40 m desde o mesmo

corde até ao rebordo sul (Est. XXXI). Dos materiais descobertos no interior o destaque vai para a concentração neste espaço de quatro fragmentos de pesos de tear e alguma cerâmica.

O que podemos concluir da reduzida área aberta nesta fossa é que a estrutura teria continuidade tanto para norte como para leste, ficando por definir a planta e a área de dispersão da mesma. A abertura da sondagem 13 (Est. XXXIV) já havia demonstrado que a estas estruturas arqueológicas se prolongavam para norte.

A falta de mais elementos não nos permitiu tirar mais notas sobre esta estrutura que tal como as fossas 1C, 2C e 6 não foram escavadas na sua totalidade, não podemos assim definir uma possível utilidade para este espaço.

5.8. ESTRUTURA DE COMBUSTÃO

A remoção dos níveis superficiais do terreno, pela máquina, além de ter posto a descoberto uma série de manchas escuras, que já descrevemos, também pôs à vista um conjunto de pedras de granito que denunciaram uma pequena estrutura de combustão (Est. XXIII). Esta foi descoberta a sudoeste do grande recinto que denominámos como fossa 5 e foi a única estrutura em positivo que encontramos (Est. XLIX). O facto da passagem da máquina ter removido partes da superfície desta estrutura, não impossibilitou a sua escavação e compreensão.

Entre as pedras miúdas detectadas, destacaram-se cerca de 8 pedras de granito de tamanho médio, de morfologia rectângular que ladeavam esta construção e estavam associadas a núcleos de barro cozido de cor escura, alguns restos de cinzas e carvão, que foram recolhidos para estudo, depositados no centro da estrutura. Juntamente com as pedras em granito foram aparecendo algumas de quartzo leitoso, de menor tamanho (Est. LI).

O processo de escavação deste complexo realizou-se no sentido de obtermos um corte estratigráfico; assim, escavámos primeiro a metade leste e só depois a restante (Est. LII). Devido à homogeneidade das camadas estratigráficas não foi fácil distinguir cada uma delas, resumindo-se a um corte com as argamassas de barro escuras. No final resultou uma ligeira depressão que deveria ter sido feita com o propósito de servir de base a esta pequena estrutura (Est. LIII). Ao longo da escavação encontramos alguns materiais cerâmicos, muito fragmentados e sem colarem entre si, uma ponta de seta, parte de um peso de tear fracturado e um martelo/machado de anfíbolito.

Denominámos este local como de combustão devido à grande concentração de pedras em granito, muito resistentes ao fogo, e também por os tons escuros dominarem a

estratigrafia, os materiais, as argamassas e a descoberta de carvão, características que normalmente apontam para o uso e exposição ao fogo.

Durante a escavação do rebordo oeste da fossa 5, encontramos uma mancha de terra muito escura, com restos de cinza e sedimentos carbonizados¹⁹, que não podemos precisar do que seriam, e que provavelmente poderiam estar associadas a esta estrutura.

5.9. BURACOS DE POSTE E OUTRAS PEQUENAS DEPRESSÕES AFECTAS ÀS FOSSAS

O aparecimento de pequenos buracos junto dos contornos de algumas fossas, numa fase inicial dos trabalhos, causou-nos algumas dúvidas se estes fenómenos seriam contemporâneos e inseridos no contexto das estruturas que estavam a ser descobertas ou se teriam sido feitos, posteriormente, numa fase de exploração agrícola do terreno. Sabendo que esta propriedade tinha sido cultivada com videiras, e tendo sido anteriormente, nas cotas iniciais, detectados indícios da lavra e da abertura de buracos para as mesmas, tardámos em compreender a natureza destas cavidades.

Esta dúvida foi-se dissipando com o evoluir da escavação e com o conseqüente aparecimento de mais buracos deste género. Começámos então a perceber que estávamos perante mais estruturas arqueológicas em negativo, de menor tamanho, para as quais devíamos passar a estar atentos e que teríamos que registar devidamente.

As primeiras cavidades detectadas foram junto ao rebordo sul da fossa 5, num conjunto de 3 orifícios rectangulares (Est. XXXI e LIV). Mais tarde, foi na definição do contorno exterior da Mancha 1, mais concretamente nos rebordos a nascente das fossas 1C e 1D, onde surgiram separadamente uma série de cavidades (Est. XXXI e LV).

Foi com a ajuda das primeiras chuvadas que descobrimos mais dois casos isolados junto à fossa 1A, onde encontramos dois exemplares, e a fossa 4 (Est. XXXI, XXXV e LVI). Esta fossa apresentava orifícios com formas e dimensões diferentes das que foram descobertas até aqui, o simples buraco de forma quadrangular com os cantos arredondados deu origem a uma vala prolongada de cerca de 1 m de comprimento com buracos no interior. A falta de mais dados não nos permitiu concluir se esta construção teria, ou não, uma finalidade diferente das descobertas.

Entretanto, a sul da fossa 1D, na fase de raspagem da terra para pôr o saibro natural à vista apareceu, entre esta fossa e o limite oeste da área escavada, um número considerável de cavidades rectangulares, ligeiramente alinhadas em duas fiadas no sentido leste - oeste (Est. XXXI e LVII).

¹⁹ Estes elementos foram recolhidos e guardados ficando a aguardar por uma análise laboratorial.

A abertura da sondagem 14, na fase final dos trabalhos, com o intuito de confirmar o prolongamento ou não do fosso para leste do local onde apareceu este grupo de buracos, permitiu-nos constatar a continuidade da fiada dos buracos verificados junto da fossa 1D, para oeste (Est. XXVIII e XXXI). Quando procedemos à remoção dos níveis finais dessa sondagem, apareceu mais uma cavidade muito semelhante às anteriores. Provavelmente justificar-se-ia um alargamento da área de escavação neste local para obtermos alguma resposta para a grande concentração de buracos, mas a falta de tempo e o carácter urgente da escavação não nos permitiu realizar mais alargamentos na área escavada.

Estes pequenos buracos são as estruturas de menor dimensão que descobrimos, geralmente de planta quadrangular, cantos arredondados e com tamanhos que variam entre os 20 a 30 cm de largura e os 35 a 40 cm de comprimento, excepto o que apareceu junto à fossa 4 que chega a ter cerca de 1 m de comprimento. A profundidade média varia entre os 15 e os 25 cm, dependendo do estado de conservação dado que o terreno já foi alvo de constantes lavras que alteraram por completo a sua fisionomia original (Ver a Est. LXXXVI, o perfil que passa pelas fossas 1A e 1B e na fossa 5).

No geral, os enchimentos térreos destes orifícios destacam-se pela sua tonalidade acastanhada ladeados pelos tons alaranjados do saibro. Aparecem nos níveis estratigráficos inferiores e quase sempre na raspagem do saibro como aconteceu junto do rebordo da fossa 1D (Est. LVIII).

Na escavação dos preenchimentos destas cavidades não foram descobertos nenhuns indícios de interesse arqueológico, apenas terra e pequenas pedras, que em nada ajudaram na compreensão destas pequenas estruturas em negativo.

Outro facto que constatámos foi que a maioria destes buracos apareceu nos limites sul e sempre no rebordo mais baixo de cada fossa, devido ao declive do terreno. Apenas o buraco que apareceu junto da fossa 1A se situa na parte superior e no rebordo norte da fossa.

Quanto à funcionalidade destas estruturas, certamente que os buracos encontrados ao longo de toda a Mancha 1 e nas fossas 1A, 4 e 5 teriam funções diferentes do conjunto encontrado a oeste da fossa 1D e na sondagem 14. Assim ao primeiro conjunto estariam, provavelmente, associados buracos de poste que poderiam servir de suporte a barrotes para sustentar a cobertura destas estruturas. No caso do segundo conjunto teríamos que alargar a área de escavação para podermos obter a disposição geral de todos os alinhamentos, mas com certeza que corresponderiam a restos de uma possível construção em madeira, a meio da encosta numa zona periférica às fossas.

Devido ao seu mau estado de conservação e à falta de mais evidências arqueológicas torna-se difícil podermos tecer mais argumentos sobre estas estruturas para além da sua mera descrição, tornando-se difícil atribuir-lhe uma funcionalidade.

5.10. REGISTO E CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ESTRATIGRAFIAS OBTIDAS

O método de registo estratigráfico escolhido e usado no progresso desta escavação seguiu os princípios tradicionais nas escavações arqueológicas, procedendo-se à remoção das camadas estratigráficas por ordem inversa da sua deposição.

Nesta remoção, e com o fim de não perdermos a informação arqueológica de cada um destes substratos, foi usada uma ficha de registo para cada unidade estratigráfica (U.E.). Esta ficha é empregue pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal nas suas intervenções arqueológicas e foi elaborada de forma a poder descrever estratos pedológicos e pétreos. Na descrição das U.E's pedológicas, em maioria nesta escavação, enumera-se a cor, a textura e a composição. Para os níveis pétreos, esta ficha contém vários itens mais pormenorizados como o material de construção, paramento, ligante, dimensões, orientação e estado de conservação. Esta ficha dispõe de mais dados. Num dos itens são anotados os materiais descobertos em cada U.E.; estes são divididos em líticos, cerâmica de construção, cerâmica e outros. Depois, noutro campo da ficha, é feita uma relação estratigráfica segundo a matriz de Harris (HARRIS, 1997), onde se apresenta a relação entre as várias U.E.'s que compõem cada sondagem ou estrutura. Numa pequena estampa em papel milimétrico faz-se, depois, um breve esboço gráfico interpretativo da U.E. que estamos a descrever. A ficha termina com uma interpretação onde são apontadas as nossas observações relativas a esse estrato ou estrutura.

Foram feitos diversos desenhos gráficos de quase todos os cortes estratigráficos e dos vários empedrados que foram aparecendo, devidamente cotados (Est. XXIX, XLII e XLVII, LXI²⁰). Estes amontoados de pedras, muito homogéneos e distribuídos pelas várias fossas, depois de devidamente cotados e analisados foram fotografados e depois removidos para darmos continuidade à escavação (Est. XXV). Nesta remoção das pedras foram aparecendo, em grande quantidade e dispersos, elementos de moagem entre as pedras, que também foram devidamente fotografados um a um e assinalados na planta da escavação. Na fase final da intervenção, com as estruturas todas escavadas, foi feito o levantamento topográfico geral de toda a área escavada (Est. XXXI e XXXII).

²⁰ São apenas o exemplo de alguns cortes estratigráficos que foram desenhados entre muitos outros que não foram incluídos nesta monografia.

Para completar o processo de registo, realizaram-se diversas fotografias das manchas, dos empedrados, dos cortes, das estruturas encontradas e do meio envolvente.

Quanto ao registo dos materiais arqueológicos descobertos durante a escavação, foi dada especial ênfase aos pesos de tear de cerâmica, aos instrumentos líticos, aos objectos de adorno e, em maior número, aos elementos de moagem. Estes objectos para além de serem mencionados nas respectivas fichas de descrição da U.E. também foram registados em planta de forma a podermos denotar a sua dispersão pela área escavada e projectarmos uma possível funcionalidade para cada umas das estruturas onde foram descobertos. Outros objectos como pesos de rede, machados de pedra polida, bigornas, percutores e moventes foram apenas assinalados nas respectivas U.E's de cada fossa ou sondagem, mas não em planta. Os fragmentos cerâmicos, como foram tantos e estavam dispersos por todas as estruturas, optámos por não os assinalar em planta.

Por fim e ainda no complemento da descrição dos materiais mais importantes, realizámos a fotografia e o desenho de todos os que se distinguiam pelas formas, decoração e estado de conservação, como veremos no capítulo 6 sobre o espólio arqueológico.

5.10.1. A ESTRATIGRAFIA

Em termos estratigráficos, facilmente verificámos que o estrato superficial do terreno encontrava-se bastante alterado e remexido pelos recentes trabalhos agrícolas. Perante este facto optámos por remover estas terras superficiais, através de meios mecânicos, dado que apenas nos contavam a história recente do local, sem grande importância para os objectivos prioritários. A prioridade eram as unidades estratigráficas que estavam conservadas por debaixo deste nível. Perante este facto, o registo estratigráfico, ao longo da escavação, teve de ser alterado em função da alteração da metodologia empregue na intervenção.

Assim, considerámos três fases distintas de registo da estratigrafia, uma inicial, para as sondagens e os respectivos alargamentos (1ª e 2ª fase e sondagens de diagnóstico da 4ª fase e 5ª fase), outra intermédia, quando a máquina removeu os estratos superficiais do terreno (3ª fase) e uma final que passou a ser feita quando passámos para a escavação em *open-area* (4ª fase). A entrada da máquina no terreno alterou por completo a metodologia que estava a ser seguida, assim como de todo o registo estratigráfico que teve que ser repensado, omitindo as camadas superficiais entretanto removidas e sem interesse arqueológico.

O processo de numeração das unidades estratigráficas foi independente e repetido para cada uma das sondagens e fossas. O facto de estarmos a escavar várias fossas ao mesmo

tempo impossibilitou-nos a criação de uma numeração contínua destas unidades estratigráficas.

Assim, podemos verificar que a estratigrafia foi muito mais complexa a partir do momento que iniciamos a escavação das fossas, mais fundas, com depósitos humanos (enchimentos) e naturais (escorrimentos).

Na escavação destas fossas as condições climatéricas tiveram bastante influência e condicionaram muito, não só a escavação como a definição da estratigrafia. Assim, nas épocas de chuva, as fossas como eram em negativo enchiam-se de água²¹; nas épocas secas as terras perdiam a sua tonalidade por causa do sol e dificultava-nos a delimitação das camadas²².

Outra grande dificuldade ao longo da escavação foi a definição dos contornos finais das estruturas, dado que, por vezes, apanhávamos estratos muito semelhantes ao saibro. Estes estratos só se distinguiam por conterem materiais cerâmicos e muitas pedras. Só com o avançar dos trabalhos de escavação é que começámos a ter esta percepção e então tivemos que corrigir alguns contornos finais, que entretanto já tínhamos terminado.

No decorrer da escavação das estruturas, podemos descrever sete níveis estratigráficos distintos e diversificados que são quase homogéneos por todas as fossas escavadas²³. Excepção para as que tinham maior dimensão e profundidade, que naturalmente, apresentavam mais unidades estratigráficas.

O primeiro nível a ser registado foi o superficial, com terras muito remexidas que correspondiam aos níveis de lavra e de recente exploração do terreno. Estes níveis, mais tarde, acabaram por ser removidos pela máquina, como já referimos. De salientar que apresentavam alguns materiais, maioritariamente cerâmicos, muito rolados e fragmentados.

Depois um segundo nível, de terra escura misturada com terras da camada removida pela máquina. Para não danificarmos este nível de terra escura, descoberto após a passagem da máquina, optámos por um processo manual de raspagem e remoção do primeiro nível superficial para termos à vista esse nível de terra escura que correspondia ao topo das fossas.

²¹ Tivemos que cobrir as estruturas com grandes plásticos escuros de forma a minimizar o impacto das chuvas (Est. LVIX).

²² Para melhor definirmos os contornos das fossas e verificarmos as unidades estratigráficas tivemos que borrifar as terras com água para avivar as cores e podermos fazer um registo mais adequado do que estávamos a escavar (Est. LX).

²³ Para melhor compreensão desta descrição estratigráfica, seleccionámos o corte vertical norte referente à fossa 7, que fica na extremidade nascente, onde ainda conseguimos obter uma leitura dos níveis superficiais em conjunto com os enchimentos das fossas e uma fotografia do corte vertical poente da fossa 1C (Est. LXI e LXII). Nota para o facto de as cores apresentadas no registo gráfico não corresponderem com as que são descritas neste subcapítulo.

Nas zonas onde este nível de terra escura não se verificava, ficámos com um nível de saibro natural à vista. Este facto permitiu-nos definir o contorno de algumas fossas. Nesta unidade estratigráfica, mais tarde, durante a raspagem do saibro para pôr-mos os contornos iniciais das fossas à vista, detectámos uma série de pequenas depressões de perfil semicircular que cortavam este nível e que interpretámos como sendo marcas de arado ou da lavoura antigos. Na definição desta U.E também registámos algumas intrusões de cor acastanhada provocadas por recentes trabalhos feitos no terreno. Este nível em termos de registo gráfico tem uma espessura de cerca de 10-12 cm. Neste estrato, U.E.02, também começaram a aparecer os primeiros materiais cerâmicos em níveis arqueológicos preservados (Est. LXI).

O terceiro nível, U.E.03, é constituído maioritariamente por pedras de quartzo leitoso e algumas de granito. As de granito, em alguns casos, correspondem a mós fracturadas. Partes destes empedrados, em conjunto com a camada escura referida, ficaram logo à vista após a remoção das terras superficiais (Est. XXV). Apresentam-se distribuídas aleatoriamente, bem assentes, de dimensões variadas e sem qualquer alinhamento apenas enchem as cavidades escavadas no saibro.

Após a escavação, limpeza e posterior remoção deste nível de pedras que se verifica com maior ou menor intensidade por todas as fossas questionamo-nos se este nível não poderia corresponder ao momento de abandono destas construções. Imaginemos que estas construções deixaram de servir ou que se tornaram inabitáveis por algum motivo, no momento do seu abandono decidiram entulhá-las de pedra aproveitando também as mós em granito fracturadas que já não tinham mais nenhuma utilidade. Não conseguimos arranjar um pretexto para tão avultada concentração de pedras no interior das fossas e ainda para mais em quartzo, matéria-prima muito difícil de trabalhar e raramente usada nas construções.

Não em todas as estruturas, mas sobretudo nas mais profundas, eram detectados novos depósitos de terra não de cor escura mas avermelhada. Este quarto nível corresponde a uma camada que estava bem compactada e quase sempre limpa de pedras e materiais arqueológicos e que tinha uma espessura bastante representativa com cerca de 20 cm. Ao analisarmos esta camada podemos até pensar numa reocupação das construções dada a compactidade das terras e a inexistência de materiais. Podemos questionarmo-nos se a determinada altura esta construção não foi de novo ocupada e para isso foi espalhado um nível limpo de terra saibrosa a servir de piso. Também podemos questionar-nos se não poderia ter havido um reajustamento ou limpeza do pavimento interior. Ou então pensarmos numa construção que foi idealizada para uma determinada função mas como não serviu foi modificada e ajustada para uma nova funcionalidade, que não podemos determinar assim

como o intervalo que poderia ter havido entre as ocupações. O caso mais explícito acontece na fossa 1C onde nos níveis estratigráficos intermédios aparece este nível avermelhado ladeado por níveis de terra escura e empedrados (Est. LXI).

A U.E.05 apresenta-se muito semelhante ao segundo nível, tirando a marca das lavras e as intrusões. Neste nível a terra está mais compacta e com uma textura mais fina, ocupa cerca de 20 cm de espessura na representação estratigráfica. Os materiais encontrados estão em melhor estado de conservação dos que nos níveis referidos anteriormente. Na remoção deste nível começaram a aparecer mais pedras (Est. LXI).

Quase na base das estruturas aparece-nos um segundo empedrado que em alguns casos individualiza pequenas depressões dentro das fossas maiores como aconteceu por exemplo com as fossas 1A e 1B, 1D 2B e 5 (Est. XXXI). Apresenta o mesmo tipo de pedras, em quartzo, mas de menor tamanho e mais dispersas; também acontece que em alguns casos, como por exemplo ao longo das fossas 1A, 1B,1C e 1D, apareceram pedras de grandes tamanhos e difíceis de remover do interior dessas fossas misturadas com pedras de menores dimensões. Para este caso não temos uma ideia concreta para a utilização destes empedrados; do abandono da estrutura não seriam porque estão num nível final, só podiam ter feito parte destas fossas e com o tempo rolaram para o interior; para as de maiores dimensões podemos questionar-nos se não teriam servido como imobiliário no interior das construções. Em ambos os casos também não evidenciam qualquer alinhamento e tal como a U.E.03 também estão distribuídas aleatoriamente. Referirmo-nos ao nível de empedrado descrito anteriormente, U.E.03, e deferirmo-nos a este, U.E.06, resultando difícil explicar o aparecimento de tantas pedras no interior das estruturas, qual a sua finalidade e o porquê de transportar pedras de grandes dimensões para o seu interior, mas sobre esta problemática teceremos mais considerações no capítulo 7 desta monografia.

Por fim, o último nível que temos a assinalar aparece a uma cota quase final de raspagem do saibro natural (Est. LXI). Estamos a referir-nos a uma camada de cor alaranjada que no interior das estruturas é difícil de se perceber, só nos cortes, mas que nos rebordos tem uma representatividade maior. Esta unidade estratigráfica era muito compacta e apresentava características muito semelhantes ao saibro, diferenciava-se pelos materiais cerâmicos e pelas muitas pedras pequenas que ostentava. Na descrição das várias unidades estratigráficas das estruturas, designámos esta camada como pré saibro mas em alguns casos ainda apresenta por baixo, num nível inferior, estratos de cor escura e só depois aparece o saibro natural, facto também evidente na fossa 1C. Neste nível estratigráfico final também foi comum

encontrarmos restos de argamassas fragmentados com marcas em negativo das paliçadas e outros motivos de vegetação.

O trabalho de descrição e definição dos níveis estratigráficos que iam sendo descobertos ao longo da escavação não foi fácil de realizar, não só pelas razões já referidas mas também porque as tonalidades dos estratos eram muito semelhantes.

Assim, os níveis referidos estão descritos de forma genérica e estão de igual modo, com maior ou menor representatividade, distribuídos por todas as estruturas, na descrição pormenorizada de cada umas das estruturas, no capítulo anterior, também referimos algumas particularidades na estratigrafia das fossas descobertas.

6. O ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Dado o abundante e variado número de artefactos que foram descobertos e recolhidos durante a escavação do sítio arqueológico de Santa Bárbara, decidimos agrupá-los em pequenos grupos de forma a podermos fazer uma descrição mais detalhada e precisa de cada uma das peças²⁴. Para tal, criámos duas categorias principais de artefactos: as cerâmicas e os líticos, que depois desenvolvemos em subcapítulos. Para as cerâmicas destacamos os recipientes com a sua distribuição, morfologias e decorações; para os líticos temos a pedra lascada, a polida, a afeiçãoada e os elementos de adorno. Terminamos este capítulo com uma breve referência às matérias-primas. Na realização da descrição do estudo artefactual destes conjuntos foram incluídos todos os materiais encontrados nas diversas situações: em prospecção, numa fase inicial; à superfície do terreno durante o acompanhamento das máquinas; nos níveis conservados das várias estruturas em negativo, incluindo os materiais descobertos nas sondagens 13 e 14²⁵.

No universo das quase dez mil peças que fazem parte do espólio total deste sítio arqueológico e que resultaram desta intervenção, seleccionámos 934 peças (inclui as cerâmicas e os líticos) que, devido à sua raridade, estado de conservação, formas e decoração, constam numa base de dados onde foram descritos de forma pormenorizada, fotografados e alguns desenhados. Note-se a ausência de metais.

6.1. CERÂMICA

6.1.1. OS RECIPIENTES: A SUA DISTRIBUIÇÃO E AS MORFOLOGIAS

A cerâmica é o grupo que tem maior representatividade no conjunto do espólio arqueológico descoberto neste sítio. O elevado número de fragmentos cerâmicos deve-se, em muito, ao seu mau estado de conservação. Este elevado grau de fragmentação impossibilitou a reconstituição da maioria dos recipientes e complicou a análise morfológica e a interpretação de alguns fragmentos decorados.

No total recolhemos 9686 fragmentos cerâmicos, a maioria correspondente à zona do bojo²⁶; apenas 526 (5,4%) são bordos e temos duas asas. A sua distribuição pela área escavada na fase da abertura das sondagens é bastante homogénea. O mesmo não aconteceu na fase

²⁴ Nesta análise separámos o espólio descoberto nas sondagens do das fossas, isto apesar de em alguns casos poderem corresponder à escavação da mesma estrutura, mas em fases diferentes da intervenção.

²⁵ Sondagens realizadas na parte final da intervenção para encontrarmos algumas respostas sobre o prolongamento das estruturas (Est. XXXIV).

²⁶ Pode acontecer que dadas as características dos recipientes cerâmicos, alguns fragmentos que classificamos como bojós possam ser fundos arredondados.

posterior, como seria de esperar, na escavação das estruturas, dado que diferem em forma e dimensão de umas para as outras. Assim, no total das 14 sondagens abertas²⁷ (Ver gráfico 1), a sondagem 11 (Est. XIV) com 293 fragmentos (14% no grupo das sondagens e apenas 3% na totalidade) foi a que registou mais exemplares contra os 87 (4,1% no grupo das sondagens e 0,8% na totalidade) encontrados na sondagem 3 (Est. XIV), que registou o menor número de fragmentos. Nesta fase de sondagens foram recolhidos 2089 fragmentos cerâmicos (21,5%).

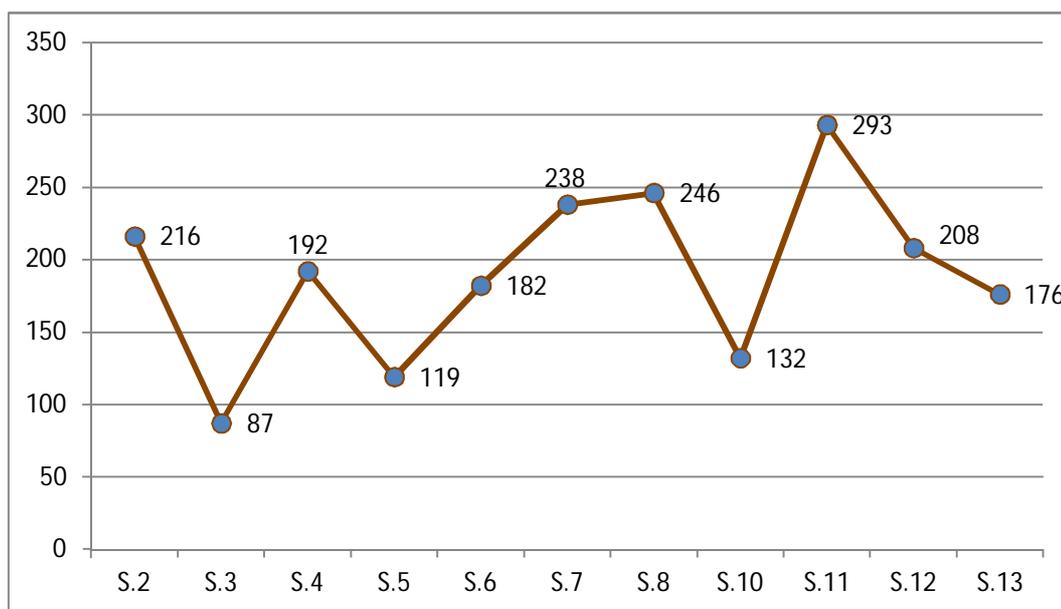


GRÁFICO 1: Distribuição dos fragmentos pelas sondagens.

Relativamente às fossas, a distribuição dos fragmentos cerâmicos (Ver gráfico 2) é mais desigual, com a fossa 5 (Est. XXXI) a registar 2178 (28,7% no grupo das fossas e 22,5% na totalidade) exemplares, seguindo-se as fossas 1D e 2B (Est. XXXI) com 1166 (15,3% no grupo das fossas e 12% na totalidade) e 1003 (13,2% do grupo das fossas e 10,3% no total dos fragmentos) respetivamente, e a fossa 1E (Est. XXXI) com o menor número de exemplares, 38 (0,5% no grupo das fossas e 0,4% no total dos fragmentos).

Nota, também, para o facto desta fossa, apesar de ter sido a que revelou menos fragmentos cerâmicos, ter sido a que apresentou os materiais em melhor estado de conservação. Só nas fossas 5, 1D e 2B (Est. XXXI) foram descobertos 4347 (57,2% e 44,8% na totalidade) fragmentos cerâmicos, mais de metade dos encontrados no conjunto das 14 fossas, que registaram 3250 (42,8% e 33,5% na totalidade) exemplares, somando um total de 7597 (78,4% na totalidade) fragmentos encontrados no interior destas construções.

²⁷ Nota para o facto de nas sondagens 1, 9 e 14 (Est. XIV) não ter aparecido qualquer fragmento cerâmico, daí o facto de não constarem no gráfico.

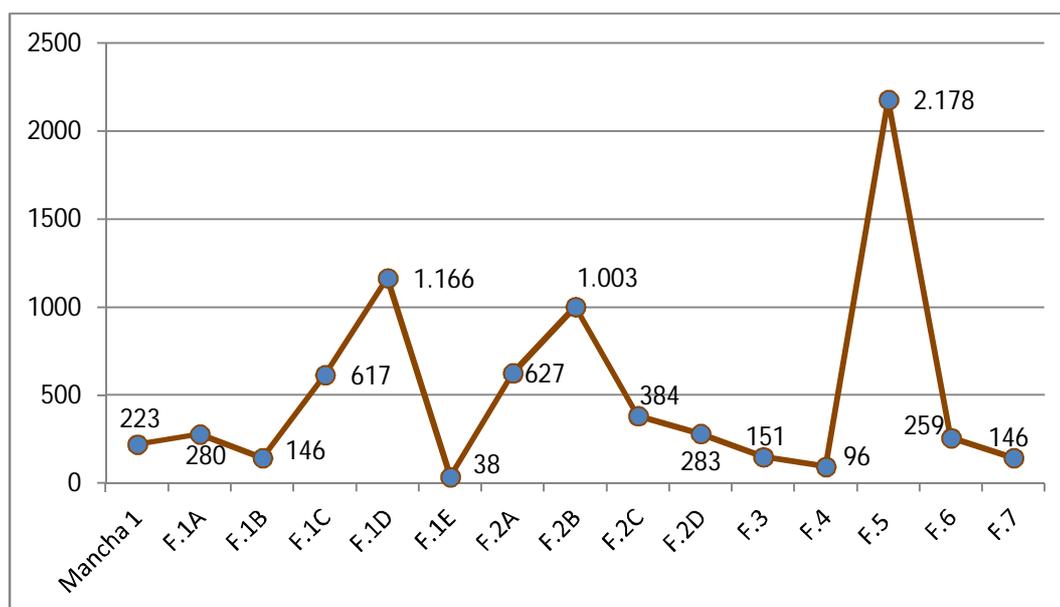


GRÁFICO 2: Distribuição dos fragmentos pelas fossas.

Fossas	Área das fossas (Em m ²)	Nº de fragmentos cerâmicos	Densidade de fragmentos por m ²
Mancha 1	61,63	223	3,6
F.1A	8	280	35
F.1B	5,53	146	26,4
F.1C	8,7	617	70,9
F.1D	34,4	1.166	33,8
F.1E	5	38	7,6
F.2A	5,35	626	117
F.2B	6,55	1.003	153,1
F.2C	6,35	384	60,4
F.2D	4,25	283	66,5
F.3	2,35	151	64,2
F.4	3,77	96	24,4
F.5	29,70	2.178	73,3
F.6	8,5	259	30,4
F.7	2,9	146	50,3

TABELA 1: Relação do número de fragmentos pela área de cada fossa.

Relacionando a área das fossas pela quantidade de fragmentos cerâmicos descobertos nas mesmas (Tabela 1), obtivemos densidades bastante interessantes. As fossas como a 2A ou a 2B, com áreas relativamente pequenas, conseguem ter uma média de 117 e 153 fragmentos respectivamente por m². As fossas com áreas maiores como a 5 ou a 1D têm densidades de concentração de fragmentos bem menores, com 33,8 e 73,3 fragmentos. A fossa com pior percentagem de fragmentos é a Mancha 1 com 3,6 fragmentos por m², seguindo-se fossa 1E com 7,6 fragmentos. Destacar também que fossas como a 3 e a 7, com as áreas menores do

conjunto das fossas, conseguem ter 64,2 e 50,3 fragmentos por m², ultrapassando a maioria das fossas com áreas maiores.

Quanto à análise morfológica deste espólio cerâmico, tivemos como base de estudo o conjunto dos 526²⁸ bordos descobertos. No entanto, deste grupo nem todos estavam em condições de serem analisados, devido ao seu reduzido tamanho. Tivemos que realizar uma nova selecção reduzida a 419 (4,3%) bordos e foi sobre estes que incidiu a nossa análise.

Da análise das formas definiram-se 9 tipos diferentes²⁹ onde estão distribuídos os fragmentos excepto alguns que pelas formas, incaracterísticas, aparecem no final da tabela. Para este estudo tivemos em conta os desenhos gráficos dos fragmentos que recriam os recipientes onde analisamos a sua abertura, a forma como o bordo se desenvolve na parte final (descaído para o interior, plano, com ou sem estrangulamento e extrovertido) e como terminava (biselado ou arredondado) e nos casos em que foi possível avaliámos, também, a profundidade dos recipientes. Podemos atestar que temos um maior predomínio dos bordos com os lábios arredondados face a uma quantidade bem menor de fragmentos com os lábios biselados. As paredes apresentam espessuras³⁰ que variam entre os 2,6 cm de máximo e os 0,3 cm de mínimo sendo que a média oscila entre os 0,5 mm - 1 cm. Para as pastas teríamos que fazer uma análise arqueométrica para descobrirmos mais dados como as temperaturas a que os recipientes eram submetidos ou as matérias-primas que as compunham. Provavelmente na composição das pastas as matérias-primas seriam recolhidas localmente como o quartzo ou o granito. As pastas compostas com estes pequenos “desengordurantes” apresentam cores maioritariamente claras que variam entre a cor creme, o laranja e o castanho e cores escuras, menos representativas, como o castanho-escuro ou até mesmo o preto mais destoado. Alguns fragmentos mais claros exibem nuances de cores escuras na zona da pança o que poderá revelar a sua exposição a altas temperaturas, que, como já referimos, não podemos precisar. As superfícies, tanto internas como externas, são na sua maioria alisadas contrastando com algumas superfícies externas rugosas que se apresentam nos recipientes de maiores dimensões, com paredes de espessura maior e de pastas mais escuras e friáveis.

A descoberta de alguns fragmentos cerâmicos com perfurações nas paredes, junto do bordo (Est. LXIII), poderiam apontar para serem suspensos para um uso comunal ou para

²⁸ Inclui os bordos que apresentam decoração.

²⁹ Da diversa bibliografia consultada sobre cerâmica, tivemos em conta a tabela elaborada por António Valera para as tipologias (VALERA, 2007: 141-142, 234-235, 304-305 e 365-366) que, segundo o próprio, foi criada por Senna-Martinez para classificar as tipologias das cerâmicas pré-históricas da bacia do médio e alto Mondego.

³⁰ Nota para o facto de a medida da espessura das paredes ter sido tirada nos fragmentos do bordo e correspondem à zona média /alta dos recipientes pelo que os fragmentos junto da base seguramente teriam espessuras maiores.

transporte de bens, isto pressupondo que teria outro orifício simétrico. Alguns deles podem ter sido realizados após a cozedura como aconteceu com um fragmento com decoração penteada e que depois foi perfurado em cima da decoração (Est. LXIII). Este facto levou-nos a refletir num reaproveitamento do recipiente ou numa mudança de funcionalidade em que para se adequar melhor a essa função teve que ser perfurada.

Outra solução para esta prática são os fragmentos com mamilos mas sobre estes falaremos no subcapítulo das decorações.

Dada a impossibilidade de podermos reconstituir integralmente um recipiente³¹, e com um elevado número de fragmentos de pequenas dimensões, principalmente nos bordos, passamos a descrever as morfologias definidas enquadradas pelos diversos tipos (Ver gráfico 3 e tabela 2):

Para o tipo 1 (T.1- *Pratos*³²) (Tabela 2) temos um reduzido número de recipientes que se destacam por serem muito abertos, pouco profundos, cerca de 5 cm, sem colo e com o fundo provavelmente esférico. Para este tipo criámos dois subtipos, que designámos como *pratos rasos* (T.1.1) em que apenas encontrámos 4 exemplares (0,9%³³) e os *pratos fundos* (T.1.2) que se caracterizam pela altura e pelas dimensões da abertura, com os bordos direitos e mais extrovertidos, lábios arredondados e a base poderia variar entre o plano e o convexo. A abertura é de 20-22 cm e sobressai face ao resto da peça. A espessura média das paredes, direitas, varia entre os 0,6-0,8 cm. Foram descobertos 11 fragmentos (2,6%), mas em muito mau estado de conservação.

No tipo 2 (T.2- *Taças*) (Tabela 2) também estão presentes recipientes abertos, de pouca profundidade com forma arredonda. Para uma melhor abordagem a este grupo identificámos dois subtipos. As *taças rasas* (T.2.1) caracterizam-se pelo ligeiro arredondamento das paredes, bordos direitos e os lábios cortados. Apresentam uma abertura bastante considerável de 28 cm e uma profundidade entre os 7 - 10 cm. A espessura média das paredes é de 0,6 cm. Para este subtipo apenas conseguimos encontrar 2 exemplares (0,5%). O segundo subtipo, as *taças fundas* (T.2.2), são as que tem uma maior representatividade no total dos bordos estudados com um conjunto de 142 fragmentos (34% da totalidade). Os bordos, redondos e maioritariamente direitos, com os lábios arredondados, são bem mais abertos com a parte inferior do recipiente em forma de meia esfera. A abertura destes

³¹ Foi descoberto um pote na fossa 1C (Est. XXXI), num estado de conservação razoável que permitiu a reconstituição de pelo menos meia parte.

³² As designações usadas para cada tipo têm por base o estudo elaborado por António Valera (VALERA, 1997: 66-71).

³³ As percentagens que apresentamos nas descrições tipológicas são referentes ao total dos bordos seleccionados para este estudo.

exemplares varia entre os 8 - 14 cm e a profundidade entre os 12 - 15 cm. Os valores da espessura média das paredes variam entre 1,2 cm de máximo e 0,3 cm de mínimo.

No tipo 3³⁴ (T.3- *Tigelas*) (Tabela 2) estão englobados recipientes com uma profundidade assinalável de cerca de 20 - 24 cm, as paredes direitas desde o bordo até à pança, começando a inflectir na parte inferior do recipiente em direcção à base, provavelmente, convexa. Os bordos são direitos e os lábios bastante arredondados. Apresenta uma grande abertura com 35 - 40 cm, a espessura média das paredes destes fragmentos é de 0,5 cm, o máximo é de 0,9 cm e o mínimo de 0,4 cm. Para esta tipologia descobrimos 47 fragmentos (11,2% da totalidade).

Quanto ao tipo 4³⁵ (T.4- *Esféricos*) (Tabela 2) concentrámos as formas de corpo geralmente esférico ou semiesférico, sem colo e com uma espessura das paredes média/fina, com 1,2 cm de máximo e 0,3 cm de mínimo. A maioria dos lábios é arredondada onde se destacam os bordos introvertidos, formando uma esfera quase completa, mas recortada na parte superior. Apresentam uma abertura de 16 cm, das mais fechadas do grupo morfológico que estudámos, e uma profundidade que varia entre os 10 - 15 cm. Para este grupo foi recolhida uma amostra bastante significativa, com 48 exemplares (11,5% da totalidade).

No tipo 5³⁶ (T.5- *Globulares*) (Tabela 2) temos recipientes com a boca fechada, de lábios arredondados, com ou sem colo e com corpo globular. Estes recipientes são muito parecidos com o tipo anterior na parte inferior das peças destacando-se pela presença dos colos e de formas menos arredondadas na parte superior das mesmas. Analisando a morfologia dos colos definimos quatro subtipos: os *globulares simples* (T.5.1) apresentam os bordos introvertidos, sem colo e uma abertura entre os 20-22 cm, que depois alarga na direcção da pança voltando a diminuir na base com forma globular. Não conseguimos precisar a profundidade, a espessura média das paredes é de 0,4 cm. Conseguimos obter 34 elementos para este grupo (8,1%). Temos, também, dois exemplares que se destacam dos restantes por exibirem os bordos ainda mais inflectidos para o interior logo na zona do colo, apresentando uma abertura de 18 cm, os lábios são arredondados com um ligeiro biselamento na parte interior. Os *globulares de colo cilíndrico* (T.5.2.) que apresentam os bordos direitos e introvertidos desde o colo, onde tem uma ligeira flexão e os lábios são biselados formam o segundo subtipo. A abertura varia entre os 20 - 22 cm, para este grupo obtivemos 19 fragmentos (4,5%). O terceiro subtipo os *globulares de colo estrangulado* (T.5.3) abrange um

³⁴ O tipo 3 corresponde ao tipo 4 na tabela de António Valera (VALERA, 2007: 365-366).

³⁵ Corresponde ao tipo 5 na tabela (VALERA, 2007: 365-366).

³⁶ Corresponde ao tipo 6 na tabela (VALERA, 2007: 365-366).

conjunto de recipientes que se destacam por apresentarem um ligeiro estrangulamento entre a pança e o colo seguindo-se um perfil vertical plano entre o bordo e colo, em cerca de 3 - 4 cm. A forma dos lábios varia entre o arredondado, em maior número, e o biselado. A espessura média das paredes destes fragmentos varia entre os 0,5 - 0,7 cm, sendo que a máxima é de 1 cm, e a mínima de 0,2 cm. Neste grupo recolhemos 31 fragmentos (7,4%). No último subtipo temos os *globulares de colo troncocónico* (T.5.4) com formas de pança globular e uma abertura que varia entre os 20-28 cm. Apresentam os bordos redondos com os lábios biselados 14 exemplares (3,3%) e arredondados 7 (1,6%). O estrangulamento do colo em forma de cone reflecte para o interior sendo depois, naturalmente, abertura maior. Relativamente à sua representação temos um total de 21 exemplares (5%). A espessura das paredes tem uma média de 0,4 cm.

Para o tipo 6³⁷ (T.6- *Recipientes de paredes rectas*) (Tabela 2), temos as paredes dos recipientes praticamente direitas, com formas bastante simples, ausência do colo, os bordos direitos terminam com os lábios arredondados. A abertura varia entre os 25 - 30 cm, não sabemos precisar a profundidade e a espessura média das paredes dos 22 fragmentos (5,2%) é de 0,9 cm.

No tipo 7³⁸ (T.7- *Recipientes "tipo saco"*) (Tabela 2) estão os fragmentos que correspondem a recipientes ligeiramente mais fechados, com uma abertura de 15 - 20 cm. A abertura é menor que o diâmetro da pança, voltando a fechar-se na direcção do fundo. Os colos são introvertidos e os bordos quase direitos, mas com os lábios arredondados. A espessura média das paredes é de 0,5 cm. Neste grupo, também contabilizámos 22 fragmentos (5,2%).

Para o tipo 8³⁹ (T.8- *Recipientes de colo estrangulado*) (Tabela 2) temos recipientes com uma abertura considerável que varia entre os 19-20 cm. Este grupo destaca-se pela forma como os fragmentos apresentam um estrangulamento, mais ou menos bem definido, dependendo dos fragmentos, na zona do colo. Apresenta os lábios biselados e uma pança que vai alargando depois do estrangulamento do colo. Apenas descobrimos 6 exemplares (1,4%).

Para finalizar, no tipo 9⁴⁰ (T.9- *Carena média/alta*) (Tabela 2) temos um pequeno grupo de 5 fragmentos (1,1%) que evidenciam uma ligeira carena na zona intermédia do colo, com bordo de paredes direitas que exhibe o lábio biselado na parte interior dos fragmentos. Após a suave carena, a pança é introvertida até ao fundo que poderia ser plano ou convexo. A

³⁷ Corresponde ao tipo 7 na tabela (VALERA, 2007: 365-366).

³⁸ Corresponde ao tipo 9 na tabela (VALERA, 2007: 365-366).

³⁹ Corresponde ao tipo 14 na tabela (VALERA, 2007: 365-366).

⁴⁰ Corresponde ao tipo 17 na tabela (VALERA, 2007: 365-366).

abertura é de 18 - 20 cm e a profundidade de 9 - 12 cm. A espessura média das paredes destes exemplares é de 0,5 cm. Neste grupo decidimos incluir três carenas que foram descobertas sem bordo pelo que não podemos afirmar se são carenas baixas, médias ou altas.

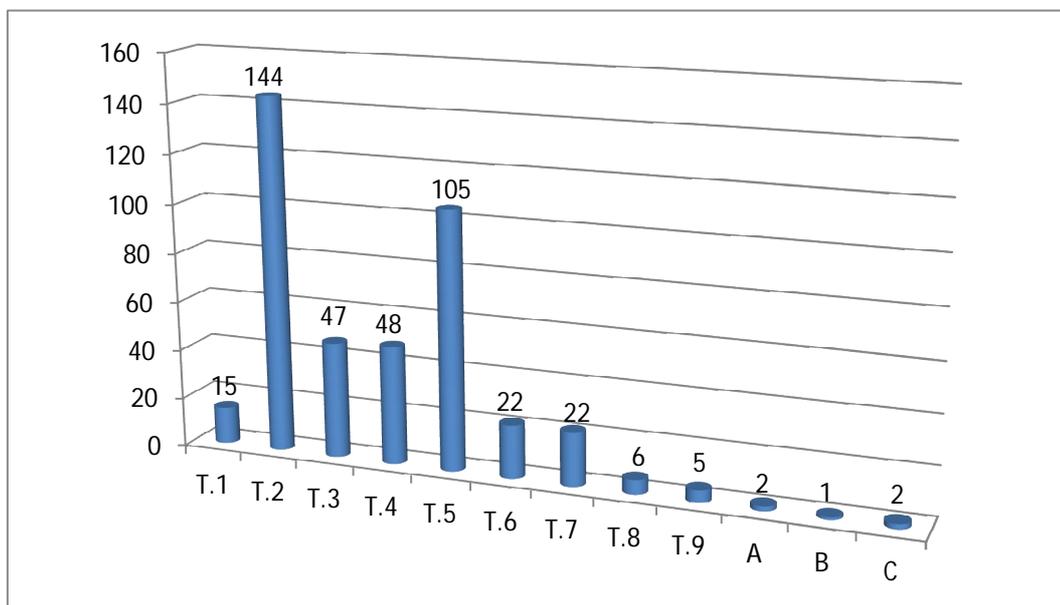


GRÁFICO 3: Distribuição dos fragmentos pelas tipologias.

Na continuidade da descrição das morfologias temos um conjunto de fragmentos que pelas formas não os podemos integrar nas tipologias referidas anteriormente e que na tabela estão numeradas com letras e que seguidamente descreveremos:

A- Conjunto de dois fragmentos únicos que se diferenciam pelas formas atípicas que apresentam (Tabela 2). O primeiro exemplar (A.I) destaca-se por apresentar uma forma mais fechada, ainda mais que as formas descritas para o T.6.1, na parte superior do recipiente, e com uma pança bem mais larga, em relação à abertura. Os bordos estão muito introvertidos, ficando com uma pequena abertura no topo. Os lábios são arredondados e a espessura das paredes é de 0,7 cm (Tabela 2). O segundo caso (A.II) tem forma completamente distinta, com a pança globular, estrangulamento do colo e termina com o bordo direito e o lábio arredondado. A espessura média das paredes é de 0,5 cm (Tabela 2).

Para ambos os casos não conseguimos obter uma representação gráfica que nos desse a ideia da verticalidade dos fragmentos nem do diâmetro dos recipientes.

B- Limitámo-nos a representar graficamente o único fundo que conseguimos encontrar. Apresenta a base plana com arranque das paredes extrovertidas (Tabela 2).

C- Por fim, temos as asas soltas que complementam os recipientes cerâmicos. Apenas foram descobertas duas asas, uma delas é a parte mesial de uma asa e a outra é o arranque a partir do bordo, com a particularidade de estar decorada (Tabela 2).

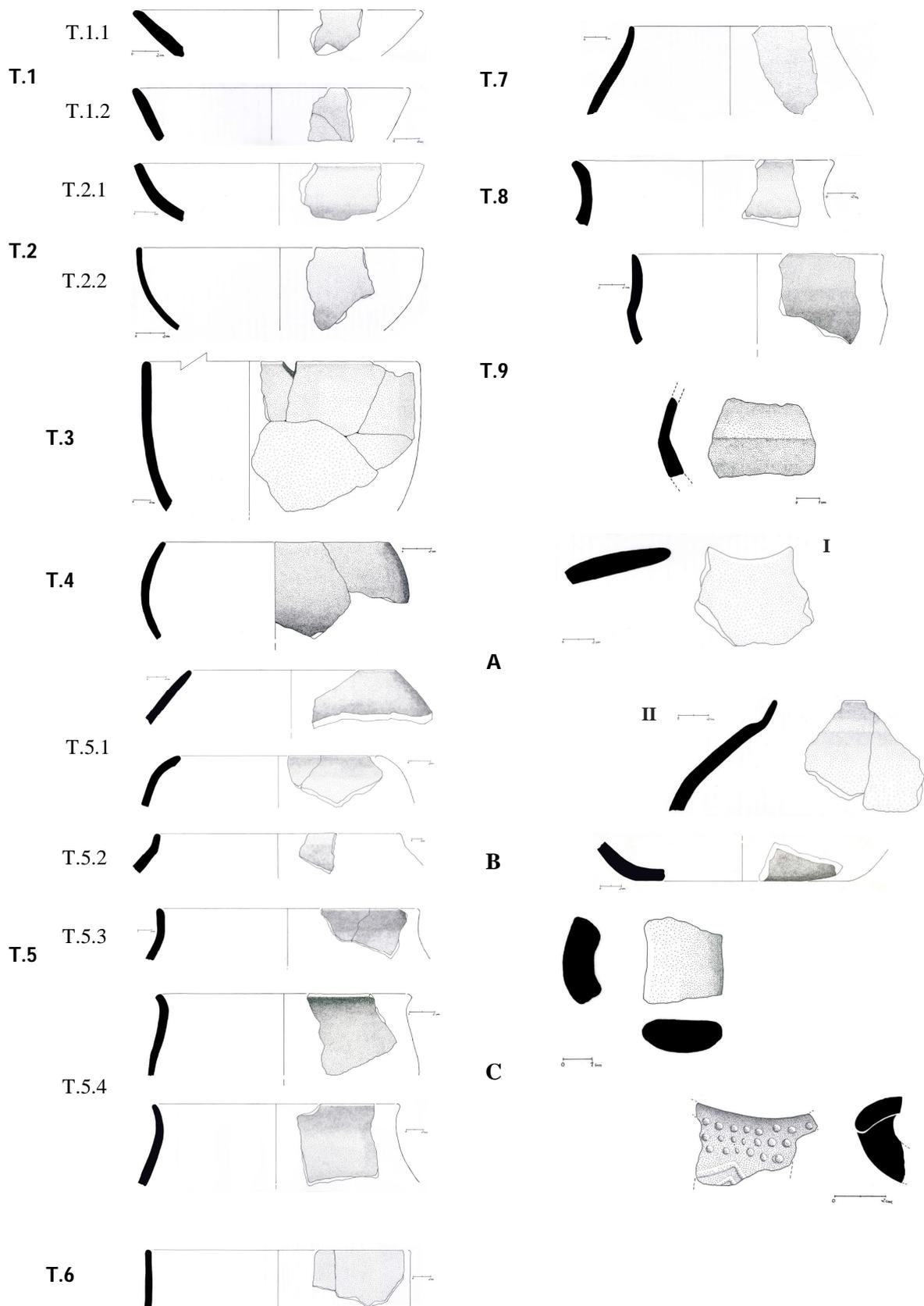


TABELA 2: Conjunto de formas de Santa Bárbara.

6.1.2. A DECORAÇÃO DOS RECIPIENTES CERÂMICOS

No que diz respeito à cerâmica decorada no sítio de Santa Bárbara conseguimos obter 372 exemplares, o que corresponde apenas a 3,7% no total dos fragmentos recolhidos. Deste conjunto, 167 são bordos correspondentes a uma percentagem de 45,6% neste universo e a 30,7%, no total dos bordos descobertos (Ver gráfico 4). Relativamente às peças em que foi possível estabelecer uma ligação entre morfologia e decoração temos 148. Assim sendo, obtivemos as seguintes decorações (Ver tabela 3):

A - Decorações penteadas (Est. LXIII): organização de linhas que variam na sua orientação, podendo ser à base de motivos penteados ou linhas ondulantes em menor (subtipo A1) ou maior (subtipo A2) quantidade⁴¹, ou então, linhas penteadas rectas horizontais (subtipo A3) que poderiam ser apagadas por brunimento (subtipo A4) (Ver tabela 3). Na generalidade deste grupo, e no universo dos fragmentos decorados que foram analisados, o subtipo A1 é o que apresenta uma maior representatividade com um total de 217 fragmentos (58,3%).

B - Decorações impressas (Est. LXIV): disposições com tendências horizontais obtidas através de impressões repetidas sucessivamente a partir de um vasto grupo de motivos: pequenos traços de duas (subtipo B2) e três fiadas (subtipo B3), pequenos círculos (subtipo B3 e B5), pequenos traços em forma de “U” virados na horizontal (subtipo B4), pequenos quadrados (subtipo B6 e B7) e por fim, um único exemplar com vários motivos que engloba o subtipo B2, B3 e um novo motivo com forma de círculo incompleto (Ver tabela 3). Neste grupo também englobámos os motivos feitos no bordo dos fragmentos, mais concretamente no lábio, que se destacam pela impressão unguiforme de pequenos semicírculos na vertical (subtipo B9) ou motivos rectangulares com as extremidades arredondadas na vertical (subtipo B10) (Ver tabela 3). Dos 4 fragmentos (1,1%) recolhidos temos uma divisão com dois exemplares para cada caso. No conjunto, estas decorações seriam, provavelmente, feitas à base de punções e matrizes variadas como as unhas dos dedos, pentes, e elementos de cariz circular como pequeninos paus de madeira ou palhinhas. Trata-se de um grupo pouco representativo com um total de 27 exemplares (7,2%), alguns deles são únicos como os subtipos B2, B6, B7 e B8.

C - Decorações plásticas (Est. LXV): fragmentos que se baseiam em aplicações plásticas que podem ser mamilares com forma circular (subtipo C1), rectangulares de extremidades prolongadas e arredondadas (subtipo C2), ou com a parte superior cortada

⁴¹O facto de termos muitos fragmentos fracturados dificultou, em algumas das peças analisadas, sabermos se poderiam ter mais ou menos linhas.

devido à aplicação junto ao bordo (subtipo C3) (Ver tabela 3); ou então com cordões plásticos simples (subtipo C4) (Ver tabela 3). Para este conjunto reunimos um total de 21 fragmentos (5,6% na totalidade) em que só o exemplar do subtipo C1 apresenta um total de 15 exemplares.

D - Decorações incisas (Est. LXVI): organização de um conjunto de motivos incisos com vários tipos de formas, podendo ser feitos, também, com vários padrões de linhas: rectas e interligadas (subtipos D1 e D2), lineares na vertical com três (subtipo D5) ou mais linhas (subtipo D3), na horizontal com uma (subtipo D8) ou mais linhas (subtipos D9 a D13), com um entrelace de uma linha na horizontal com três na vertical (subtipo D6) e, por fim, com meros motivos lineares ocasionais (D4 e D7) (Ver tabela 3). Neste grupo o subtipo D9 com 12 fragmentos é o que tem maior representatividade, num conjunto de 42 exemplares (11,2%).

E - Decoração em “pastilhas”⁴² (Est. LXVII): exposição na horizontal de pequenos mamilos dispostos em uma (subtipo E1), duas (subtipo E2) e três (subtipo E3) fiadas⁴³ (Ver tabela 3). Estas pequenas saliências eram obtidas através do repuxamento feito junto ao bordo e a partir do interior para o exterior do recipiente, com ajuda de um pequeno objecto fino e pontiagudo. A espessura média destes pequenos mamilos era de 0,5 cm, variando entre os 0,3 cm o mínimo e os 0,7 cm de máximo. Trata-se de um tipo de decoração que reúne 53 exemplares (14,2), com a disposição de uma, duas e três fiadas, a de uma fiada (subtipo E1) é a que tem o maior número de exemplares, com 34.

Este tipo de decoração, inédito no contexto da arqueologia local, foi a que nos despertou mais curiosidade não só pelo efeito que pretendia transmitir, mas também pela forma minuciosa como eram obtidas as pequenas saliências e a forma organizada em que foram reproduzidas nas peças.

F – Decorações mistas (Est. LXVIII): no seguimento da descrição das decorações que fazem parte da tabela realizada, remetemos para a parte final uma série de decorações mistas que, para além de apresentarem mais que um motivo decorado, também se distinguem pela sua singularidade⁴⁴. Destaque apenas para a decoração do subtipo B5/E2, encontrada na pega do arranque de uma asa (Ver Tabela 3 com a representação das morfologias e a letra C). No

⁴² Nome dado pelos investigadores espanhóis devido ao facto de a forma da decoração se assemelhar aos comprimidos que em espanhol significa “pastilhas”. Este termo foi depois empregue pelos investigadores portugueses sem sabermos realmente qual a sua origem.

⁴³ Para este grupo também temos um elevado número de fragmentos quebrados que não nos permitiram verificar se teriam mais que uma fiada.

⁴⁴ Muitos dos fragmentos descritos nesta parte estão incompletos pelo que não sabemos se poderiam ter mais motivos decorados e qual seria a sua extensão e localização na face das peças.

total das decorações mistas temos 12 fragmentos, tratando-se maioritariamente de exemplares únicos.

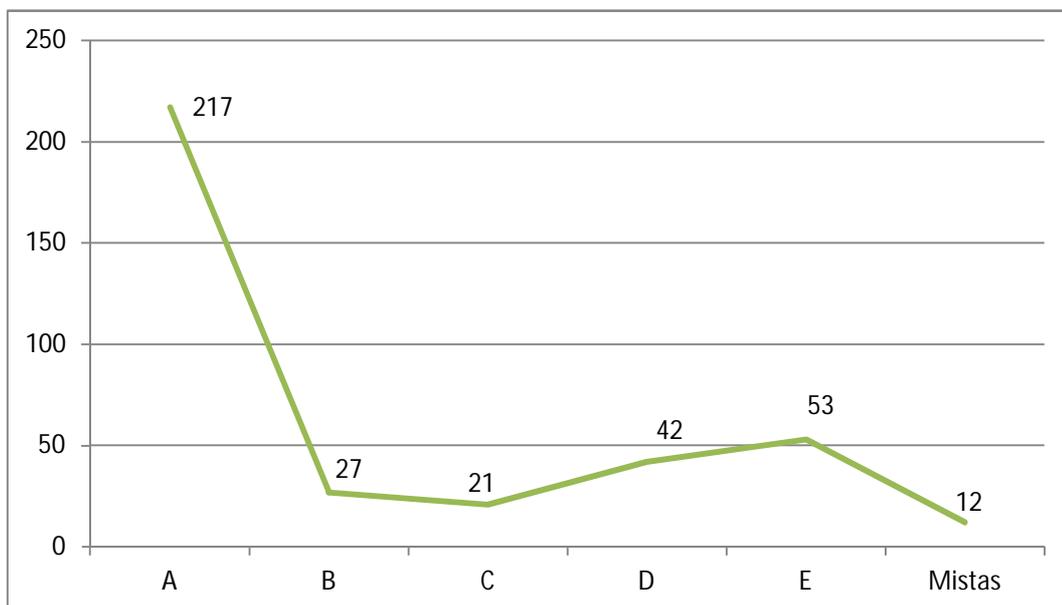


GRÁFICO 4: Distribuição dos fragmentos pelo tipo de decorações.

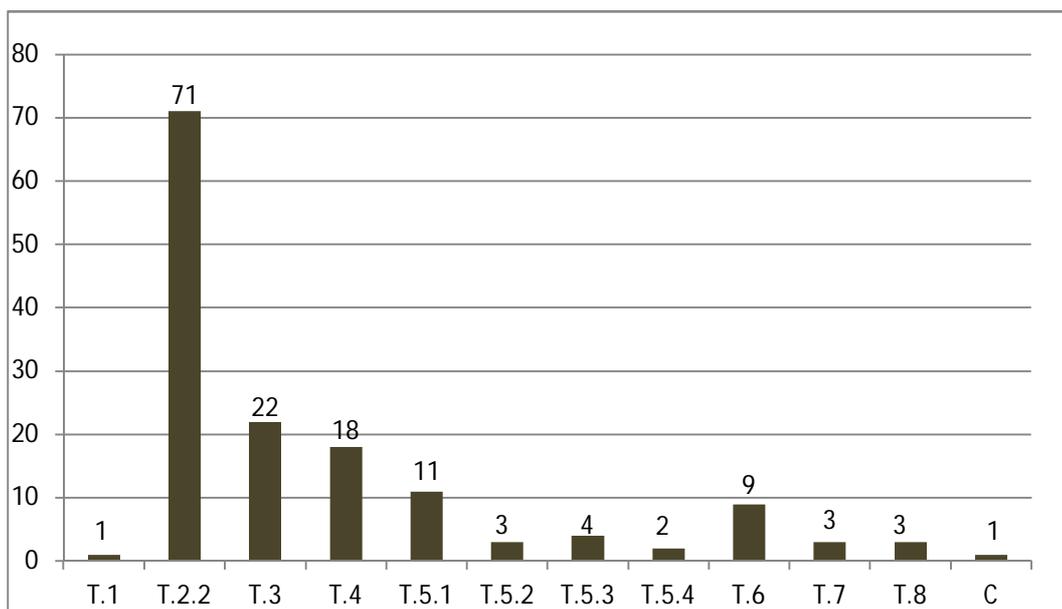
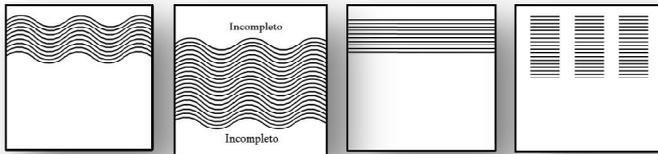


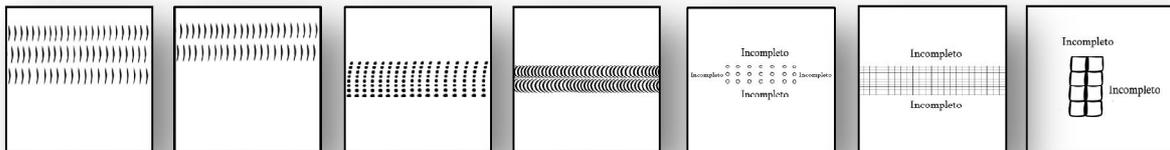
GRÁFICO 5: Distribuição dos fragmentos decorados pelas tipologias.

A

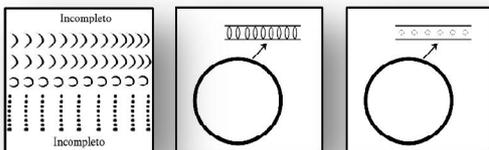


1 2 3 4

B

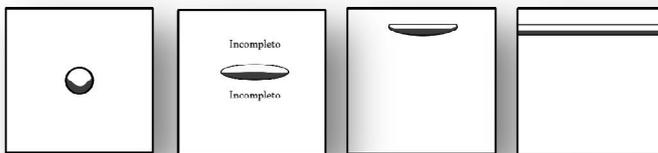


1 2 3 4 5 6 7



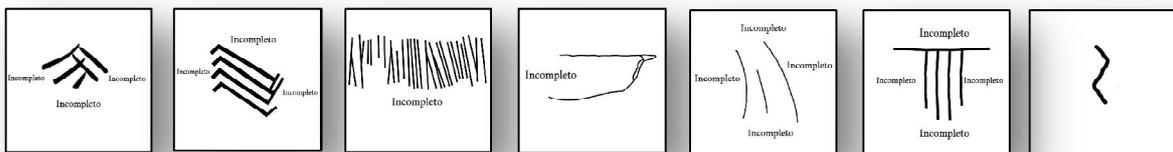
8 9 10

C

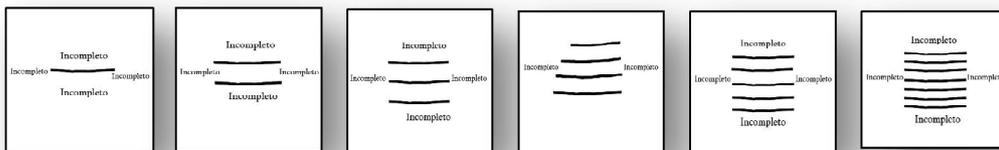


1 2 3 4

D



1 2 3 4 5 6 7



8 9 10 11 12 13

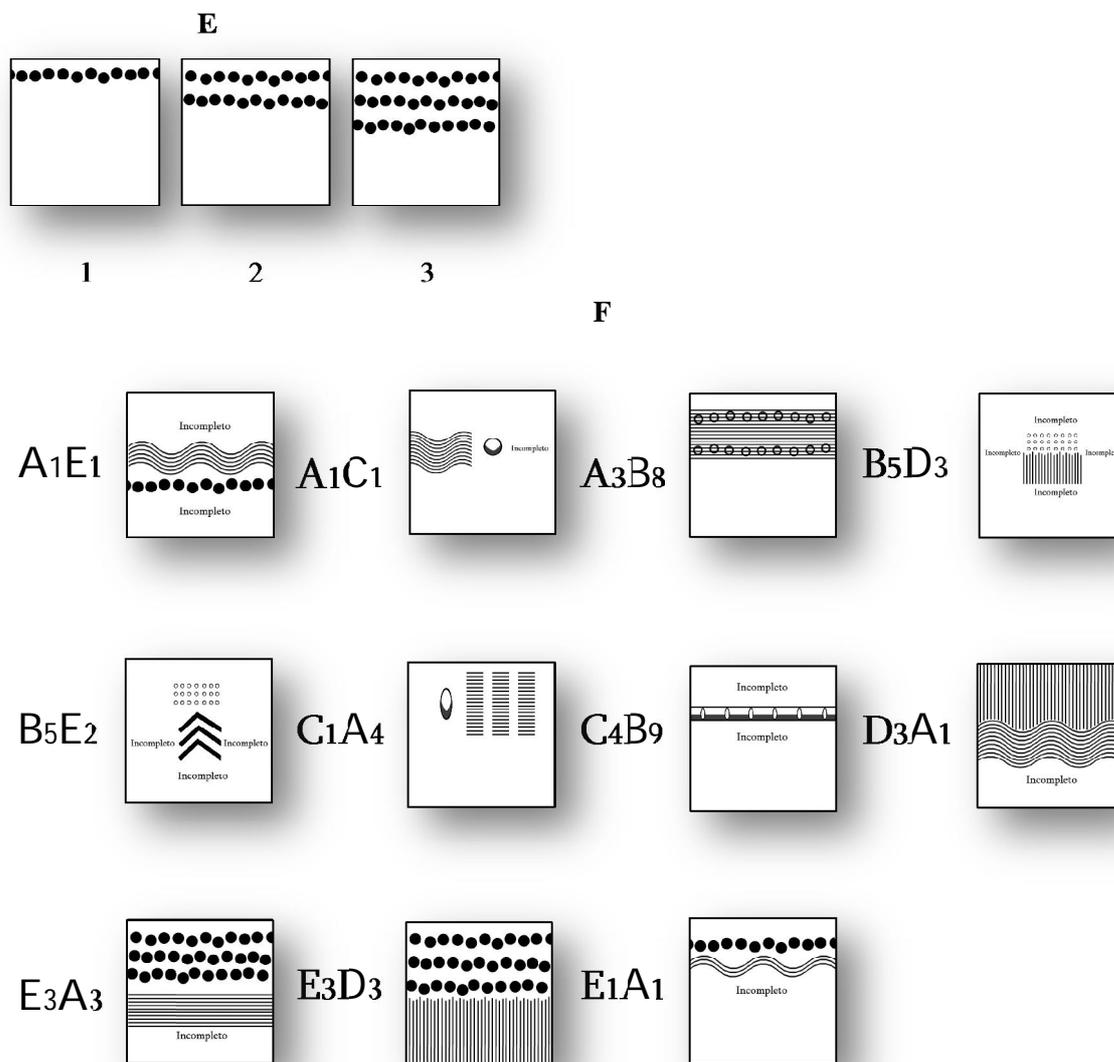


TABELA 3: Conjunto de decorações descobertas em Santa Bárbara.

Contrapondo os fragmentos decorados e tentando enquadrá-los nas tipologias (Ver Gráfico 5) criadas para descrever as morfologias conseguimos classificar 148 fragmentos (39,7%), os tipos T.2.2 e a T.4 (Ver tabela 3) são as mais representativas com 71 e 22 fragmentos respectivamente. No conjunto dos fragmentos decorados estão ausentes as formas T.2.1, T.7, A e B (Ver tabela 3).

A localização das decorações nos recipientes aparece em maior quantidade nos bordos e na pança, enquanto que nos lábios apenas apareceram dois fragmentos (B9 e B10). Podemos afirmar que as decorações do tipo E (Ver tabela 3) são as únicas que aparecem exclusivamente junto do bordo, assim como o tipo D (Ver tabela 3) aparece unicamente na pança dos recipientes. As do tipo A (Ver tabela 3) variam entre a pança (A2) e o bordo (A1, A3 e A4). No tipo B (Ver tabela 3) estão maioritariamente concentradas na zona de pança, exceptuando as decorações B1 e B2 no bordo e B9 e B10 no lábio como já referimos na

descrição da decoração. Para o grupo C (Ver tabela 3) apenas uma tem decoração no bordo (C3) as restantes apresentam-se na pança. No tipo F (Ver tabela 3) também aparecem quase todas na zona do bordo exceptuando o conjunto A1E1, A1C1, B5D3 e C4B9 (Ver tabela 3) que ficam na pança. O mau estado de conservação da maioria dos fragmentados, alguns muito friáveis e a elevada taxa de fragmentação condicionou a nossa análise morfológica e dificultou a percepção das decorações que ostentavam algumas peças, bem como a sua localização. Nota para o facto de não termos nenhum fragmento com decorações nas faces internas.

Para as decorações do tipo A (Ver tabela 3), facilmente encontramos paralelos ⁴⁵, por se tratarem de um tipo muito representativo nas cerâmicas do período Calcolítico. São o exemplo deste tipo de decoração as cerâmicas recolhidas nas intervenções feitas no Museu Lapidário para os subtipos A1, A2 e A3, no Castelo (ambos no Sabugal) para o subtipo A4, expostas no museu local (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica*, 2008: 29, nº 12 e 13; VILAÇA, 2008 a: 51; PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 211), no Alto do Castelo (Pinhel) (PERESTRELO, 2000: 15 e 25; PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 208) para o subtipo A1 e A2, Miranda (Guarda) (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 209) para o subtipo A1, A2 e A3 e o sítio da Ladeira II, Barracão (Guarda) (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 210) para o subtipo A1. No Cabeço da Malhadeira (Penamacor) (OLIVEIRA, 1998: 252; VILAÇA, 2008 a: 52) também temos presente o tipo A2. Temos depois a Quinta da Atalaia (Trancoso) (ALBERGARIA, VERÍSSIMO E PEÇA, 2009: no prelo) e Chãos da Barroca (Capinha-Fundão) (PERNADAS E MARQUES, 2012: no prelo) para os subtipos A1 e A3, a Quinta da Assentada (Fornos de Algodres) (VALERA, 2007:325) para os subtipos A1, A2 e A3, a Malhada (Fornos de Algodres) (VALERA, 2007: 204 e 205) que apresenta os quatro subtipos juntamente com a Fraga da Pena (Fornos de Algodres) (VALERA, 2007: 286-289). Para finalizar temos o Monte do Trigo (Idanha-a-Nova) (VILAÇA E CRISTÓVÃO, 1995: 205; VILAÇA, 2008 a: 54), Quinta dos Telhais e a Quinta das Provilgas (Fornos de Algodres) (VALERA, 2007: 338-339) das quais temos referências sobre cerâmicas penteadas mas não sabemos precisar de que tipologias seriam.

Na decoração do tipo B (Ver tabela 3) que também descobrimos no Museu Lapidário, mais concretamente a B3, também aparece no sítio arqueológico de Santiago (Alfaiates), para o tipo B5, ambas as decorações também expostas em fragmentos no museu (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica*, 2008: 30, nº 14 e 15). Nos sítios do Alto do Castelo (PERESTRELO, 2000: 15 e 25), Miranda (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 224) e Ladeira II (PERESTRELO E OSÓRIO,

⁴⁵ Tivemos em conta os sítios arqueológicos mais próximos, fruto dos trabalhos de escavações e prospeções feitos por vários investigadores.

2005: 225) também temos decorações do tipo B3. Para o Cabeço da Malhoeira (OLIVEIRA, 1998: 252) os tipos já são diferentes e encontramos cerâmicas do tipo B1, B2, B4 e formas semelhantes à B8. Para estas formas B8 também temos o sítio da Quinta da Atalaia onde apareceram fragmentos com pequenos círculos impressos (ALBERGARIA, VERÍSSIMO, E PEÇA, 2009: no prelo). No sítio da Malhada (VALERA, 2007: 206 e 207) temos decorações do tipo B2, B3, B5 e B6, na Fraga da Pena (VALERA, 2007: 277) o tipo B3 e na Quinta da Assentada (VALERA, 2007: 325) o B4. Finalmente em Chãos da Barroca, temos a decoração do tipo B5 (PERNADAS E MARQUES, 2012: no prelo).

O tipo C (Ver tabela 3) também se trata de um tipo de decoração muito frequente no período do Calcolítico, especialmente a forma em mamilo (tipo C1). Temos exemplares descobertos no Castelo do Sabugal, Fonte da Silva (Rebolosa, Sabugal) e Chão do Porto (Aldeia da Ponte, Sabugal), decorações também expostas no museu (*Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*, 2008: 29-30), ainda no concelho do Sabugal também as encontramos nas Carvalheiras (ROBALO E OSÓRIO, 2006: 207-208). Depois nos mais próximos, para este tipo de decorações, temos a Malhada (VALERA, 2007: 195) e a Fraga da Pena (VALERA, 2007: 238-239) com os subtipos C1 e C4, e a Quinta da Assentada (VALERA, 2007: 307) para o subtipo C1. Para o Cabeço da Malhoeira (OLIVEIRA, 1998: 252) temos os tipos C1 e C3, o C1 também para a Ladeira II (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 225). Sítios como o Ramalhão (Penamacor) (VILAÇA, 2008 a: 45-46) e a Pedra Aguda (Aldeia Viçosa, Guarda) (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 209-210) referem aplicações plásticas com mamilos mas não sabemos a que tipos pertenceriam.

Para as decorações do tipo D, por apresentarem motivos incisos aleatórios e segundo a criatividade de quem os criou é mais difícil podermos estabelecer paralelos apesar de sítios como a Ladeira II (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 225), Cabeço da Malhoeira (OLIVEIRA, 1998, 252), Monte do Trigo (VILAÇA E CRISTÓVÃO, 1995: 205), Ramalhão (VILAÇA, 2008 a: 45-46), Fraga da Pena (VALERA, 2007: 238-239), Malhada (VALERA, 2007: 208 e 210) e o Castro de Santiago (Fornos de Algodres) (VALERA, 2007: 90-91), aparecerem decorações incisivas variadas que se assemelham e diferem em alguns aspectos das descobertas.

Nas decorações do tipo E (Ver tabela 3), inéditas na arqueologia do concelho do Sabugal, temos paralelos em dois sítios arqueológicos próximos, são eles o Cabeço da Malhoeira (OLIVEIRA, 1998: 251) e o Monte do Trigo (VILAÇA E CRISTÓVÃO, 1995: 205), fugindo ao panorama regional temos a referência para vários locais na vizinha Estremadura espanhola, em Santa Vitória, Vila Nova de São Pedro, Gruta do Caldeirão, Buraco da Moura de São Romão e os Perdigões. Na Meseta Norte temos Las Pozas, La Peña del Aguila, Sta.

Maria, Alto del Quemado, El Canchal, Cerro del Ahorcado, Teso del Moral (VALERA, 1998: 98).

Finalmente para o tipo F (Ver tabela 3), onde estão as decorações mistas, temos os círculos impressos que aparecem no fragmento do subtipo A3B8, também, foram descobertos na Quinta da Atalaia (Trancoso) (ALBERGARIA, VERÍSSIMO E PEÇA, 2009: no prelo) e no Cabeço da Malhoeira (OLIVEIRA, 1998: 252). Temos depois o aparecimento da decoração C4B9 nos sítios da Fraga da Pena (VALERA, 2007: 288) e na Malhada (VALERA, 2007: 195) e do tipo E1A1 no Castelo de Penamacor (Penamacor) (SILVÉRIO, *et al.*, 2004: 491, 518 e 537).

Numa perspectiva geral dos sítios com que estabelecemos paralelos, muitos possivelmente haveria para referir, de destacar o facto de o povoado do Cabeço da Malhoeira em Benquerença (Penamacor) (OLIVEIRA, 1998: 243-257), não muito distante do povoado de Santa Bárbara, ter sido o único onde aparecem todos os tipos de decoração descritos.

Temos portanto no universo dos fragmentos cerâmicos recuperados neste sítio arqueológico uma grande diversidade nas formas e decorações, que nos permitiram estabelecer paralelos com vários locais arqueológicos num contexto regional.

6.2 UTENSÍLIOS DE TECELAGEM

A prática da tecelagem neste sítio arqueológico está atestada pelos inúmeros pesos de tear em barro que foram descobertos. Num total de 41 peças recolhidas (Est. LXIX), não conseguimos ao longo dos trabalhos, obter nenhuma peça inteira. Neste conjunto temos 2 elementos quase completos, 7 metades e 22 fragmentos que são cantos, extremidades ou partes intermédias.

Apesar de incompletos, da totalidade de exemplares descobertos foi perceptível a morfologia paralelepípedica, em 10 fragmentos, com secção rectangular/ subrectangular e cantos mais angulosos ou mais arredondados; e teriam quatro perfurações distribuídas por cada canto da peça (Est. LXX).

Os fragmentos dos cantos e das metades dos pesos de tear tinham, sempre, uma ou duas perfurações nas extremidades. No caso dos elementos mais pequenos, em pior estado de conservação, foi a marca da perfuração que nos permitiu verificar que se tratava de um objecto de tecelagem. Todas as perfurações feitas nestas peças eram de diâmetro reduzido e a forma cilíndrica. No entanto, também apareceram 5 restos de pesos, que provavelmente corresponderiam a partes intermédias ou a extremidades, sem qualquer marca de perfuração, pelo que só devido às formas é que os conseguimos identificar como tal.

Quanto às dimensões deste conjunto de utensílios, variam consoante a sua forma original de fabrico e o melhor ou pior estado de conservação. Assim, em termos de comprimento, o maior mede 8,8 cm e o mais pequeno tem 2,1 cm. Quanto à largura temos 9 peças completas com medidas que variam entre os 6,8 cm e os 4,6 cm. No grupo das peças fragmentadas a maior tem 4,8 cm e a menor 1,5 cm. A espessura de quase todos os objectos varia entre 1,5 cm e 3,1 cm.

A superfície das peças também difere de exemplar para exemplar. Temos um grupo maioritário de peças com as faces lisas e um pequeno grupo com as faces mais rugosas de pastas bastante mais friáveis. Os elementos de faces lisas também se apresentavam com pastas mais compactas e em melhor estado de conservação do que os restantes mais quebradiços. A cor das pastas destes objectos também varia, predominando os tons escuros sobre os fragmentos de cores acinzentadas, cremes e alaranjadas. A cor própria de cada uma das peças nem sempre é homogénea. Na maioria dos exemplares o cerne da peça é de cor diferente da superfície exterior.

Relativamente à distribuição espacial (Est. LXIX) de cada um destes elementos de tecelagem, a fossa 1D é a estrutura onde foram descobertos mais objectos num total de 11, seguindo-se a fossa 5 com 9 peças. Em menor número de exemplares temos as fossas 1A, 1B, 1C, 2C, 6 e pelas sondagens 4,7 e 10. Nota para a ausência destes objectos na concentração das fossas 2A, 2B, 2C, 2D e 4 (Est. LXIX), o que significaria que nestes espaços, provavelmente, realizaram-se outras actividades sem ser a tecelagem. A grande concentração de pesos entre as fossas 1A, 1B e 1E, na 1D e na fossa 5 (Est. LXIX) poderia conferir a estes espaços um trabalho mais vocacionado para esta prática. Isto significaria que não temos uma construção específica para este tipo de actividade.

Em termos de deposição estratigráfica, mais de metade das peças foram descobertas nos estratos superficiais de enchimento das fossas. Apenas um pequeno grupo nas camadas finais que assentam sobre a rocha.

No grupo de pesos de tear que foi descrito pode acontecer que em alguns casos os fragmentos mais pequenos pudessem pertencer à mesma peça, mas devido ao elevado índice de fragmentação é difícil de comprovar esta ideia que faria com que o número total de objectos tivesse que diminuir, apesar de no gabinete termos verificado que dos fragmentos nenhum colava entre si. O aparecimento de peças mais completas também contribuiria para um estudo mais detalhado desta parte do espólio.

6.3. LÍTICOS: BREVES CONSIDERAÇÕES⁴⁶

Antes de iniciarmos a descrição de cada um dos conjuntos de espólio lítico que foi descoberto, é de destacar o facto de ao longo do terreno onde decorreu a intervenção e no sentido noroeste - sudoeste, se observar a existência de um veio de quartzo leitoso⁴⁷, que facilmente solta pedaços de matéria - prima de vários tamanhos que poderiam ser interpretados como restos de produção. Durante a escavação das estruturas situadas perto deste recurso tivemos a preocupação de separar bem os materiais líticos, principalmente os de pedra lascada, que seguidamente descrevemos.

6.3.1. PEDRA LASCADA

O conjunto de artefactos de pedra lascada recolhidos em Santa Bárbara é um dos mais representativos, depois dos recipientes cerâmicos, na totalidade do espólio artefactual descoberto. A sua distribuição por toda a área onde decorreu a escavação é bem evidente e homogénea.

No total obtivemos 67 peças que se dividem em 12 pontas de seta, 3 lâminas retocadas e 52 lascas.

Das 12 pontas de seta que foram registadas (Est. LXXI e LXXII) apenas 6 estavam inteiras, ainda que algumas apresentassem pequenas fracturas nas extremidades. As dimensões que apresentam são variadas, sendo que a peça maior tem 3,6 cm de comprimento e a mais pequena, trata-se de um pequeno fragmento, com cerca de 0,8 cm. Quanto à largura, a base maior tem 2,7 cm e a menor 0,9 cm. A base destes projéteis varia de forma temos assim:

- 5 exemplares que apresentam a base recta (Exemplo da Est. LXXIII-I), que se caracterizam pela base plana e bordos convexos. Uma das peças tem retoques cobridores no anverso e marginais no reverso e a outra tem retoques cobridores e marginais bifaciais, uma delas também apresenta aletas.

- 6 exemplares de base côncava (Exemplo da Est. LXXIII-II) que se evidenciam mais numas peças do que noutras. Apenas uma das peças tem retoque bifacial marginal, sendo que as restantes apresentam os retoques cobridores e marginais bifaciais. Duas destas peças têm aletas e uma destas tem, também, o prolongamento da parte mesial da peça.

⁴⁶ Para uma melhor determinação das matérias-primas, que constam neste subcapítulo contámos com o contributo precioso da Doutora Lídia Maria Gil Catarino do Departamento de Ciências da Terra da Universidade de Coimbra e docente do Mestrado leccionando a cadeira de Arqueometria, a quem agradecemos.

⁴⁷ Este veio começa entre as fossas 2C e 7, segue para sudoeste passando pela fossa 6 e depois entre a 3 e a 2D, neste troço é onde está mas evidente. Depois continua, mais “camuflado”, e passa rente ao contorno noroeste da fossa 1A e 1E prolongando-se até à área não escavada (Est. XXXIV).

De fora destes conjuntos ficou uma das peças por apresentar a base partida, no entanto apresenta a forma subtriangular de bordos rectos ou ligeiramente convexos.

A distribuição destas peças pela área escavada é bastante heterogénea, sendo que na fase inicial de sondagens foram descobertas na sondagem 4 (1peça) 5 (1 peças), na 7 (1 peça), 10 (1 peça) e 12 (1 peça) (Est. XIV e LXXI), alguns exemplares. Na sondagem 12, tivemos a particularidade de escavar uma estrutura de combustão onde, por entre os pedaços de barro, foi descoberto um exemplar que, apesar de fracturado na ponta, é de xisto, cor creme, de base côncava, contorno subtriangular e contém retoques marginais bifaciais (Est. LXXI e LXXIII-II). Na definição da Mancha 1, mais concretamente na área que posteriormente denominámos como fossa 1A (Est. LXXI), descobrimos o melhor exemplar deste conjunto de peças. Trata-se de um objecto de cor cinza escuro, feito de metagrauvaque com metamorfismos de contacto, de contorno subtriangular, base côncava, com retoque bifacial cobridor.

Quando passámos à escavação das restantes fossas, a sua distribuição foi mais homogénea. Temos na fossa 2BII (3 peças), nas fossas 2C e 6 (1 peça em cada), todas estruturas muito próximas, excepto o exemplar da fossa 5 que está mais distante deste grupo (Est. LXXI).

Provavelmente devido à falta de acessibilidade a certas matérias-primas como o sílex, a nível local ou regional, levou a que esta comunidade tivesse que optar por outras matérias-primas, daí o facto de não termos nenhuma ponta de seta em sílex, matéria - prima muito comum neste tipo de artefactos. Nas peças, destaca-se o quartzo leitoso (8 peças), o xisto (2 peças), o quartzito (1 peça) e o metagrauvaque (1 peça). A cor predominante é o branco, do quartzo leitoso, face a tons mais escuros como o cinza e o vermelho escuro, e a tons mais claros como o creme e o vermelho.

Os 3 fragmentos de lâminas descobertos diferem muito no estado de conservação (Est. LXXI). A primeira, mais completa, tem 5,5 cm de comprimento por 2,3 cm de largura, e encontrava-se facturada numa das pontas. De perfil rectilíneo e secção rombóide, no anverso, está lisa, mas no reverso tem retoques prolongados cobridores e pequenos retoques ao longo de toda a marginal. A matéria-prima usada é o sílex amarelado. A extremidade que não se danificou termina de forma arredondada (Est. LXXIII-III). Este exemplar foi descoberto na escavação da fossa 1A (Est. LXXI).

A segunda lâmina é muito mais pequena, tem 2,5 cm de comprimento por 1,6 cm de largura, corresponde a um fragmento mesial de quartzito, de cor castanha. Tem perfil rectilíneo e secção rombóide, no anverso encontra-se lisa mas no reverso ostenta retoques

prolongados cobridores e depois pequenos retoques ao longo de toda a marginal (Est. LXXIII-IV). Foi descoberta na fossa 1C (Est. LXXI).

O terceiro exemplar é o que se encontra em pior estado de conservação, tem 1,8 cm de comprimento e 0,9 cm de largura e também corresponde à parte mesial de uma peça feita em quartzo branco. Tem perfil rectilíneo e secção rombóide, no anverso encontra-se lisa, mas no reverso ostenta retoques prolongados cobridores e pequenos retoques ao longo de toda a marginal (Est. LXXIII-V). Foi descoberta na abertura da sondagem 10, mais tarde denominada como fossa 5 (Est. LXXI).

Temos, portanto, um conjunto de lâminas muito idênticas quanto às suas formas, diferindo apenas nos tamanhos e na matéria-prima de que foram feitas.

Por fim as lascas, distribuem-se de forma semelhante por toda a área intervencionada. Estas 52 lascas⁴⁸ que foram recolhidas, algumas ostentam pequenos retoques que poderiam ter sido o ensaio para um artefacto, outras são pequenas peças que não sabemos precisar para o que serviriam ou então restos partidos de objectos maiores. A matéria-prima que predomina é o quartzo hialino (24 peças), o quartzo leitoso (23 peças), o sílex (3 peças) e o quartzito (2 peças).

6.3.2. PEDRA POLIDA

Relativamente ao grupo da pedra polida temos um conjunto de 20 objectos que se dividem em 8 machados (LXXIV), 4 utensílios que não sabemos determinar a sua funcionalidade mas que descreveremos por apresentarem as faces polidas e 8 lascas de pequenas dimensões.

Desta forma, começamos a descrição pelos 8 machados de pedra polida (Est. LXXIV) que foram descobertos, todos eles em mau estado de conservação, não estando nenhum inteiro⁴⁹.

Trata-se de um conjunto de utensílios em anfibólito, de forma e secção subtrapezoidal, de perfil plano-convexo (3 peças) e biconvexo (5 peças). Os bordos são lineares, com pequenas fracturas (2 peças), assim como as arestas arredondadas. O talão encontra-se truncado (4 peças), arredondado (1 peça) ou aguçado (3 peças). Os gumes são de duplo bisel, convexos e assimétricos. De salientar o facto de três peças ostentarem picotado nas faces do gume, o que nos sugere uma reutilização destes objectos ou então um uso excessivo que

⁴⁸ Não podemos afirmar com toda a certeza que este conjunto resultou da prática humana porque o terreno, como já referimos, é trespassado por um filão de quartzo podendo algumas terem surgido naturalmente.

⁴⁹ Temos um exemplar quase completo não fossem as duas extremidades estarem, uma fracturada e a outra picotada.

poderá ter provocado esses danos. O polimento, nestes exemplares, aparece quase sempre nas faces maiores e no gume⁵⁰. Os entalhes que aparecem nas partes superiores e inferiores de cada objecto revelam o estado bruto em que o anfibolito foi desbastado. As faces contíguas ao gume, que se prolongam para lá da zona proximal de cada peça, encontram-se picotadas.

As dimensões são bastante variadas, em que a peça maior tem 13,8 cm de comprimento e 6,1 cm de espessura. Os restantes objectos têm dimensões muito semelhantes em torno dos 8,5 cm de comprimento por 5,5 cm de espessura⁵¹.

Na análise da sua dispersão pelo povoado, temos um exemplar fora do contexto arqueológico de escavação, tendo sido encontrado em prospecção. Na fase inicial da escavação descobrimos um machado na sondagem 6, dois na fossa 5, um na fossa 6 e outro na 1D. Na abertura das últimas sondagens 12 e 13, apareceram mais dois fragmentos, com a particularidade da sondagem 13 ter sido feita num caminho de acesso à capela de Santa Bárbara e, portanto, fora do terreno onde decorreu a intervenção (Est. XXXIV). Foi também nestas últimas sondagens que apareceram os exemplares em melhor estado de conservação, embora só tenham a parte do gume com o talão, pois a parte distal das peças está fracturada.

Além dos machados temos, então, os objectos para os quais não sabemos determinar uma actividade óbvia e que passamos a descrever.

Na fossa 1D temos um pequeno fragmento de anfibolito, de cor azul claro, de forma sub-retangular, com as arestas arredondadas e os bordos rectilíneos; encontra-se em muito mau estado de conservação. Este objecto tem a particularidade de apresentar o duplo polimento das faces e vestígios de picotado (Est. LXXV); as extremidades estão fracturadas e apresenta 6,8 cm de comprimento por 2,1 cm de largura. Face a estas características e não apresentando nenhuma extremidade intacta, torna-se difícil atribuímos-lhe uma utilidade, mas o facto de apresentar as faces polidas permite suspeitar que alguma funcionalidade, que desconhecemos, teria tido.

Temos, também em anfibolito, um pequeno utensílio desbastado e de morfologia irregular. Apresenta a face superior alisada e convexa, enquanto a face inferior, a base, não sofreu qualquer tratamento, encontrando-se em estado bruto (Est. LXXVI). Na altura da sua descoberta, na sondagem 7, encontrava-se partida em duas partes na zona proximal, além da fractura que apresentava numa das extremidades. Tem um comprimento de 10 cm e uma largura de 4,1 cm, na parte inferior do objecto. Observando as suas formas poderíamos

⁵⁰ Um dos machados tem o talão polido e arredondado, provavelmente devido à forma como foi usado.

⁵¹ Apenas um exemplar foge deste valor por se encontrar fracturado na horizontal no talão e respectivo gume. Esta peça tem uma espessura de apenas 3,1 cm.

avancar com a possibilidade de se tratar de um afiador, mas a fragilidade da matéria-prima e o fraco polimento na face de uso levantou a possibilidade de uma outra utilidade indeterminada.

Finalizamos a descrição com dois objectos muito estranhos que apareceram na sondagem 11 e na fossa 1D (Est. XXXIV). Estes dois exemplares apresentam-se completamente polidos, são de forma semi - circular nas faces laterais de uma das peças e nas faces maiores⁵², na outra peça aparecem alisadas devido à função a que foram sujeitas. Uma das peças, com a face lateral lisa, de secção trapezoidal, contrasta com a face oposta, apenas polida e de secção semi - circular; tem 5,5 cm de comprimento e uma espessura de 2,8 cm, medidas que fazem com que esta peça seja a mais pequena do grupo (Est. LXXVII-II). A outra, de maiores dimensões, de 6,3 cm de comprimento por 4 cm de largura, e de forma semi-rectangular, tem uma das faces fracturada com um talhe, denotando possível reutilização, e a outra com polimento provocado pela função a que esteve destinada (LXXVII-I). As suas dimensões definem objectos facilmente manejáveis nas pontas dos dedos de uma mão, facilitando, assim, a sua empregabilidade para a função a que estaria estipulado. A diferença entre estes dois objectos, além dos poucos centímetros de tamanho e da forma, está na matéria-prima, uma é em grauvaque e a outra em anfibolito. Relativamente à sua utilidade, avançamos com uma teoria meramente hipotética, tratando-se de objectos de auxílio ao alisamento das paredes das peças em cerâmica no momento da sua produção. Isto porque estamos num período em que o uso do torno na produção cerâmica é inexistente, e a sua perfeição, enquanto recipiente final, resultaria do emprego de objectos como este.

De salientar a ausência de grandes blocos de anfibolito, matéria - prima mais comum nestes objectos, nos empedrados, onde apenas encontramos pedras de granito e quartzo leitoso, porque provavelmente esta matéria-prima já chegaria ao povoado em pequenos núcleos/blocos.

Para finalizar falta destacar apenas um conjunto de 8 lascas que, tal como aconteceu com as lascas da pedra lascada, não podemos precisar se são restos de objectos polidos que se foram partindo ou degradando, ou se seriam pequenos utensílios por terminar. A matéria - prima comum é o anfibolito, as dimensões variam entre os 8,4 cm e os 3 cm de comprimento. Destaque para duas pequenas bases do gume fracturadas e uma face em muito mau estado de conservação, com um comprimento de 8,4 cm por 4,7 cm de largura. Estas lascas foram escolhidas num grupo de 52, as restantes, em matérias - primas semelhantes, não constam

⁵² Apresenta, numa das faces, uma grande marca em negativo de um talhe, de possível reutilização.

neste estudo porque são fragmentos naturais não possuindo qualquer tratamento específico para serem usadas numa qualquer finalidade.

6.3.3. PEDRA AFEIÇOADA

Para o conjunto do espólio sobre a pedra afeiçãoada reunimos três grupos de utensílios de trabalho ligados a actividades diversas como o fabrico de utensílios, com os percutores e as bigornas, a farinação ou o esmagamento, a partir dos elementos de moagem e os pesos de rede para actividades como a pesca.

6.3.3.1. ELEMENTOS USADOS NO FABRICO DE OBJECTOS

Quanto a este tipo de utensílios foram recolhidos um total de 17 exemplares, que se dividem em 11 bigornas⁵³, 2 percutores (Est. LXVIII-II) e 4 duplos⁵⁴ (Est. LXXIX e LXXX). Neste núcleo de peças, apenas quatro estão completas, duas com formas circulares e outras duas subrectangulares. Todas apresentam configurações bastante variadas sendo que a peça maior, de cariz semi-rectangular e completa, tem cerca de 15 cm de comprimento e 9 cm de largura numa das faces. Nota também para o facto de todas elas, ainda que na sua maioria fracturadas, caberem perfeitamente na mão, o que facilitava o seu manuseamento, exceptuando as bigornas que tinham uma forma de utilização diferente.

Uma das características evidentes destes objectos são as marcas em negativo que ostentam nas faces, provocados pelos sucessivos batimentos em elementos mais frágeis⁵⁵ nos processos de debitação, de moagem ou de martelagem. Temos peças com uma (5 peças), duas (4 peças), três (2 peças), quatro (1 peça), cinco (2 peças), seis (1 peça) e oito (2 peças) marcas provocados por este trabalho. As peças que ostentam várias marcas, ilustram bem a intensa actividade e utilidade a que estiveram sujeitas. Relativamente à utilização das faces, temos o aproveitamento de uma (6 peças)⁵⁶, duas (3 peças), três (6 peças) e quatro (2 peças) faces de cada uma das peças descobertas. É curioso verificarmos que os exemplares que expõem uma ou duas faces com marcas de uso estão todos fragmentados, o que pode evidenciar que não foram tão resistentes, ao choque nem tão duradoiros como os que têm vários orifícios e várias faces de utilização, independentemente da matéria-prima de que são feitos. Na escolha da matéria-prima para este tipo de utensílios teve-se em conta a

⁵³ Três exemplares apresentam uma das faces alisadas, pelo que deveriam ter tido um reaproveitamento como moventes (Est. LXXVIII-I). Temos, também, outro exemplar em que houve a inversão deste processo, era movente e depois foi reaproveitado para utensílio de trabalho.

⁵⁴ Duplos devido ao facto de terem servido de bigornas e percutores ou vice-versa (Est. LXXX).

⁵⁵ Numa das peças é evidente, na face fracturada, um pequeno orifício provocado pela posterior utilização.

⁵⁶ Três das peças apresentam a face lisa (moventes) (Est. LXXVIII-I).

durabilidade e a resistência ao choque. O granito domina, apesar de o separarmos em termos de granulagem, em fino (3 peças), o médio (7 peças) e o grosseiro (1 peça). Com incidência menor, mas igualmente relevante, temos o grauvaque (3 peças), o quartzo (2 peças) e o anfíbolito (1 peça).

A descoberta destes objectos aconteceu em fases diferentes do processo de escavação do sítio arqueológico. Temos dois exemplares, um percutor completo e uma bigorna fracturada, que foram encontrados à superfície do terreno, sem qualquer enquadramento. Na fase de sondagens, foram descobertos mais dois exemplares, um duplo na sondagem 7 e o segundo percutor na 12 (Est. XIV). Depois na escavação da Mancha 1 descobrimos um duplo e uma bigorna. Os restantes foram encontrados na fase de escavação das estruturas, com a fossa 5 a albergar o maior número de exemplares, 7 no total, 2 duplos e 5 bigornas, uma delas com reaproveitamento como bigorna. Na fossa 1D, também temos uma bigorna e um duplo. Com apenas um objecto estão as fossas 1E com um movente que serviu de bigorna e a 2A com uma bigorna (Est. XXXI).

Estes objectos são muito vulgares nos povoados deste período, pela sua variada utilidade e por, de uma forma mais primitiva e arcaica, permitirem a elaboração de alguns instrumentos líticos indispensáveis para a sobrevivência das comunidades.

6.3.3.2. ELEMENTOS DE MOAGEM

Por entre os vários empedrados de enchimento das fossas, temos a realçar a grande quantidade de objectos de moagem que foram encontrados (Est. LXXXI). A maioria destes objectos foi identificada durante os trabalhos de remoção das pedras do interior de cada uma das estruturas negativas.

Registámos um total de 51 dormentes⁵⁷, 8 moventes e um pilão, tendo quase sempre como matéria-prima o granito (Est. LXXXI⁵⁸).

Os dormentes, de vários tamanhos, encontram-se muito fracturados, não tendo sido recolhido nenhum elemento inteiro. A partir dos elementos maiores dimensões recolhidos conseguimos definir a sua morfologia. São maioritariamente de tendência côncava, com os rebordos elevados face à parte central, que é sempre menos espessa devido ao desgaste feito pela moagem (Est. LXXXII). Temos depois um pequeno grupo de exemplares de face totalmente plana, com uma espessura variável e com a base convexa e semicilíndrica. O facto do picotado, na maioria das peças, estar apagado das suas superfícies unifaciais levou-nos a

⁵⁷ O grau de fragmentação dos objectos estudados não nos permitiu uma contagem segura.

⁵⁸ Nesta estampa só constam 42 mós, porque os restantes exemplares descobertos não foram localizados rigorosamente na planta das estruturas escavadas.

pensar numa intensiva utilização destes objectos no quotidiano desta comunidade. Neste grupo dos dormentes, temos duas peças que fogem destes grupos devido às formas e características que apresentam. Foram descobertas na fossa 5; uma apresenta uma dupla superfície de utilização, com as duas faces gastas de igual forma, de tendências côncavas e pouco espessa, provavelmente seria o motivo da sua fractura (Est. LXXXII- nº10). A outra tem uma forma que parece um recipiente, devido ao acentuado desgaste da superfície de utilização originou uma concavidade profunda que lhe deu uma forma invulgar face ao restante grupo descoberto (Est. LXXXII- nº 11).

Nos 8 moventes, conseguimos recolher 3 inteiros, os únicos neste conjunto artefactual. Analisando as características de cada um e pelas dimensões que apresentam, verificámos que 4 deles poderiam ser usados com uma só mão e os restantes, maiores, seria com as duas mãos. Apresentam uma superfície de utilização unifacial com formas sub-esféricas. O picotado quase apagado revela uma intensa utilização destes artefactos, tal como aconteceu com os dormentes. A matéria-prima usada foi o granito (6 objectos), mas também temos elementos em xisto e grauvaque.

Outro objecto que anexámos a este grupo foi um pilão (Est. LXXXIII) que foi encontrado na escavação da estrutura de combustão na sondagem 12. Este objecto corresponde a uma peça alongada de secção transversal cilíndrica com as extremidades fracturadas. A ausência de uma extremidade que fosse polida levou-nos a pensar noutro tipo de objecto mas a forma que apresenta assemelha-se mais à funcionalidade de pilão, para pisar/esmagar alimentos ou outras matérias-primas.

A distribuição espacial das mós é bastante uniforme. A fossa 1D, provavelmente devido à grande área que ocupa, apresenta 12 mós, seguindo-se a fossa 1E e a 5 com 10 e 9 fragmentos respectivamente (Est. LXXXI). Apenas as fossas 2A e a 3 não registaram qualquer elemento.

Os elementos de moagem neste sítio arqueológico seriam em grandes proporções, isto porque nos trabalhos de prospecção encontrámos algumas mós nos paramentos feitos em pedra que delimitavam as propriedades privadas.

6.3.3.3. PESOS DE REDE

Relativamente aos pesos de rede, foram descobertos 8, embora tenhamos 3 exemplares duvidosos, por estarem muito partidos e por um deles apresentar apenas um retoque lateral - ou não chegou a ser terminado ou então poderia ter tido outra função.

Nos restantes 5 em melhor estado de conservação, são visíveis os dois entalhes laterais, relativamente simétricos, um de cada lado das peças, obtidos através de um entalhe propositado para a função a que estariam destinados (Est. LXXXIV). Uma das peças apresenta estes entalhes laterais pouco salientes, possivelmente devido ao seu uso intenso. A matéria-prima usada são os seixos rolados em grauvaque polido, muito abundantes junto das linhas de água.

Foram todos descobertos no interior das fossas - dois exemplares nas fossas 1C e 5 e apenas um na fossa 2B. Os mais duvidosos, dois provêm da fossa 5 e um da sondagem 5.

6.3.4. OBJECTOS DE ADORNO

No conjunto das estruturas escavadas foram descobertos apenas três elementos de adorno: um pendente e duas contas de colar.

O primeiro a ser descoberto, o pendente, foi encontrado numa fase quase inicial dos trabalhos de escavação, na sondagem 4 (U.E.3) (Est. LXXI e LXXXV). Apresenta uma configuração rectangular com 12 mm de largura, 23,5 mm de comprimento e uma espessura de 4 mm. Na parte central exibe um pequeno orifício cilíndrico com 3,5 mm de diâmetro de perfuração (Est. LXXXV). Tem tonalidades claras, de cor creme, que se misturam com uma série de nuances de cor castanha em tons mais escuros. As faces, lisas, evidenciam marcas muito suaves perpendiculares, na vertical, que demonstram que as mesmas foram polidas para obter esse efeito de alisamento. A matéria-prima deste pendente é o quartzito.

As duas contas de colar descobertas, de diminuta dimensão, são muito semelhantes. A primeira foi descoberta na sondagem 5 (U.E.4, Q- J.15) e a segunda um pouco mais para nascente, na escavação do alargamento VIII, (U.E.3, Q-I.17) que depois se viria a denominar como fossa 2C (Est. LXXI).

São ambas de morfologia discoidal com dimensões praticamente iguais, têm 5,5 mm de diâmetro, 2 mm de espessura e 1,5 mm de diâmetro de perfuração cilíndrica. Ambas apresentam uma forma cor esverdeada clara devido à matéria-prima usada, o berilo, mineral muito raro nesta região. O sítio mais próximo identificado com esta matéria-prima seria na região de Mangualde⁵⁹ (Est. LXXXV).

⁵⁹ Esta informação, tal como outras que constam neste subcapítulo, foram-nos dadas pela Doutora Lídia Maria Gil Catarino do Departamento de Ciências da Terra da Universidade de Coimbra.

6.3.5. MATÉRIAS-PRIMAS

Quanto às matérias-primas⁶⁰ usadas no fabrico destes objectos líticos temos uma clara exploração dos recursos geológicos que estariam nas proximidades do povoado e esse factor evidencia-se na multiplicidade de objectos feitos em quartzo⁶¹ ou em granito, face a outros mais raros como o anfíbolito, o sílex, o grauvaque, o xisto e o berilo, por exemplo (Est. VIII). Matérias-primas como o quartzo leitoso, o quartzo hialino, o quartzito e o granito, por existirem em abundância nas imediações, foram empregues no fabrico da maioria dos objectos.

Um pouco mais longe de Santa Bárbara, mais para sudoeste e oeste, situa-se a mancha de solos xistosos, de onde provinha outra fonte de matéria-prima, que apenas foi usada num pequeno grupo de objectos como as duas pontas de seta. O sílex, segundo fontes populares de Aldeia da Ponte, seria obtido em filões existentes nas proximidades da aldeia, em local indeterminado. Existem algumas referências ao achado de lascas e núcleos desta matéria-prima junto à ribeira de Aldeia da Ponte. Outras matérias-primas como o anfíbolito, muito resistente e usado no fabrico de artefactos de fabrico polido, como os machados, ou o grauvaque também presente em vários objectos, não temos dados precisos sobre a sua proveniência. Apenas o recurso ao berilo, no fabrico das duas contas de colar descobertas, aponta para um possível intercâmbio com outras regiões, que poderia ser não só desta matéria-prima mas também de outros bens essenciais consoante as necessidades que haveria no povoado seja de utensílios ou alimentos.

⁶⁰ Para uma melhor interpretação do cenário geológico em que se insere o sítio arqueológico de Aldeia da Ponte temos o subcapítulo 2.3, no começo desta tese, que reflecte sobre esta temática.

⁶¹ Não será de mais referir, novamente, que o sítio arqueológico de Santa Bárbara assenta numa crista correspondente a um filão de quartzo.

7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMUNIDADE CALCOLÍTICA DE SANTA BÁRBARA

No III milénio a.C. assistimos a uma clara intensificação económica, que se havia iniciado no Neolítico, e que alterou por completo as formas de vida das sociedades. Estas alterações surgiram a partir do momento em que as comunidades começam a produção dos seus bens, ganhando assim uma auto-suficiência que as transformou em grupos sedentários. Este processo também conduziu a que estas tivessem que criar espaços e meios adequados às suas necessidades diárias, coincidindo com o aparecimento neste período de construções e estruturas de carácter perene, muito difíceis de ajuizar e interpretar, como aconteceu com as que foram descobertas em Santa Bárbara.

Quando em 2001 os arqueólogos que escavaram o sítio da Idade do Ferro do Picoto (Guarda) (PERESTRELO, SANTOS E OSÓRIO: 2001) ficaram surpreendidos com o tipo de estruturas em negativo que encontraram, inéditas na arqueologia da Beira Interior, longe estávamos nós de imaginar a existência de mais um sítio arqueológico com fossas escavadas no saibro, com uma cronologia mais recuada e situado na zona raiana do concelho do Sabugal.

Nos subcapítulos que se seguem procuramos fazer uma reflexão mais detalhada sobre o sítio arqueológico de Santa Bárbara, com o apoio dos resultados obtidos na escavação, fruto das várias questões, observações, dúvidas e conclusões formuladas depois de terminados os trabalhos de escavação. Todavia, ficamos sempre com a noção que fica sempre algo por dizer, especialmente de um sítio arqueológico como o que estudámos.

7.1. O SÍTIO

Com uma altitude de cerca de 850 m, esta estação arqueológica tem um grande domínio em termos de visibilidade e de controlo sobre o território em todas as direcções, exceptuando para leste onde o relevo é menos saliente e consequentemente a visibilidade também é menor. De entre os inúmeros locais que se observam, os destaques vão para a serra de Aldeia Velha, a serra das Mesas e as faldas da Cordilheira Central. O facto de sobressair em termos da paisagem também faria com que estivesse mais vulnerável e exposto.

O estar mais exposto não significa que fosse pólo de atracção a outros grupos distintos e eventualmente inimigos, mas também haveria, com certeza, gente que se deslocaria aqui ou para transaccionar os seus produtos e realizar as suas trocas, ou para estabelecer relações sociais.

Perante o facto de estarmos diante de um espaço que é facilmente perceptível em termos paisagísticos, como já referimos, este sítio evidenciava outros factores que contribuíram para a sua ocupação. O local, sob o ponto de vista climatológico, apresenta condições de habitabilidade pouco favoráveis por se tratar de uma região com um clima bastante variado em consequência das estações do ano com maior diferenciação no Verão e no Inverno, isto a avaliar pelas variações climatéricas actuais. A sua localização, quase no topo do relevo, faria com que este local estivesse mais exposto ao vento e às chuvas do que se situasse a meia encosta ou na base do relevo. Ao invés, também teria uma maior incidência solar com uma luz permanente ao longo do dia, que para além de aquecer, ilumina e torna os terrenos férteis.

Ao longo dos tempos, o relevo tem sido alvo de constantes trabalhos agrícolas e, ultimamente, de construções civis pelo que, não podemos afirmar se teria ou não alguma barreira natural de protecção como grandes taludes ou vegetação alta e densa, isto porque a terem existido já terão sido destruídos. Assim, a ausência de estruturas ou outros elementos físicos que possam ser interpretados como delimitadores, inibidores ou condicionadores da circulação e acesso (VALERA, 2007: 409) não são visíveis actualmente, impossibilitando-nos de adiantar se estamos perante um sítio arqueológico aberto ou fechado.

Os terrenos que compõem este relevo são marcados por socalcos artificiais, mais evidentes do lado norte, onde são menores as alterações resultantes da acção humana. Estes socalcos são delimitados por afloramentos de granito e em alguns casos podemos avistar grandes filões de quartzo branco. Toda a área envolvente apresenta solos aptos para a prática agrícola, tornando este local propício para o assentamento humano.

7.2. AS ESTRUTURAS

As estruturas encontradas assumem grande particularidade e raridade face às descobertas realizadas, para o mesmo período, por toda a região envolvente, devido à sua fisionomia e ao espaço onde foram construídas.

São estruturas muito difíceis de detectar em prospecção, porque apresentam escassos indícios arqueológicos à superfície, e só com uma intervenção no local, como aconteceu, é que foi possível a sua descoberta. Este tipo de construções é feito sobre o substracto natural, na maior parte das vezes saibroso, mais fácil de escavar. Esta técnica de construção, muito usada no III milénio a.C., não se encontra com muita frequência nas regiões do interior do território português devido à dificuldade da sua construção em sítios com alguma altitude, sobretudo com abundantes penedios e afloramentos graníticos. No entanto, no sul têm uma

maior representatividade, nomeadamente no Baixo Alentejo, devido aos condicionalismos geomorfológicos do território com uma paisagem de planície.

Trata-se, portanto, de um tipo de estruturas que tem atraído a atenção de muitos investigadores, e que tem originado várias reuniões científicas e *Workshop's* como aconteceu há poucos anos em Beja (ALMEIDA *et al.* 2008) e a publicação de inúmeros artigos científicos que levantam a mesma dificuldade que nós sentimos - a interpretação destas construções. O investigador espanhol Victor Jimenez Jáimez numa das suas publicações (JIMENEZ 2006)⁶² faz um estudo comparativo de “*casas-pozo*” em várias partes do globo terrestre e uma das conclusões do seu estudo é que este tipo de construções tem tendência a aparecer “*en las zonas frias del planeta y en las áreas de fuerte amplitud térmica*” (JIMENEZ 2006: 44). A julgar pelo clima actual, pois não sabemos como seria no III milénio a.C., esta observação poderia aplicar-se a esta região de fronteira onde se localiza Santa Bárbara.

Mas antes de passarmos às particularidades das estruturas encontradas em Santa Bárbara, interrogamo-nos no porquê da construção de estruturas a meia encosta e a adoção deste sistema de construção em negativo, e apresentamos os seguintes argumentos, hipotéticos. Teria sido o aumento da população no interior do povoado um factor que obrigou ao seu prolongamento para as encostas? Ou seriam as condições climatéricas que se fariam sentir no topo do relevo, onde estariam mais expostos aos ventos e chuvas do que a meia encosta, mais protegida? São duas hipóteses a ter em conta, embora para nós o mais provável é que o povoado fosse habitado no seu topo e à medida que a população foi crescendo, o mesmo foi-se expandido para as encostas, mas só com uma escavação total deste sítio poderíamos provar esta afirmação. Quanto ao porquê de se optar por este tipo de construções em negativo numa encosta com tanta inclinação, principalmente na virada a sul, onde decorreu a intervenção, avançamos com algumas hipóteses. Provavelmente seria esta mesma inclinação dos terrenos, aliada aos solos saibrosos, pouco estáveis, que facilmente se alteravam com fenómenos naturais como a chuva, que levou esta comunidade a optar por este tipo de construções. Certamente que estas características, não favoreceriam a construção de habitações em pedra porque as mesmas facilmente rolariam não dando segurança nem estabilidade para quem as habitava. Outro facto que poderá ter contribuído teria a ver com a falta de matéria-prima, porque o quartzo, abundante neste sítio, não dava garantias numa construção em pedra por se tratar de um tipo de rocha muito difícil de trabalhar e com formas muito irregulares. Também nos podemos questionar se a comunidade que aqui habitou faria

⁶² Nesta publicação o autor recorre a outros estudos feitos por investigadores, sobre esta temática a nível arqueológico e antropológico em diferentes partes do nosso planeta.

estas construções por uma opção cultural, social, climatérica ou cosmológica (VALERA, 2008: 112-127; VALERA E BECKER, 2011: 23-32).

Quanto às estruturas descobertas em Santa Bárbara, apresentam morfologias tão distintas umas das outras, que nos resulta difícil definir tipologias para enquadrarmos cada uma, de forma a criar uma homogeneidade em pequenos grupos (Est. LXXXVI). São todas muito distintas em termos de dimensões, formas, profundidade e na estratigrafia. Fossas como a 1D ou a 5, pelas dimensões, diferem em muito de outras mais pequenas como a 2D ou a 4. A fossa 1C com uma profundidade de cerca de 85 cm tem uma leitura estratigráfica muito mais rica que qualquer uma das outras. Mas noutros aspectos até têm semelhanças, como acontece com o espaço que ocupam a meia encosta, a orientação do seu eixo de simetria no sentido nordeste – sudoeste, o fundo semiesférico da maior parte delas e o facto de a abertura ser sempre maior do que a base. Resumindo, este conjunto de estruturas são todas bastante distintas; tendo depois pequenas características que se assemelham.

O facto de as estruturas serem tão diferentes morfologicamente, levou-nos a pensar na possibilidade de termos diferentes fases de construção destas fossas. Apresentamos alguns casos que nos levantaram esta questão. O primeiro foi a fossa 2A e 2B, que pela planta (Est. XXXI), evidencia que a fossa 2B foi feita depois da 2A porque corta ligeiramente o rebordo sul da fossa 2B e demonstra alguma preocupação em contornar o topo norte da fossa 2A. O mesmo acontece mais a sul com as fossas 1A e 1B (Est. XXXI), onde temos exactamente a mesma preocupação. A fossa 5 pelo facto de estar mais perto do topo do relevo, numa lógica de ocupação de um sítio do topo para a encosta, também poderia ter sido construída primeiro que as restantes. Também poderia ter acontecido que fossas mais pequenas como 1E, a 3 ou a 4 tivessem sido construídas em fases posteriores de reparação, reforço ou remodelação do complexo ou de apoio a construções maiores.

Quanto ao local para onde teriam sido levadas as terras que resultaram da extracção para fazer estas construções não podemos esclarecer devido às transformações que o terreno já sofreu, tal como não conseguimos precisar o intervalo de tempo que poderia acontecer entre a construção das várias estruturas, nem a ordem de construção e o tempo que levariam a ser feitas. Uma possível construção destas que não fosse faseada implicaria um enorme esforço em termos de logística e meios humanos, como são exemplo as fossas 5 e 1D.

Esta fossa 1D questionou-nos sobre a eventual existência de um fosso a meia encosta, ideia que com o avançar da escavação fomos abandonando. Em primeiro lugar devido às dimensões, pois os 13 m de comprimento não o comprometiam, mas os cerca de 3 m de largura pelos 0,50 m de profundidade retiravam-lhe esta função, isto porque fossos com 2 e 4

m de largura e 1 m de profundidade “se debieron rellenar com rapidez” (HURTADO, 2008: 192), apontando, portanto, para locais de habitação. Por exemplo no sítio dos Perdigões o fosso chega a ter uma largura de 9 a 10 m de largura e entre 4 a 6 m de profundidade (LAGO *et al*, 1998 a: 71). Depois foi a sua localização na encosta, porque sítios como os Perdigões, Cabeço Torrão, La Pijotilla, Santa Vitoria, entre outros, os fossos localizam-se em terrenos planos de fácil acesso, nenhum se situa em sítios elevados ou estratégicos, facto que levaria à edificação destes fossos para uma eventual funcionalidade defensiva (HURTADO, 2008: 194). O espólio, que se resume a 10 pesos de tear e a fragmentos cerâmicos, alguns bem conservados e *in situ*, não esquecendo as argamassas e os empedrados, que também se costumam encontrar nos fossos, apontariam igualmente para um espaço habitado. A descoberta de uma série de cavidades menores deverão corresponder a buracos de poste, ao longo do rebordo sul, que também se verificou junto da fossa 1C, apontariam para a existência de uma possível cobertura deste espaço. Este rebordo sul, pelo facto de ser contínuo entre as fossas 1B e 1D, passando pela fossa 1C (Est. XXXI), pode estabelecer uma possível ligação desta fossa com o conjunto das fossas 1A, 1B, 1C e 1E, formando um espaço no seu todo em que cada fossa teria funções específicas.

Por fim, a descoberta nos níveis finais desta fossa 1D de um conjunto de depressões escavadas no saibro, com profundidades que oscilam entre os 10 e os 30 cm, face à cota final desta fossa, fenómeno que também já tínhamos verificado na fossa 5, apontariam, provavelmente, para a existência de divisões no espaço interior (Est. XXXI).

Na escavação do recheio do conjunto das fossas encontrámos uma grande concentração de empedrados de quartzo, aparecendo também algumas pedras em granito (Est. LXXXI), algumas delas mós dormentes e moventes fracturadas, que não apresentavam qualquer alinhamento, estando amontoadas de forma aleatória. O porquê desta avultada concentração de pedras no interior das fossas foi algo que nos colocou muitas questões de vária ordem.

Em primeiro lugar, a sua natureza ou origem. O quartzo resultaria dos grandes afloramentos que existem em algumas partes deste relevo; o granito seria mais difícil de obter, embora nos muros que servem de vedação aos terrenos se encontrarem alguns blocos desta matéria-prima. Depois, foi a sua distribuição e dispersão pela estação arqueológica, onde verificámos que os empedrados de fossas mais pequenas, como o conjunto das fossas 2, 1E, 3, 4, 6 e 7, são compostas com pedras de menor tamanho do que nas fossas maiores como a 1A, 1B, 1C, 1D e 5, onde apareceram pedras de grandes dimensões. Não podemos afirmar se estariam *in situ*, mas certamente não rolariam tão facilmente como as de média e pequena

dimensão. O tamanho de algumas pedras é tão reduzido que colocámos em causa a sua utilização em construções ou então fariam parte de construções mais toscas ou primitivas.

Desta forma, estes empedrados mais ou menos concentrados, estão presentes na totalidade das fossas, inclusive na que foi escavada na sondagem 13, no exterior do terreno. Também podemos verificar que quanto mais funda era a fossa mais níveis de empedrados tinha, como aconteceu nas fossas 1C, 1D e 5, ou vice-versa, como nas fossas 2A, 3,4 e 6 que eram pouco profundas e tinham apenas um único nível de pedras.

A funcionalidade destes empedrados, sem o podermos confirmar por falta de evidências, poderia estar associada a pequenos paramentos de pedras com argamassas de barro, apesar de não termos descoberto nenhum troço *in situ*, que rodeariam as fossas e que impossibilitavam a passagem de ventos ou chuvas fortes evitando a erosão e a destruição destas estruturas, ou para os proteger do ataque de animais selvagens. Outra função, mas para as pedras de menores dimensões em conjunto com as argamassas, seria a de suporte para que as coberturas ficassem mais pesadas e não se destruíssem facilmente.

A descoberta de bastantes mós nos empedrados é de certa forma explicada pelo facto de terem deixado de ter utilidade e passaram então a ser usadas nestas construções, porque a maioria delas encontra-se muito fracturada e são muito poucas as que estão inteiras. O mais curioso foi verificarmos que uma das mós melhor conservada foi descoberta fora dos empedrados, no acompanhamento da máquina. Esta mó, apesar de facturada numa das extremidades, foi encontrada em excelentes condições de conservação face às restantes, daí que não tenha feito parte dos empedrados e provavelmente serviu até ao abandono do sítio. Também temos duas mós descobertas num dos níveis de empedrado da fossa 5 que, pelas suas características não devem ter feito parte de algum aparelho construtivo. As mós, tal como as restantes pedras facilmente rolariam para dentro das fossas ficando facilmente integradas nos empedrados. Nota para o facto de além das mós também termos encontrado algumas bigornas nos empedrados.

Além dos empedrados nos níveis de enchimento das fossas, de terra escura, fomos encontrando algum espólio arqueológico onde os fragmentos cerâmicos tiveram o maior destaque pela sua quantidade. Os fragmentos cerâmicos revelaram-se muito fragmentados e em deposição secundária, muito revolvidos e soltos com muitos a não colar entre si. Não sabemos se foram depositados aqui de forma intencional ou aleatória como parece ter acontecido com os empedrados. No entanto, na escavação dos níveis finais de algumas das fossas descobrimos fragmentos cerâmicos *in situ* e bem conservados, como aconteceu na escavação das fossas 1D, 1E ou na 5.

Nos níveis de enchimento assentes directamente sobre o fundo das fossas, também, encontrámos bastantes nódulos de argamassas (Est. LXXXVII), que apareceram entre as pedras, de barro com cores escuras no exterior e alaranjadas no cerne, algumas ostentando pequenas marcas na superfície. Na avaliação destas marcas vislumbrámos diversos tipos de elementos vegetais que apresentavam negativos de uma ou várias canas finas e, provavelmente, marcas dos barrotes de madeira, e de outros motivos que não sabemos especificar do que seriam (Est. LXXXVII). A julgar por estas marcas de secção subcilíndrica, estas argamassas, serviriam ou de sustento das coberturas, como já referimos, ou para o revestimento de alguma estrutura recorrendo a vegetação natural como varas de madeira, que também poderiam ter pedras na base para as sustentar. Provavelmente este material, mais perecível, teria sido usado para cobrir estas edificações, isto porque em qualquer construção a primeira coisa a ruir é a cobertura e só depois as paredes, daí o facto de aparecer a uma cota final, sobre o saibro.

O uso do fogo no interior destas estruturas não está muito bem comprovado, isto apesar de na estratigrafia termos níveis com cores escuras, principalmente os níveis intermédios que depois vão aclarando à medida que vamos chegando à cota final. Além da visível estrutura de combustão descoberta junto da fossa 5, temos em algumas fossas, como no rebordo norte da 1A, na zona intermédia da 2B e também no rebordo sudoeste da fossa 5 com algumas cinzas e níveis escuros difíceis de interpretar⁶³ apontados como locais de combustão.

Esta estrutura de combustão seria a única estrutura construída acima do nível do solo natural que descobrimos, localizada a nordeste da fossa 5 como já referimos (Est. XLIX, LI, LII e LIII). A julgar pelos vestígios descobertos durante a escavação poderíamos apontar possivelmente para um forno devido à grande concentração de barro cozido e queimado. Estes fornos teriam mais uso para a produção de recipientes cerâmicos, porque conseguiam concentrar temperaturas elevadas para a cozedura das pastas, do que a vertente alimentar que se podia confeccionar numa simples lareira. Na escavação desta estrutura para além de um conjunto de materiais cerâmicos, temos a registar o aparecimento de uma ponta de seta quebrada e um pilão, facturado em ambas as extremidades. Apesar de ter sofrido alguns danos com os trabalhos de desmatação feitos pela máquina, esta estrutura é a que se apresenta em

⁶³ No caso da fossa 5 podemos pensar num escorrimento de resíduos desde a estrutura de combustão, situada a uma cota superior, para o interior da fossa. Para os restantes exemplos, também podemos pôr a hipótese de, provavelmente, estarmos perante pedaços de madeira que ficaram enterrados e agora aparecem carbonizados entre as pedras e a uma cota quase final, exceptuando as cinzas da fossa 2B. Neste local também recolhemos um conjunto de sementes que ainda não foi possível precisar do que seriam e que servirão de amostra para possíveis datações deste sítio após a respectiva identificação.

melhor estado de conservação, mantendo o traço original desde o seu abandono ou perda de utilidade. A sua proximidade em relação à fossa 5 faz com que tenha tido alguma função específica associada a esta fossa, que devido à falta de mais evidências não podemos especificar.

Outro tipo de estruturas descobertas foram o conjunto de buracos nos rebordos das fossas 1A, 1C, 1D, 4 e 5 (Est. LIV, LV, LVI e LVII). Estes buracos, de forma subrectangular, localizavam-se nos rebordos do lado sul. A sua funcionalidade seria a de suster, provavelmente, barrotes de madeira onde depois devia assentar a cobertura das estruturas (Est. LXXXVIII). O facto de os buracos apresentarem uma forma quadrangular significaria que os troncos não eram utilizados de forma bruta, evidenciando algum trabalho de carpintaria bastante interessante nem que fosse apenas trabalhada a base do tronco de forma a facilitar a sua fixação na terra.

Muito semelhantes aos buracos descritos anteriormente foram os que também descobrimos junto da extremidade sul da sondagem 1D. Estes buracos, orientados de leste para oeste, muito juntos e aliados em fiadas, em muito mau estado de conservação, apontariam para outro tipo de construções (Est. LVII). Assim, a julgar pelos buracos descobertos nas outras fossas, estes também seriam, provavelmente, as fundações para postes em madeira⁶⁴ (Est. LXXXVIII). O facto de não termos alargado a nossa área de escavação para verificarmos a continuidade destes elementos, para assim ficarmos com uma ideia geral de conjunto destes buracos, dificultou a nossa interpretação. Na escavação do interior destes buracos não encontramos registos seguros como materiais ou níveis selados, o que não nos permitiu confirmar se esta construção seria contemporânea das fossas descobertas. Não podemos precisar se a abertura destes buracos foi feita antes, durante ou depois das fossas. No entanto, este fenómeno já se havia registado em outros sítios arqueológicos, como na Quinta da Assentada, Barrocal Tenreiro, Fumo, Papa Uvas e Marinha Baixa (VALERA 2007: 426-427) só que em formas e funcionalidades diferentes. Entre as várias funcionalidades atribuídas pelos vários autores que escavaram os sítios referidos anteriormente, para nós a ideia de uma estrutura de “para-ventos” ou até mesmo de uma linha de protecção, devido à sua localização na encosta, feita de materiais perecíveis como madeira e vegetação poderiam ser as hipóteses mais viáveis, apesar de não termos quaisquer indícios. Esta ideia levou-nos a pensar na possibilidade de que para além do conjunto de estruturas em negativo e do forno de combustão, que se conservaram até aos nossos dias, possivelmente este local também poderia

⁶⁴ Para esta interpretação baseamo-nos na hipótese interpretativa apresentada para a Quinta da Assentada (Fornos de Algodres) (VALERA 2007: 423-428).

estar revestido e ocupado com outras estruturas, de natureza perecível, construídas à base de madeiras, que foram desaparecendo ao longo do tempo.

Na publicação já referida de Jimenez Jáimez (JIMENEZ JÁIMEZ, 2006: 35-48) o autor refere um trabalho de arqueologia experimental feito pelo Dr. Dan Monah, que consistiu na recriação de uma habitação escavada no saibro, semelhante às descobertas em Santa Bárbara. Nesta experiência ele viveu no seu interior e encontrou dois problemas principais, “uno de ellos insoportable durante el verano y el outro probablemente inaguantable durante el invierno” (JIMENEZ JÁIMEZ, 2006: 41) que o levaram ao abandono da construção em menos de duas semanas. Admitindo um tipo de construções de planta irregular e feita de materiais perecíveis, os dois entraves que tornaram hostil a sua habitabilidade foram “la invasión de los insectos; y, en segundo lugar, la imposibilidad de impedir la entrada del agua de la lluvia en la cabaña” (JIMENEZ JÁIMEZ, 2006: 41). Se tivermos em conta a actual conjuntura climatérica seria muito complicado viver nestas construções devido aos verões quentes e secos e aos invernos chuvosos e frios. O frio, provavelmente, não seria problema dado que neste estudo e recorrendo a outro autor como Riley (JIMENEZ JÁIMEZ, 2006: 39) refere que as estruturas em negativo são mais quentes e mais fáceis de aquecer do que estruturas de superfície porque conseguem reter o calor por muito mais tempo, enquanto que as de superfície por falta de um bom isolamento facilmente arrefecem. O mesmo autor na parte final desta publicação apresenta a ilustração de algumas construções em negativo que encontrou, nós destacamos uma delas (Est. LXXXIX) por apresentar características muito semelhantes às descobertas em Santa Bárbara.

Finalizamos esta nossa abordagem com a questão relativa ao abandono destas estruturas que, uma vez mais devido à falta de datações e de outros elementos, não conseguimos precisar em termos de cronologia. O facto de estarmos perante construções que se degradariam com alguma facilidade, o que lhes retiraria alguma habitabilidade prolongada, ou a perda de funcionalidade, fruto da evolução das construções na época, deveriam ter levado não só ao abandono das estruturas como de todo o sítio. A superficialidade em que foram descobertos os empedrados no interior destas fossas são o melhor indicador do abandono das estruturas. Tanto as pedras como as mós poderiam ter sido depositadas no interior das fossas que depois foram tapadas com terra de forma a ocultar a presença desta comunidade neste sítio. Nesse momento procedeu-se, provavelmente, ao entulhamento das estruturas com pedras e tudo serviu para este trabalho, inclusive as mós facturadas que já tinham deixado de servir. Não podemos, também, afastar por completo a hipótese de esta acção ter tido uma natureza de ritual de condenação deste espaço de forma que não voltasse a ser ocupado.

Quando a comunidade que aqui habitou abandonou este local, poderá ter ocupado alguns dos sítios conhecidos nos arredores de Aldeia da Ponte e na freguesia próxima de Alfaiates do III e II milénios a.C. que, mesmo sem terem sido escavados, foram já alvo de prospeções e aparentam ser contemporâneos de Santa Bárbara, como o Chão do Porto e a Matrena (Aldeia da Ponte), ou Santiago, Sacaparte e Rebordilho (Alfaiates), que abordaremos no capítulo que se segue.

Para uma cronologia mais avançada poderemos referir outros testemunhos, como Vilar Maior ou Caria Talaia, onde já decorreram intervenções e temos indícios datados da Idade do Bronze/ Bronze Final, que comprovam a continuidade de ocupação da região. Vilar Maior é o que fica mais perto, bastando descer o rio Cesarão mais uns quilómetros para noroeste.

7.3. “ARQUITECTURA” E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

A arquitectura é, por excelência, uma prática que, através da organização e construção do espaço, cria cenários que expressam a forma como o homem entende o mundo (VALERA, 2010:14).

No que se refere à “arquitectura” destas estruturas em negativo, e dependendo sempre da função a que estariam destinadas, convinha que fossem suficientemente espaçosas, algo profundas para reterem o calor e que o seu interior permitisse fácil mobilidade, de forma a garantir alguma habitabilidade. As estruturas que escavámos e as transformações a que estiveram sujeitas também demonstram que a “arquitectura” destas comunidades não pode ser entendida como algo estático, isto é, não definiu um cenário mas uma sucessão e interpretação de cenários vivenciados.

A planta da maioria destas construções é arredondada, com excepção da fossa 1D que se prolonga e aponta para uma planta de cariz subrectangular com os ângulos e as extremidades arredondadas.

Os acessos ao interior de cada uma destas estruturas são bastante discutíveis porque estamos num tipo de povoamento em altura, mais concretamente no declive da encosta onde, provavelmente, a entrada seria na parte inferior das estruturas. Isto significaria que as entradas estariam viradas para sul e sudeste, onde a luz solar seria mais constante para iluminar e aquecer o interior destas construções (Est. LXXXIX).

No interior, apesar da falta de indícios, poderíamos pensar em diferentes funcionalidades para estas estruturas: poderiam ser locais de actividades laborais onde eram desenvolvidas práticas comuns como o tratamento dos alimentos, a produção de instrumentos

ou locais de armazenagem onde, depois, eram guardados os objectos ou acautelados os alimentos, bem como locais de repouso.

Não o podendo provar, esta questão conduz-nos a outro problema muito interessante nestas construções, a divisão do espaço interior. Este facto está bem evidente em algumas das estruturas escavadas. Independentemente da numeração que lhe atribuímos, que lhes confere alguma autonomia, apenas para o registo, temos nas fossas 6, 3, 2C, 2D e 2B (Est. XXXI) uma possível interligação, mas o caso da fossa 2B é o mais evidente. Na escavação desta estrutura tivemos que a dividir em 2BI e 2BII devido ao facto de, ao meio da fossa, no sentido norte - sul, aparecer uma ligeira lomba, semelhante a uma parede divisória de saibro natural, se assim lhe podemos chamar, mas em muito mau estado de conservação. Esta parede, possivelmente, seria feita com o fim de criar uma divisão interna no interior da fossa (Est. XXXI, XLII e LXXXVI). Neste exemplo também poderíamos incluir a fossa 2D, situada logo ao lado, mas com uma parede de separação melhor definida. Mais para sul, e também bastante evidente, temos o complexo das fossas 1A, 1B, 1C, 1D e 1E (Est. XXXI). Para esta circunstância até poderíamos falar num espaço no seu todo, como já referimos, com várias divisões internas que se evidenciam pelas cavidades mais profundas que, em conjunto com as paredes alteadas de saibro natural, originariam espaços mais pequenos perfeitamente separados (Est. LXXXIX). Na fossa 5 também observámos este fenómeno, mas não de uma forma tão evidente. Temos pequenos buracos (Est. XXXI e XXXII), mas que não estão tão realçados como acontece na fossa 2B, por exemplo, e durante a escavação também optámos por não os individualizar. A fossa 1D é outra estrutura que apresenta, junto do rebordo nordeste, duas covas mais profundas que a cota normal do resto da fossa que poderiam apontar para pequenos compartimentos internos associados a um espaço maior que se prolongaria para sudoeste (Est. XXXI e XXXII).

Verificamos, assim, nos exemplos descritos, a preocupação em delimitar os espaços maiores em vários compartimentos que se definem através das depressões em negativo e algumas divisórias em saibro natural que se mantiveram.

Na análise da “arquitectura” destas estruturas não podemos também deixar de incluir no seu interior o “mobiliário doméstico” que poderia ser feito, hipoteticamente, com pedras de maiores dimensões, materiais perecíveis como a madeira ou no próprio saibro como por exemplo na fossa 5, cujo rebordo oeste apresenta um ligeiro patamar aplanado que poderia ter tido alguma funcionalidade, mas que não sabemos especificar qual seria. Os postes em madeira, usados para sustentar as coberturas destas estruturas, também poderiam ter servido, se quisermos avançar por uma visão mais representativa do passado, de mobiliário de apoio para

pendurar animais capturados, peles, etc. Todavia, não foi detectado nenhum buraco de poste no interior das construções, só no exterior e nos rebordos das fossas, como já referimos.

Quanto ao espaço e à forma como as estruturas estão distribuídas, e apenas com uma pequena parte deste sítio escavado, podemos destacar três tipos de espaços bastantes distintos em funcionalidade e “arquitectura”. O primeiro espaço ficaria na parte superior do relevo. Aqui estariam, presumivelmente, construções de apoio ao controlo e visualização do território circundante. Apesar de não terem sido identificadas, podem ter existido construções no topo, onde a plataforma é mais plana mas provavelmente já devem ter sido destruídas com a erosão, o desgaste dos séculos, a lavoura e também com a construção da capela e do respectivo adro.

O segundo espaço, a meia encosta, correspondente à área onde decorreu a escavação, seria, por hipótese onde se desenvolveria o “quotidiano” desta comunidade, onde estaria o núcleo habitacional.

Para o terceiro espaço teríamos dois elementos que estariam relacionadas com a protecção e segurança deste local. Estes dois espaços não passam de meras conjecturas, sem termos certeza do que seriam na realidade. O primeiro trata-se do conjunto de buracos feitos no saibro descobertos junto da parte inferior da fossa 1D (Est. LVII), que já descrevemos anteriormente, e o outro, ainda mais hipotético e menos evidente, estaria relacionado com o muro em pedra que aparece ao fundo do terreno onde decorreu a intervenção. Este muro, a meio da encosta, delimita as propriedades e prolonga-se tanto para nascente como para poente. No entanto, para podermos provar que se trataria de uma hipotética linha de protecção teríamos que realizar uma intervenção junto deste muro de suporte de terras⁶⁵. Mesmo assim, podemos afirmar que esta estrutura apresenta dimensões para poder ter sido uma construção defensiva, no entanto está a uma certa distância, para sul, das estruturas descobertas, isto é do núcleo supostamente habitacional. Na encosta norte deste relevo, os terrenos estão menos mexidos, o muro está menos alterado e é por isso mais evidente (Est. X). Também neste caso seria necessária uma intervenção no local para podermos avançar com mais segurança nesta afirmação. Outro factor a ter em conta para a existência de uma construção, ou não, de protecção e defesa deste local é a matéria-prima que seria usada na sua edificação. O quartzo leitoso, abundante nesta zona, não é uma rocha fácil de trabalhar e apresenta formas muito irregulares que não ajudariam a erguer uma construção tão sólida e resistente como o seria se fosse em granito ou xisto, por exemplo.

⁶⁵ Esta intervenção junto do muro não se realizou devido à falta de tempo como aconteceu com outras áreas da escavação como a continuidade dos buracos descobertos junto da fossa 1D ou a parte da fossa 1C que ficou por escavar. Não podemos esquecer a natureza em que se inseriu esta intervenção arqueológica.

A eventual existência de uma linha de defesa faria deste local um povoado fechado, cujo acesso ao interior estaria sujeito a uma estrutura precívél em madeira ou uma estrutura em pedras. Mas interrogamo-nos, se não optaram por estruturas habitacionais edificadas com pedras será que realizariam uma linha de defesa em alvenaria de pedra? São pequenas observações que irão continuar sem resposta.

7.4. O QUOTIDIANO: HIPÓTESE DE APROXIMAÇÃO

Escavada uma pequena parte do sítio arqueológico de Santa Bárbara, avançamos com uma mera abordagem especulativa de como poderia ser o quotidiano das comunidades que aqui habitaram.

As construções em negativo descobertas, de cariz habitacional e artesanal fariam parte de um aglomerado que no III milénio a.C. foi fundado neste relevo. Não só as construções como a variedade do espólio descoberto apontam para um aglomerado populacional considerável, sem que no entanto possamos avançar com números precisos sobre quantos indivíduos aqui habitariam. Face a estes factos, também poderemos pensar numa ocupação permanente e de longa duração, sem podermos especificar concretamente o período entre a construção e o abandono. Isto porque o tipo de construções em negativo, como por exemplo as fossas 1D e 5, levariam algum tempo a ser feitas e se não fossem ocupadas permanentemente facilmente se deterioravam e destruíam, devido à erosão causada pelos fenómenos naturais como a chuva e o vento.

Mesmo assim, a estratigrafia que encontrámos, apesar de ser algo complexa, nas fossas com maior profundidade, como por exemplo a 1C ou a 5, exibem várias unidades estratigráficas que em conjunto com os níveis de empedrados poderiam corresponder a várias ocupações deste sítio. Mas tendo em conta que alguns materiais colam entre si, sendo de diferentes camadas, e que no geral todos os materiais apontam para o mesmo período cronológico, estas diversas fases de deposição, a acontecer, poderiam não ser muito longas. Ou então também poderemos ter um reajustamento interno das estruturas, à medida que estas se iam degradando, daí terem resultado esta sucessão de camadas estratigráficas tão parecidas, este facto regista a preocupação por uma ocupação permanente do sítio.

No que diz respeito ao espólio, as mós com um polimento bastante acentuado, que só com algum tempo seria conseguido, também apontam para uma longa ocupação, que só se justifica com a intensificação dos trabalhos de moagem ou então por um uso prolongado destes instrumentos. As pontas de seta descobertas, para além da defesa pessoal serviriam para a caça, assim como os restantes líticos como as lâminas que deveriam ser usadas no desmonte das peças de caça e em outras tarefas domésticas. O pilão, e as mós estariam vocacionados para outra vertente, a da moagem e da farinação em que se dava a transformação dos cereais

que esta comunidade já produziria em alimento. A descoberta de alguns pesos de rede, feitos de seixos com entalhes laterais, sugerem a prática de actividades como a pesca. A proximidade da ribeira de Aldeia da Ponte, a cerca de 50 m, poderia servir como local desta prática.

Estaríamos portanto perante um local vocacionado para actividades de cariz produtivo, o cultivo, a pesca, a caça, o armazenamento e de farinação (atendendo à quantidade de mós descobertas). A existência de trocas com outras comunidades ajudam a entender as contas de colar feitas de berilo, matéria-prima inexistente nas proximidades deste sítio.

O quotidiano destas gentes seria de uma contínua luta pela sobrevivência, típico das comunidades “primitivas” do período Calcolítico.

7.5. A CRONOLOGIA

A falta de indicadores cronológicos precisos para esta estação arqueológica dificultou-nos a atribuição de uma datação, no entanto, como já referimos existem alguns elementos que nos ajudaram como as construções e alguns dados sobre o espólio.

Além da dificuldade cronológica, também nos questionamos no porquê de comunidades tão distintas culturalmente e separadas por milhares de quilómetros, isto referindo-nos exclusivamente à Península Ibérica, terem optado pelo mesmo sistema construtivo e o terem usado desde o Neolítico até aos inícios da Iª Idade do Ferro (BELLIDO, 1995:3), ou mesmo até aos começos da IIª Idade do Ferro como o sítio do Picoto (PERESTRELO, *et al.*,2001). O que significa que este tipo de construções foi-se prolongando, provavelmente de uma forma menos intensa, podendo a função destas construções ter sido mudada e adequada às necessidades de cada época.

As estruturas em negativo, em conjunto com algum do espólio arqueológico, foram os principais elementos que ajudaram a estabelecer uma cronologia aproximada para este sítio. A inexistência de fragmentos com decoração campaniforme contrastou com a abundância de fragmentos com decorações penteadas a juntar com a decoração em “pastilhas”, inédita no concelho do Sabugal. São motivos decorativos que apontam para o período Calcolítico. Estas decorações, juntamente com as formas esféricas e globulares de pastas finas e superfícies lisas, de uma grande parte dos fragmentos cerâmicos, foram elementos importantes na datação para este sítio. Na abordagem que fizemos para a cerâmica, surgiu o sítio de Cabeço de Malhoeira (OLIVEIRA, 1998: 243-257) que apresenta cerâmica decorada muito idêntica à descoberta em Santa Bárbara e apresenta uma datação de C14 (ICEN-1085: 4180 ± 50 BP) (OLIVEIRA, 1998: 245) que aponta para a primeira metade do III milénio a.C. (VILAÇA, 2008

a: 53). Quanto à ausência de metais, a não descoberta destes indícios não invalida que se tenha efectuado esta prática noutra área do povoado. No entanto, é um facto que no meio de todo o espólio encontrado não tenha aparecido nenhum artefacto metálico.

Perante isto, poderemos apontar uma cronologia para Santa Bárbara mais tardia que poderíamos enquadrar na primeira metade do III milénio a.C.. Mesmo não tendo nenhum paralelo evidente para as estruturas, durante a nossa pesquisa bibliográfica chamou-nos a atenção a ilustração apresentada por Pedro Diaz del Rio sobre a parte escavada no sítio arqueológico de Las Mantillas (DIAZ DEL RIO, *et al.*, 1997: 66). A planta apresentada é muito semelhante com a da fossa 1D, só que nesta, o fosso é contínuo para ambos os lados e na fossa 1D temos o desenho completo. No interior também apresenta algumas cavidades a apontar para uma possível divisão do espaço interior. Só os buracos de poste que aparecem no interior e as diferenças de altitude destes sítios é que os diferenciam.

Assim, ao longo destes subcapítulos reflectimos sobre várias questões, acerca das estruturas descobertas: a sua construção, os espaços interiores, a sua funcionalidade, a sua distribuição no espaço do povoado e a sua hipotética cronologia, entre várias questões interpretativas. Sugerimos ideias e também deixámos algumas respostas, mas sempre muito subjectivas. Falta apenas a reflexão sobre a relação espacial deste local com outros sítios arqueológicos do mesmo período que é focado no capítulo que se segue.

8. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SANTA BÁRBARA E A SUA INTEGRAÇÃO NAS CONJUNTURAS ARQUEOLÓGICAS LOCAL E REGIONAL

Realizada a descrição e a caracterização física do sítio de Santa Bárbara, no segundo capítulo deste trabalho, considerámos oportuno enquadrá-lo no conjunto de estações arqueológicas, em termos do panorama regional, que poderão datar do III^o milénio a.C.

Os estudos que se têm realizado sobre arqueologia espacial, em sítios arqueológicos recentemente descobertos, têm tido grande preponderância na análise final e nas conclusões que se obtêm. Mais do que descobrir, escavar e classificar cada estação arqueológica, também temos que a relacionar com o seu meio físico, ambiental e natural, para assim podermos desvendar as relações sociais, económicas e políticas que poderiam acontecer tanto no interior como com o exterior destas comunidades. Acontece que, por vezes, ao relacionarmos, na mesma região, um assentamento arqueológico com outras estações contemporâneas permitenos, em alguns casos, percebermos um pouco melhor sobre como seria o povoamento destas sociedades e de que forma se procederia a sua organização interna e como ocupariam o espaço.

Para este enquadramento, estabelecemos como área de abordagem a região da bacia hidrográfica do Alto Côa, dentro dos limites geográficos do concelho do Sabugal com cerca de 826,70 Km², que só por si já é bastante grande.

A ocupação humana no concelho do Sabugal para o III milénio a.C. está bem atestada num conjunto de sítios arqueológicos que constam na Carta Arqueológica Municipal da autoria de Marcos Osório. A maior parte deles foram descobertos em prospecção, mas entretanto alguns já foram alvo de intervenções arqueológicas como aconteceu em Santa Bárbara. Apenas destacar que no seguimento dos acompanhamentos que se têm feito nos parques eólicos no concelho do Sabugal têm surgido algumas descobertas como estruturas monticulares (CANINAS, *et al.*: 21-38) que apesar de não constarem nesta nossa reflexão, também testemunham a forte ocupação desta zona na pré-história.

Nesta lista temos: para sul, de Santa Bárbara, os sítios do Chão do Porto, Matrena e Macieira, para sudoeste Sacaparte, Sabugal e Carvalheiras para poente Santiago, Rebordilho, Fonte da Silva, Sabugal e Carvalheiras (Est. XC). Lista esta que esperamos que futuramente possa vir a ser alargada com a descoberta de mais sítios e a confirmação da datação de outros.

São várias as publicações que se referem a achados e a manchas de ocupação datáveis do Calcolítico nos limites geográficos do Alto Côa, com destaque para as estações do Sabugal

- onde já decorreram intervenções (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 211; SANTOS, 2008: 17-19; VILAÇA, 2008 a: 51), a de Santa Bárbara (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 212-213; SANTOS, 2008: 17-19; VILAÇA, 2008 a: 52), só agora intervencionada, e mais distante mas no concelho, a das Carvalheiras (ROBALO E OSÓRIO, 2006; SANTOS, 2008: 17-19; VILAÇA, 2008 a: 50). As restantes estações arqueológicas - Chão do Porto, Matrena, Macieira, Santiago, Rebordilho e Fonte da Silva, aguardam que, tal como aconteceu com Santa Bárbara, possam vir a ser um dia devidamente intervencionadas, isto apesar de estarem em exposição e constarem do catálogo do museu local algum do espólio resultante das prospeções realizadas nestes locais.

Neste sentido, começando nos limites da freguesia de Aldeia da Ponte, procurámos dar a conhecer, de uma forma genérica, o grupo de locais, já referidos, que poderiam estar relacionados com a comunidade que habitou Santa Bárbara, e outros mais distantes que, possivelmente, não estariam tão correlacionados mas que se inserem no mesmo período cronológico.

Nesta localidade, além de Santa Bárbara, temos as estações de Chão do Porto e Matrena (Est. XC), situadas em cumeadas pouco destacadas do planalto meseteno. No sítio da Matrena a abundante e variada concentração de materiais arqueológicos e a extensão da dispersão dos materiais apontam para um local com uma forte ocupação, que poderia apontar para a existência de um habitat ou um povoado. No leque dos materiais recolhidos temos cerâmica manual lisa e grosseira, uma lasca de sílex, uma mó movente, dois percutores e duas bigornas de granito, um percutor de seixo lascado, uma lasca de anfíbolito polido, blocos de grés quartzítico e as respectivas lascas e um escopro de anfíbolito polido que está exposto no museu local (*Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*, 2008: 34, nº 32).

No Chão do Porto a concentração de materiais é bem menor e apenas foram descobertos alguns fragmentos cerâmicos. Ou o local está menos destruído ou então poderia resumir-se a uma simples mancha de ocupação. Neste conjunto de fragmentos cerâmicos o destaque vai para uma forma decorada com um mamilo que também se encontra exposta no museu (*Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*, 2008: 30, nº 17). Este tipo de decoração plástica, com já vimos anteriormente, também está presente no sítio de Santa Bárbara. Tal como na Matrena, não foram aqui descobertos quaisquer indícios de estruturas.

Mais para sudoeste, já nos limites da freguesia de Alfaiates, temos as estações de Santiago, Macieira, Rebordilho e Sacaparte (Est. XC). Deste conjunto o destaque vai para o dólmen de Sacaparte situado num pequeno relevo que tem intervisibilidade com Santa Bárbara a 3,2 Km de distância (Est. XCI e XCII). Trata-se de um local que já foi muito fustigado pela acção humana e pela erosão da natureza, restando desta construção três lajes

que formam uma câmara, de dois esteios laterais e uma de cabeceira. Esta última está reforçada com uma segunda laje, deslocada ou caída, ou apenas um contraforte do esteio de cabeceira. Falta-lha a tampa e o fecho da câmara. A orientação da abertura da câmara é para leste/sudeste. Numa pequena intervenção arqueológica realizada nesta construção não detectámos qualquer espólio arqueológico. É o único exemplar do fenómeno megalítico ainda conservado no concelho (SANTOS, 2008: 16). Apesar do historiador local, Joaquim Manuel Correia numa das suas obras (CORREIA, 1946) destacar a existência de antas na Tapada das Cruzes na freguesia de Ruivós, a 10,5 Km para poente de Santa Bárbara (CORREIA, 1946: 227-228), que ou foram destruídas ou mal interpretadas pelo autor porque actualmente não existem. O mesmo autor também refere a existência de um dólmen na Quinta dos Vieiros (CORREIA, 1946: 257) na freguesia de Sortelha, a 30,5 Km para nordeste, e que tal como no exemplo anterior, presentemente, não temos qualquer construção neste lugar. Não temos mais citações sobre se existiriam, ou não, mais monumentos deste tipo nas proximidades.

Os outros três sítios, Rebordilho, Santiago e Macieira, ficam em encostas de relevos bastante elevados, mas pouco destacados na paisagem. A estação de Rebordilho foi descoberta por Fernando Patrício Curado, investigador local que nos deu a conhecer um conjunto de materiais composto de cerâmicas manuais, lisas e grosseiras, duas mós moventes de granito, lascas de quartzo, lingotes de anfibolito, um deles patente no museu (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 31, nº 20*) e uma bigorna de granito, também exposta no museu (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 28, nº 9*) e muito semelhante a algumas descobertas em Santa Bárbara.

Em Santiago também foi encontrado algum espólio arqueológico como pequenos fragmentos de cerâmica manual, lisa e grosseira, um deles decorado com motivos circulares puncionados preenchendo o interior triangular invertido inciso, exposto no museu (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 30, nº 15*), um fragmento de ponta de seta em sílex, também em exposição no museu (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 27, nº 1*), um possível machado de anfibolito, lingotes de anfibolito e grés quartzítico para instrumentos polidos, fragmentos da lascagem e elementos de moagem de vaivém.

Por fim, o sítio de Macieira identificado inicialmente por Paulo Marcos, arquitecto e colega de trabalho, neste local foram recolhidos alguns materiais cerâmicos de fabrico manual, de pastas grosseiras e finas, uma ponta de seta de sílex (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 27, nº 3*), um pequeno elemento de mó dormente de vaivém e um machado de pedra polida em anfibolito fracturado (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 33, nº 27*).

Estamos perante locais que evidenciaram um espólio muito rico e variado para um contexto de prospecção, apesar de se limitarem a uma área muito restrita sendo difícil podermos avançar com uma tipologia, mas possivelmente não seriam mais que simples manchas de ocupação. Nestas estações não foram encontradas quaisquer evidências de estruturas arqueológicas, dado que os terrenos saibrosos e esqueléticos encontram-se completamente revestidos de vegetação rasteira.

Ainda dentro do grupo de locais que poderiam ter alguma relação com Santa Bárbara está a Fonte da Silva, na freguesia da Rebolosa. Esta estação fica na encosta num relevo bastante acidentado com uma plataforma no topo, tal como em Santa Bárbara. Neste local foram recolhidos vários fragmentos de cerâmicas, de variadas formas e pastas, onde se destacam três fragmentos com aplicações mamilares, um deles exposto no museu (*Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica, 2008: 30, nº 18*), decorações também verificadas em Santa Bárbara, uma bigorna em granito, várias mós de vaivém (moventes e dormentes), algumas lascas de quartzo e pequenos núcleos de anfíbolito e grés.

Tal como as estações já referidas anteriormente, este local não apresenta qualquer indício de estruturas, podendo acontecer como em Santa Bárbara, em que quando foi prospectada também não evidenciava qualquer construção e depois revelou estruturas em negativo que são praticamente impossíveis de identificar à superfície, sem meios técnicos apropriados.

Se pensarmos que neste período histórico as melhores vias de comunicação seriam feitas a partir das redes hidrográficas existentes, a proximidade destes sítios arqueológicos a linhas de água como a ribeira de Alfaiates, a ribeira da Nave e o rio Cesarão, dariam uma maior credibilidade a de vias de comunicação a partir do rio Côa (Est. VI), situado a norte deste território. As trocas e os contactos com outras gentes poderia acontecer a partir desta referência hidrográfica que como sabemos neste período já tinha uma ocupação humana como comprova o trabalho feito por António Faustino Carvalho sobre a ocupação Neolítica e Calcolítica do Baixo Côa (CARVALHO, 2003: 229-273).

Só na área geográfica de Aldeia da Ponte e Alfaiates, temos os sítios arqueológicos, já referidos, de Chão do Porto, Matrena, Macieira, Santiago, Sacaparte e Rebordilho, entre outros que poderão vir a ser descobertos. Este facto levou-nos a pensar numa densidade habitacional bastante elevada para esta zona da margem direita do rio Côa, no III milénio a.C.

Mais distante de Santa Bárbara, mas enquadrado no mesmo período e ainda em pleno vale do Côa, está o assentamento do Sabugal, detectado no âmbito de intervenções arqueológicas à fortificação medieval desta cidade.

A ocupação ocorre no topo de uma plataforma pouco acidentada, onde fica o Centro Histórico local (castelo e casario amuralhado), rodeada pelo rio Côa excepto a nascente, para onde se prolonga o povoado, até ao actual Museu Lapidário (onde se realizaram algumas das sondagens arqueológicas). A sua localização num outeiro sobranceiro ao rio que o contorna, controlando um importante ponto de passagem do curso da água, e com boas condições defensivas nas vertentes meridional, poente e setentrional, foram factores decisivos à ocupação (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 212). Ao longo da intervenção no Museu Lapidário, levada a cabo por Marcos Osório, o destaque foi para a descoberta de um nível não violado pelos trabalhos de construção da muralha medieval (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 212) mas que não evidenciou qualquer alinhamento ou estrutura mas alguns materiais arqueológicos. Durante as sondagens abertas, quer no Museu Lapidário, mas também no recinto do Castelo, foram recolhidas algumas lascas em sílex e quartzo, uma ponta de seta (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 27, nº 2*), duas lâminas retocadas de sílex (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 27, nº 4 e 5*), um afiador (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 32, nº 23*), um peso de rede feito de um seixo polido de grauvaque com dois entalhes laterais, um peso de tear de barro (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 35, nº 35*) e um grande conjunto de fragmentos cerâmicos onde se destacam as peças com decorações penteadas, onduladas e horizontais (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 29, nº 12 e 13*), com decorações puncionadas e impressas (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 30, nº 14*) e uma forma mamilar (*Museu do Sabugal: Colecção Arqueológica, 2008: 30, nº 16*), que estão todas também presentes em Santa Bárbara como já vimos no subcapítulo 6.1.2. Actualmente é comum em alguns acompanhamentos realizados no Centro Histórico na construção ou reconstrução de habitações civis, aparecerem fragmentos cerâmicos lisos que poderão pertencer a esta fase de ocupação do Sabugal.

Incluímos também o sítio das Carvalheiras, já a 35 km para poente de Santa Bárbara, em plena bacia do rio Zêzere, situa-se numa plataforma pouco elevada face aos relevos envolventes, na serra de Arnes/ serra da Presa, com um vasto domínio visual sobre o vale da ribeira do Casteleiro. Junto deste local passam algumas linhas de água que desembocam na mesma ribeira. No total dos 324 m² de área intervencionada, foram identificados oito buracos de poste e 13 manchas que depois de escavadas se revelaram corresponder a fossas (ROBALO E OSÓRIO, 2006). Estamos, assim, perante um sítio arqueológico com estruturas em negativo, tal como o de Santa Bárbara, mas de menores dimensões e com estruturas menos complexas. Os buracos de poste encontravam-se dispersos e teriam servido para sustento de uma ou mais

cabanas, como comprova os que foram descobertos nos rebordos das fossas. Durante a escavação desta estação arqueológica, realizada pelos colegas arqueólogos Marcos Osório e Elisabete Robalo, o material recolhido resume-se a um grande conjunto de fragmentos de cerâmica de fabrico manual grosseiro, de superfícies rugosas ou lisas, apenas dois fragmentos apresentam decoração com cordões plásticos (um vertical e outro horizontal) e uma pega horizontal. Quanto aos elementos líticos foram descobertas várias lascas de quartzo e 5 fragmentos de sílex que corresponderiam a pedaços de lamelas e lascas retocadas (*Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica, 2008: 28, nº 8*). Apareceram também alguns pedaços de barro cozido com marcas de elementos vegetais, tal como em Santa Bárbara. Nota para o facto de não terem aparecido instrumentos de pedra polida, nem de moagem.

Assim no geral estamos perante um conjunto de estações arqueológicas que tiveram como predominância a altura, a maioria está acima dos 800 m, excepto o sítio das Carvalheiras (540 m) e do Sabugal (770 m). Neste conjunto, temos a destacar, a estação de Fonte da Silva que apresenta uma ocupação muito semelhante à que encontramos em Santa Bárbara, situada na encosta de um relevo bastante acidentado, com 800 m de altura, e uma plataforma considerável no topo. Depois temos outros exemplos como o Rebordilho, Santiago, Chão do Potro, Matrena ou Macieira que também estão localizados em encostas, mas em relevos pouco destacados na paisagem. O caso do sítio do Sabugal, não está a uma altitude maior porque, provavelmente, teria uma funcionalidade mais estratégica de controlo da passagem do rio daí que ocupe uma plataforma pouco acidentada. O mesmo acontece com as Carvalheiras que apesar de também estar numa plataforma pouco acidentada, tem um vasto domínio visual sobre o vale da ribeira do Casteleiro, como já referimos. Sacaparte por apresentar características bastante distintas do restante conjunto que descrevemos ocupa a encosta de um pequeno relevo, com cerca de 865 m de altitude, que não tem grande evidência na paisagem, excepto para nascente onde tem maior alcance visual.

Em termos de visibilidade territorial, a partir de Santa Bárbara teríamos alcance visual sobre Chão do Porto, Sacaparte e Santiago. Os restantes sítios ficariam no limite da mancha mais escura de visibilidade (Est. XCI), exceptuando a estação de Fonte da Silva que é a menos visível, e o Sabugal e as Carvalheiras que ficam a uma distância considerável (Est. XCI).

Quanto à intervisibilidade destes sítios arqueológicos, verificámos que a partir de locais como o Macieira, Rebordilho, Sacaparte e Fonte da Silva apenas conseguimos avistar um ou dois dos restantes sítios (Est. XCII). Ao contrário, temos desde Santiago e Chão do Porto avistam-se três ou quatro. Por fim, em Santa Bárbara e na Matrena divisam-se cinco ou

seis núcleos habitacionais contemporâneos (Est. XCII). Este estudo revelou que o povoado de Santa Bárbara, no conjunto das estações arqueológicas referidas, é dos que tem uma maior visibilidade sobre o restante grupo o que lhe poderia conferir alguma importância e centralidade no contexto das comunidades daquela época, facto sempre difícil de provar por requerer mais estudos e escavações.

Só com a realização de uma intervenção arqueológica em cada uma destas estações arqueológicas, tal como chegou a concretizar-se aqui em Santa Bárbara, poderíamos tirar as devidas conclusões, sobre a cronologia e contemporaneidade destes sítios entre si.

Perante o facto de o estudo do período Calcolítico no concelho do Sabugal ainda se encontrar numa fase embrionária achámos por bem alargar os horizontes na contextualização do sítio arqueológico de Santa Bárbara.

Na abordagem que realizámos sobre os materiais cerâmicos, principalmente os decorados, referimos alguns sítios arqueológicos nos concelhos limítrofes ao Sabugal, e outros mais distantes, na bacia do médio e alto Mondego e na Beira Baixa, para o período Calcolítico.

Assim, nesta breve abordagem começamos pelo sítio da Quinta da Atalaia (Est. XCIII), descoberto em 2009, nos limites do concelho de Trancoso, a noroeste do concelho do Sabugal, onde foram identificadas 5 fossas, todas de boca circular, com diferentes diâmetros e profundidades. Pelo menos três delas configuravam claramente um enchimento de tipo "lixeira" com muitos elementos de moagem (tanto moventes como dormentes - alguns de consideráveis dimensões). Uma das fossas apresentava ainda, vestígios de combustão (ALBERGARIA, *et al.*, 2009: no prelo). A intervenção foi feita no sopé da colina onde estava identificado inicialmente o sítio arqueológico e que as sondagens na vertente não revelaram tão grande concentração de materiais como na parte baixa (ALBERGARIA, *et al.*, 2009: no prelo). Quanto ao espólio, apesar de termos poucas informações, a nível cerâmico temos fragmentos com decorações penteadas onduladas e pequenos círculos impressos. O espólio, pela quantidade e qualidade foi identificado genericamente como do período Calcolítico (ALBERGARIA, *et al.*, 2009: no prelo).

Não muito longe deste concelho, no concelho de Fornos de Algodres, também a noroeste do concelho do Sabugal, temos um trabalho de investigação muito bem desenvolvido por António Varela sobre a ocupação no III milénio desta região, onde se distinguem os sítios arqueológicos de Castro de Santiago, a Malhada, a Fraga da Pena e a Quinta da Assentada, Quinta dos Telhais e Provilgas (Est. XCIII), entre outros (VALERA 2007: 81-392).

Começamos pelo povoado do Castro de Santiago (VALERA 2007: 81-128; PERESTRELO, 2000: 17) (Est. XCIII), que se localiza no topo norte do interflúvio delimitado pelos vales das ribeiras da Muxagata e de Vila Chã e Cortiço. Trata-se de um sítio em altura, desfrutando de grande domínio visual sobre a paisagem envolvente, que se estende até ao sopé da Serra da Estrela nos quadrantes este e sul (VALERA 2007: 81). Aqui foram identificadas estruturas amuralhadas que definem um recinto fortificado em duas áreas distintas com 550 m² e 600 m² cada uma. O espólio é muito e variado e está subdividido pelas categorias de recipientes cerâmicos, indústria lítica talhada, pedra polida, moagem, tecelagem e elementos de adorno (VALERA 2007: 86).

O *habitat* da Malhada (VALERA 2007: 129-223) (Est. XCIII) localiza-se a meio da vertente direita do vale da ribeira de Muxagata, num recanto bem encaixado, o povoado encontra-se bem protegido dos ventos e perfeitamente diluído na paisagem. Essa mesma localização restringe-lhe o domínio visual sobre o espaço envolvente, que se limita à parte mais imediata do vale da ribeira de Muxagata (VALERA 2007: 129-130). Neste local forma abertos 7 sectores (De A a H) onde foram identificadas várias estruturas de combustão e cabanas. No espólio foram recolhidos 22518 fragmentos cerâmicos, a maior parte deles decorados, 53 pesos de tear, colheres, bigornas, percutores, núcleos, restos de produção, lamelas, lascas, lâminas, raspadeiras, raspadores, denticulados, furadores, brocas, buri, pontas de seta, polidores, dormentes, moventes, um pilão e duas contas de colar.

A Fraga da Pena (VALERA 2007: 225-296; PERESTRELO, 2000: 17) (Est. XCIII) destaca-se na paisagem por um autêntico castelo de penedos que se eleva de forma marcante junto ao topo da vertente ocidental da Ribeira da Muxagata, de acentuado declive. Tem uma configuração alongada de nordeste para sudoeste. A sua implantação confere-lhe um domínio visual sobre todo o vale da ribeira da Muxagata, até à confluência desta com o Mondego (VALERA 2007: 225). No conjunto dos dois sectores intervencionados, foram descobertas várias estruturas amuralhadas de delimitação de recintos tanto no sector 1 como no 2. Em ambos temos as portas de entrada, com destaque para o sector 1 onde apareceram 3 bastiões. Destaque para o aparecimento de pinturas em tons de amarelo num dos penedos laterais da fraga. Quanto ao espólio, foram descobertos 6805 fragmentos cerâmicos, núcleos, percutores, bigornas, lamelas, lâminas, raspadeiras, raspadores, entalhes, denticulados, furadores, buris, pontas de seta, um geométrico, um machado, enxós, dormentes, moventes, pesos de tear, uma conta de colar e pendentas.

A estação da Quinta da Assentada (VALERA 2007: 297-332; PERESTRELO, 2000: 17) (Est. XCIII) localiza-se a meio da extremidade sul da vertente localmente conhecida por

Barroca, integra o limite sudoeste da área preservada da superfície fundamental dos planaltos centrais da Nave. A vertente apresenta um declive extremamente acentuado. Esta localização confere-lhe um domínio ao mesmo tempo amplo e restrito sobre a paisagem. Efectivamente, em todo o quadrante norte/noroeste a visibilidade é restringida pela própria vertente em que o sítio se implanta (VALERA 2007: 297-298). No conjunto das sondagens realizadas neste local o destaque vai para a descoberta de um conjunto de pequenas fossas subrectangulares com comprimentos entre os 70-80 cm, e as larguras com 30-40 cm e uma profundidade entre os 14-25 cm. O espólio resume-se a 2277 fragmentos cerâmicos, um peso de tear, núcleos, material de reavivamento, lamelas, lascas, lâminas, raspadeiras, raspadores, denticulados, furadores, brocas, buris, pontas de seta, pontas de seta, dormentes e moventes.

O sítio arqueológico da Quinta dos Telhais (VALERA 2007: 338; PERESTRELO, 2000: 17) (Est. XCIII), está implantado numa suave vertente, junto ao topo aplanado de um pequeno interflúvio ladeado pelo curso superior da Ribeira do Cortiço (a nascente) e um ribeiro seu tributário (a poente). Trata-se de um sítio de *habitat* aberto, diluído na paisagem (VALERA 2007: 338). Nos trabalhos de prospecção feitos neste local foram recolhidos fragmentos cerâmicos, um raspador, lascas, uma lâmina, um raspador, um polidor, lamelas, um sexo talhado, uma bigorna, dormentes e moventes.

Por fim, neste concelho temos ainda o sítio das Provilgas (VALERA 2007: 338-339; PERESTRELO, 2000: 17) (Est. XCIII), trata-se de um topo aplanado de vertentes muito suaves, delimitado por duas pequenas linhas de água (VALERA 2007: 338). Para além dos trabalhos de prospecção, neste local também foram realizadas duas sondagens, que no conjunto revelaram vários fragmentos cerâmicos, algumas lascas, elementos de moagem, e restos de anfíbolito e quartzo.

Continuando, agora no concelho de Pinhel, a norte do concelho do Sabugal, está o povoado do Alto do Castelo (PERESTRELO, 2000: 15-30) (Est. XCIII). Trata-se de um povoado provavelmente fortificado, localizado no alto de um cabeço, rodeado de penedos que lhe confere um certo domínio visual da paisagem e lhe proporcionam boas condições naturais de defesa (PERESTRELO, 2000: 15). O espólio recolhido é referente aos trabalhos de prospecção e onde se destacam as linhas penteadas horizontalmente, um peso de tear, vários elementos de moinho e polidores, nos líticos, o destaque vai para as lâminas em sílex.

Nos limites do concelho da Guarda, a noroeste do concelho do Sabugal, temos na freguesia de Aldeia Viçosa (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 209-210), a estação arqueológica da Pedra Aguda (Est. XCIII). Trata-se de um sítio em altura, com excelentes condições naturais de defesa e com grande visibilidade do território envolvente. Apesar das magníficas

condições de controlo do vale do Mondego, construiu-se uma imponente fortificação na coroa do cabeço com cerca de três metros de largura (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 210). Em termos de materiais o destaque vai para a identificação de inúmeros vestígios cerâmicos grosseiros e fragmentos de artefactos de pedra polida de anfibólito (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 210).

Temos depois na freguesia do Barracão, o sítio da Ladeira II (Est. XCIII), situada numa pequena plataforma, a meia encosta, na vertente da margem ocidental da ribeira de Vale de Teixeira (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 210). O espólio recolhido resume-se a fragmentos cerâmicos, fragmentos de moinhos manuais de vaivém (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 210).

Ainda na cidade da Guarda, mas junto do perímetro urbano, encontramos o sítio arqueológico do cabeço de Miranda (Est. XCIII), localizado numa colina na margem direita do rio Diz. Aqui foram identificados diversos fragmentos cerâmicos de fabrico manual com decoração (PERESTRELO E OSÓRIO, 2005: 209).

Caminhando para a Beira Baixa, começamos no concelho mais distante, o de Idanha-a-Nova, a sul do concelho do Sabugal, temos o sítio de Monte Trigo (VILAÇA E CRISTÓVÃO, 1995: 201-211; VILAÇA, 2008a: 46) (Est. XCIII), que corresponde a uma inconfundível elevação de forma cónica que se evidencia, de forma isolada e destacada, na paisagem. A área de interesse arqueológico circunscreve-se ao topo do monte, o qual é definido por uma pequena plataforma, de configuração grosseiramente oval, com uma área de cerca de 630 m² (VILAÇA E CRISTÓVÃO, 1995: 202). A intervenção neste local resumiu-se à abertura de quatro sondagens, onde se confirmou a existência de uma cintura de muralha, anunciada pelos derrubers que se avistavam à superfície. Neste local foram descobertos vários fragmentos de cerâmica, maioritariamente lisa, e algumas decoradas, alguns líticos como lascas, uma raspadeira e uma ponta de seta.

Entrando um pouco nos limites do concelho do Fundão, enquadrado num dos relevos da ribeira da Meimoa, está o sítio arqueológico de Chãos da Barroca (Est. XCIII), na freguesia de Capinha, (PERNADAS E MARQUES, 2012: no prelo). Neste local foram abertas 10 sondagens que revelaram os restos de uma possível muralha em xisto com cerca de 2,50 m de comprimento por 1,50 m de largura, muito danificada, e dois buracos de poste. O espólio descoberto correspondeu a vários fragmentos cerâmicos, alguns deles decorados, duas bigornas, cinco pesos de tear, seis seixos de rio talhados, seis lascas em sílex e alguns moventes e dormentes (PERNADAS E MARQUES, 2012: no prelo).

Continuando, já nos limites do concelho do Sabugal, também a sul, chegamos ao concelho de Penamacor que apresenta testemunhos para o período Calcolítico bastante

interessantes. Começamos como o sítio do Ramalhão (VILAÇA, 1989: 5-32; VILAÇA, 2008a: 45-46) (Est. XCIII) situado num relevo, inserido num conjunto de elevações a sudeste de Penamacor que o dilui um pouco na paisagem (VILAÇA, 2008a: 46). Neste local nos trabalhos de escavação foram descobertos fragmentos cerâmicos, maioritariamente lisos, apenas 1,2% são decorados (VILAÇA, 2008a: 46), uma pequena colher de concha ovoide, temos depois pequenas lascas e fragmentos de lâminas em sílex, quartzito e calcedónia, machados, uma enxó em anfíbolito, elementos de mó de vaivém em granito e alguns percutores (VILAÇA, 2008a: 46).

No entanto para o período Calcolítico neste concelho o sítio de referência é o Cabeço da Malhadeira (Est. XCIII), na freguesia de Benquerença (OLIVEIRA, 1998: 243-257; VILAÇA, 2008a: 52-53). Situa-se no topo de um cabeço, de forma arredondada e de ondulado suave. A sua vertente norte está voltada para a ribeira da Meimoa. As vertentes este, sul e oeste acompanham declives muito suaves que se alongam num ondulado suave de pequenos cabeços. O espaço circundante é, pois amplo e aberto e com boa visibilidade em redor (OLIVEIRA, 1998: 243). A descoberta de estruturas e o reconhecimento de uma realidade estratigráfica horizontal complexa e a recolha significativa de material arqueológico lítico e cerâmico (OLIVEIRA, 1998: 244) levou a que as duas sondagens que se realizaram neste local não bastassem, no entanto, as escavações neste povoado não chegaram a prosseguir (VILAÇA, 2008a: 53). Relativamente ao espólio é constituído por fragmentos de cerâmica, placas paralelepípedicas em barro, machados e enxós de pedra polida, elementos de mó, seixos com entalhes, contas de colar e vários artefactos de produção lítica laminar (OLIVEIRA, 1998: 248). Como já referimos, em termos de espólio, principalmente na análise das cerâmicas, este sítio e o que mais se identifica com Santa Bárbara.

Por fim, situada no núcleo medieval desta vila temos a estação do Castelo de Penamacor (SILVÉRIO, *et al.*, 2004: 473-540; VILAÇA, 2008a: 52) (Est. XCIII), Fica implantado num cabeço alongado no sentido este-oeste, relativamente aplanado, situado entre as ribeiras de Ceife e Taliscas, a elevação domina o território para sul (SILVÉRIO, *et al.*, 2004: 474). Neste local foram realizadas quatro sondagens que revelaram uma escaça ocupação calcolítica que se resume a um fragmento de mamilos acompanhada por impressões onduladas realizadas a pente, e ainda uma lamela sobre lasca em sílex e dois percutores (SILVÉRIO, *et al.*, 2004: 491e 494; VILAÇA, 2008a: 52).

Nesta nossa abordagem deparámos que a grande parte destes sítios arqueológicos estão situados próximos de linhas de águas e também a uma relativa altitude que os permite ter algum controle sobre a paisagem circundante. Nesta nossa breve abordagem também

verificámos que as formas cerâmicas não estão conotadas a um determinado tipo de estação arqueológica, eram fabricadas ou utilizadas em estações de natureza distintas.

Apesar de não ser um objectivo prioritário deste trabalho, fica uma abordagem mais abrangente sobre a ocupação no III milénio no concelho do Sabugal e uma mais resumida sobre a conjuntura regional para o mesmo período cronológico. Optámos por não entrar para o lado espanhol, pelo menos até Ciudad Rodrigo a leste, devido à falta de sítios arqueológicos de referência e também devido ao limite de páginas deste trabalho e à falta de tempo que nos obrigariam a procurar mais bibliografia e a mapear mais sítios.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos capítulos deste trabalho procurámos expor todos os dados relativos à intervenção na estação arqueológica de Santa Bárbara, incluindo, posteriormente, o seu enquadramento no contexto arqueológico regional no período Calcolítico.

O facto de esta escavação ter sido feita sob pressão, por se ter tratado de uma intervenção de emergência, não nos permitiu, em algumas situações, fazermos a devida abordagem com o devido tempo como se fosse noutro contexto. A prova disto foram as constantes alterações das metodologias de escavação deste sítio, para acelerar o ritmo de trabalho. Outro facto que atrasou e dificultou em certa parte o progresso dos trabalhos eram as constantes alterações meteorológicas, desde o intenso sol no Verão, à abundância de chuva no Inverno, que condicionaram muito o nosso trabalho na delimitação dos contornos das fossas, na descrição dos níveis estratigráficos e na deteção do espólio arqueológico, principalmente dos líticos.

Mas o trabalho de escavação teve que ser feito, agora, depois de concluído, acreditamos que no geral conseguimos atingir os objectivos propostos inicialmente, mesmo com os contratempos já referidos.

Escavada apenas uma pequena parte da estação arqueológica, cerca de 900 m² de um total de quase 2 hectares (Est. XCIV e XCV), por onde se estende a área de vestígios e sobre a qual foi feito o levantamento para a carta arqueológica do concelho, verificámos uma série de factos que passaremos a descrever:

Em primeiro, a questão cronológica, cientes que estávamos perante evidências de uma ocupação do período Calcolítico só por si não bastava. Como não tínhamos datações tivemos que procurar paralelos, apesar de pouco explorados, e nada melhor que os materiais para nos poderem ajudar, já que as construções em negativo surgem em períodos cronológicos bastante amplos.

Depois, quanto ao assentamento, temos a realçar uma série de características como o domínio territorial, a proximidade à linha de água (Ribeira de Aldeia da Ponte), a fertilidade dos terrenos e a grande diversidade geológica, factores que com certeza muito contribuíram para uma ocupação mais recuada deste sítio.

Temos também, de forma evidente, uma total adaptação do indivíduo ao meio e ao espaço local. A disposição e as características das estruturas em negativo, inéditas no concelho, como já referimos, numa encosta tão inclinada, são a evidência desta integração, abdicando da abundância da pedra para realizar outro tipo de construções, mais resistentes.

Com o desenrolar da escavação, as 14 fossas descobertas junto com a estrutura de combustão e o conjunto dos buracos de poste, foram durante muitos meses os alvos prioritários da nossa atenção na tentativa de as definirmos e tentarmos interpretar. A caracterização dos seus enchimentos e sequências estratigráficas foram muitas vezes dificultadas pelas constantes más condições atmosféricas. Ainda assim conseguimos obter o registo gráfico da estratigrafia interna de algumas das fossas e tentámos compreender os respectivos processos de enchimento/colmatação.

Apesar de não ser evidente, em termos da totalidade da área escavada, observámos em algumas das fossas escavadas uma preocupação com a organização do espaço interno, o que poderia ser um indício de que, já nesta época, poderiam existir divisões destinadas para certas actividades, sempre difíceis de precisar.

Outro aspecto que queremos destacar é a problemática da existência, ou não, de um fosso defensivo neste povoado, nomeadamente pelas características da fossa 1D. Acabámos por não o interpretar desta forma e só com sondagens em outros pontos do perímetro do povoado se poderia confirmar esta ideia.

O espólio arqueológico descoberto, muito diversificado, tem um predomínio dos fragmentos cerâmicos, onde se destacam, em comparação com os materiais já descobertos no concelho, o aparecimento inédito das decorações em “pastilha” com uma, duas ou três fiadas horizontais. Do restante espólio, além dos habituais objectos de uso diário como os recipientes cerâmicos, lâminas, machados, percutores, bigornas, pesos de rede e de tear, entre outros, o maior destaque vai para as contas de colar e o pendente. Estas peças poderiam revelar outro tipo de preocupações como a aparência e até poderiam ser “objectos de luxo”, dada a minuciosidade com que foram realizados e as matérias-primas de que foram feitos.

A compreensão da organização interna do espaço, à escala deste sítio arqueológico, e a dimensão geral da área ocupada ficou limitada pelo facto de este tipo de intervenções de cariz de emergência, apenas se restringem ao espaço intervencionado ficando por compreender o sítio arqueológico no seu todo. Ainda assim, foi um pequeno grande contributo para ficarmos a perceber um pouco da comunidade pré-histórica que viveu em Santa Bárbara.

A falta de mais escavações e de um estudo mais pormenorizado de toda a região em torno de Santa Bárbara não nos permite afirmar se os sítios arqueológicos referidos para o período Calcolítico no Alto Côa, estariam habitados ao mesmo tempo que em Santa Bárbara ou se os indivíduos que aqui habitaram poderiam ter vindo de lá, ou se depois de abandonarem Santa Bárbara se foram instalar nestes sítios.

Importante também referir que o povoado de Santa Bárbara é o primeiro sítio, do período Calcolítico, do concelho do Sabugal a ser escavado em extensão, não obstante dos condicionalismos provocados pela construção da moradia. As restantes intervenções efectuadas até aqui, no Sabugal e Carvalheiras, trataram-se da abertura de pequenas sondagens de diagnóstico que acabaram por dar informações bastante importantes.

Para finalizarmos, apenas referir que estaremos atentos a novos empreendimentos que se possam vir a realizar neste relevo de forma a tirarmos mais ilações sobre este sítio de Santa Bárbara. Esperamos, também, que o trabalho de escavação efectuado não tenha sido em vão e que de certa forma venha a dar mais algum contributo para a compreensão das comunidades do III milénio a.C., nem que seja pela revelação de um novo sítio com estruturas em negativo na região da Beira Interior.

A opção pela realização da tese sobre este local prendeu-se com a necessidade de produzirmos uma caracterização mais profunda sobre comunidades e construções tão primitivas. Este é um trabalho inacabado para o qual continuaremos a procurar respostas para muitas das questões que este sítio nos colocou e que muitos outros, que esperamos descobrir, nos irão colocar.

BIBLIOGRAFIA

- AGUSTÍN, M.; RAFAEL, M. (2004), Constructores de fosos, campos de silos y fondos de cabaña del sur de la Península Ibérica Reflexiones en torno a su vida y su muerte. *Revista Historiae*, 1, 16-35.
- ALMEIDA, M.; NUNES, S.; NEVES, M.; FERREIRA, T. (2008), *Estruturas Negativas da Pré-História Recente e Proto-História Peninsulares*, Workshop Dryas´09, Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.
- ALBERGARIA, J.; VERISSIMO, L.; PEÇA, P. (2009), Relatório de trabalhos arqueológicos. Minimização de Impactes Patrimoniais. Subconcessão Auto-Estrada do Douro Interior (IP2-Lanço Celorico da Beira/Trancoso) Quinta da Atalaia (no prelo).
- BOAVENTURA, R. (2002), *O sítio Calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*, *Trabalhos de Arqueologia* 20.
- BELLIDO, B. (1995), *La problemática de los “Campos de Hoyos”*. *Una aproximación a la economía y el poblamiento del Calcolítico y la Edad del Bronce en la submeseta Norte*. Memoria de Licenciatura, Universidad de Valladolid.
- CANINAS, J.; HENRIQUES, F.; BATISTA, A.; MONTEIRO M.; CHAMBINO, M.; HENRIQUES, F.; CANHA, A.; CARVALHO, L. (2009), Estruturas monticulares antigas na fronteira Sul do concelho do Sabugal, *Sabucale*, Sabugal, 21-38.
- CARVALHO, A. (2003), O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (2), 229-273.
- CARVALHO, A. (2003), O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de For Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 7:1, 185-220.
- CORREIA, J. (1946), *Terras de Riba-Côa. Memórias sobre o Concelho do Sabugal*, ed. Câmara Municipal do Sabugal.
- DÍAZ-DEL-RÍO, P. (2003), Recintos de fosos del III Milénio AC en la Meseta Peninsular. *Trabajos de Prehistoria* 60 (2), 61-78.
- DÍAZ-DEL-RÍO, P.; CONSUEGRA, S.; CHOCARRO, L. P.; MÁRQUEZ, B.; SAMPEDRO C.; MORENO, R.; ALBERTINI, D.; PINO, B. (1997), Paisajes Agrarios Prehistoricos en la

Meseta Peninsular: El caso de «Las Matillas» (Alcalá de Henares, Madrid). *Trabajos de Prehistoria*, 54 (2), 93-111.

FERREIRA, A. (1978), *Planaltos e montanhas do norte da Beira*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos (Memórias do Centro de Estudos Geográficos 4).

GIRÃO, A. (1951), *Geografia de Portugal*. 2ª Ed. Porto: Portucalense Editora.

GONÇALVES, J. (1990-1992), Olelas e Pragança. Duas fortificações calcolíticas da Estremadura. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 8/10, 31-40.

GONÇALVES, V. (2000-2001), O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3º milénio no Centro e Sul de Portugal. Universidad de Salamanca, *Zephyrus*, 53-54, 273-292.

GONÇALVES, F.; ASSUNÇÃO, C. (1966), *Notícia explicativa da folha 18-D da Carta Geológica de Portugal 1/50000 (Nave de Haver)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

GONZÁLEZ, J. (1994), Interpretación arqueológica de un «campo de hoyos» en Forfoleda (Salamanca). *Zephyrus*, 46, 309-314.

HARRIS, E. (1997), *Principles of Archaeological Stratigraphy*. 2ª ed. London: Academic Press Limited.

HURTADO, V. (2008), Los recintos con fosos de la Cuenca Media del Guadiana. *Revista ERA-Arqueologia*, nº8, 182-197.

JIMÉNEZ JÁIMEZ, V. (2006), Pithouses Versus Pits. Apuntes para la resolución de un problema arqueológico. *Portugália*, Nova Série vol. XXVII-XXVIII, 35- 48.

JIMÉNEZ JÁIMEZ, V. ; MARQUEZ ROMERO, J. E. (2006), "Aqui no hay quien viva". Sobre las casas-pozo en la Prehistoria de Andalucía durante el IV e el III Milénios AC. *SPAL*, 15, 39-49.

JORGE, S. (2004), O sítio como mediador do sentido. Castelo Velho de Freixo Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal, in Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos Faculdade de Letras do Porto, 583-611.

LAGO, M.; VALERA, A.; DUARTE C.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F.; REIS, S. (1998 a), Povoado Pré-histórico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), Relatório final dos trabalhos de salvamento arqueológico. *ERA Arqueologia Lda*, Lisboa.

- LAGO, M.; DUARTE C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. (1998 b), Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa 1 (1), 45-152.
- MARQUES, C. (1936), A bacia hidrográfica do Côa, *Biblos*, XII, Coimbra, 205-206.
- MARTÍNEZ, A. (1999), El yacimiento prehistórico de Los Molinos de Papel (Caravaca de la Cruz, Murcia). Intervención arqueológica vinculada a las obras de infraestructura del plan parcial SCR2, 1999-2000. *Memórias de Arqueologia*. Lisboa 14, 133-172.
- MATALOTO, R. (2005), Meio Mundo 2: a fortificação Calcolítica do Alto de São Gens (Redondo/ Estremoz, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa 8 (1), 5-19.
- MATALOTO, R.; COSTEIRA, C. (2008), O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa 11 (2), 5-27.
- Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica (2008)*, Sabugal: Pró-Raia e Câmara Municipal.
- OLIVEIRA, A. (1998), O povoado Pré-Histórico do Cabeço da Malhoeira (Benquerença, Fundão). *Estudos Pré-históricos*, 6, 243-257.
- OSÓRIO, M. (2008), O povoamento do Iº milénio a.C. na transição da Meseta para a Cova da Beira (territórios e áreas de influência). In *Actas das I Jornadas de Património de Belmonte*, Belmonte: Câmara Municipal, 39-66.
- PAVÓN, J. (2003), Una conceptualización de la organización espacial doméstica: morfología y dinámica. *Revista Española de Antropología Americana*, Vol. extraordinário, 35-53.
- PERESTRELO, M. (2000), O povoado Calcolítico do Alto do Castelo (Pinhel), *BEIRA INTERIOR – História e Património*, Guarda, 15-28.
- PERESTRELO, M.; SANTOS, A.; OSÓRIO, M. (2001), Estruturas em fossa no sítio do Picoto (Guarda, Portugal). *Encuentro de Jóvenes Investigadores sobre Bronce Final y Edad del Hierro en la Península Ibérica*, Salamanca, 156-180.
- PERESTRELO, M.; OSÓRIO, M. (2005), *Pré-História recente da região da Guarda – Alguns subsídios*, [Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior], *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7, 207-231.

- PERNADAS, P.; MARQUES, A. (2012), Chãos da Barroca (Capinha Fundão) Um caso prático de arqueologia de salvaguarda. *Eburobriga*, Fundão (no prelo).
- ROBALO, E.; OSÓRIO, M. (2006), Achegas para o estudo do povoamento Calcolítico na Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal), *Côavisão*, n.º8, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 205-226.
- SANTOS, F.; MONGE SOARES, A. (2009), A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-História Recente, com fossos e fossas, na Encosta do Albardão (S. Maços, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa 11 (1), 53-71.
- SILVA, A.; SILVA, R. (2005), Resultados da intervenção no sítio arqueológico de Barradas (Odiáxere, Lagos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa 8 (2), 55-106.
- SILVÉRIO, S.; BARROS, L.; TEIXEIRA, A. (2004), Escavações arqueológicas no castelo de Penamacor/Cimo da Vila: resultados da primeira campanha (2003), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7 (2), 473-540.
- SANTOS, A. (2008), O Sabugal no contexto da Pré-História da beira Interior. In *Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*, Sabugal: Pró-Raia e Câmara Municipal, 11-25.
- VALERA, A. C. (1997), *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego*. Câmara Municipal de Fornos de Algodres, Lisboa.
- VALERA, A. C. (1998) - Análise da componente cerâmica. In LAGO, M., DUARTE, C., et al. (1998), Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa 1 (1), 45-152.
- VALERA, A. C. (2007), *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*, Município de Fornos de Algodres/Terras de Algodres – Associação de Promoção do Património de Fornos de Algodres.
- VALERA, A. C. (2008), Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente. *Revista ERA-Arqueologia*. Lisboa, 8, 112-127.
- VALERA, A. C. (2010), Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Almodôvar. (no prelo).

VALERA, A. C.; GODINHO, R.; CALVO, E.; BERRAQUERO, F. J. M.; FILIPE, V.; SANTOS, H. (2010), Um mundo em negativo: fossos e hipogeus entre o Neolítico e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). *Actas do IV Colóquio Arqueológico de Alqueva*, Beja (no prelo).

VALERA, A. C.; SANTOS, H.; FIGUEIREDO, M.; GRANJA, R. (2010), Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. *Actas do IV Colóquio Arqueológico de Alqueva*, (no prelo).

VALERA, A. C.; BECKER, H. (2011), Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xancra (Cuba, Beja), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, p.23-32.

VILAÇA, R. (1989), O povoado Pré-Histórico do Ramalhão (Penamacor): Resultados das escavações de 1988 e 1989. *Conimbriga*, XXVIII, 5-32.

VILAÇA, R. (1995), Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze, vol. I e II, (*Trabalhos de Arqueologia*: 9), Lisboa.

VILAÇA, R. (2008 a), *Através das Beiras Pré-História e Proto-História*. Coimbra: Palimage.

VILAÇA, R. (2008 b), A Proto-História no Museu do Sabugal. In *Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*, Sabugal: Pró-Raia e Câmara Municipal, 39-51.

VILAÇA, R.; CRISTÓVÃO E. (1995), Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova), *Estudos Pré-Históricos*, III, 201-211.

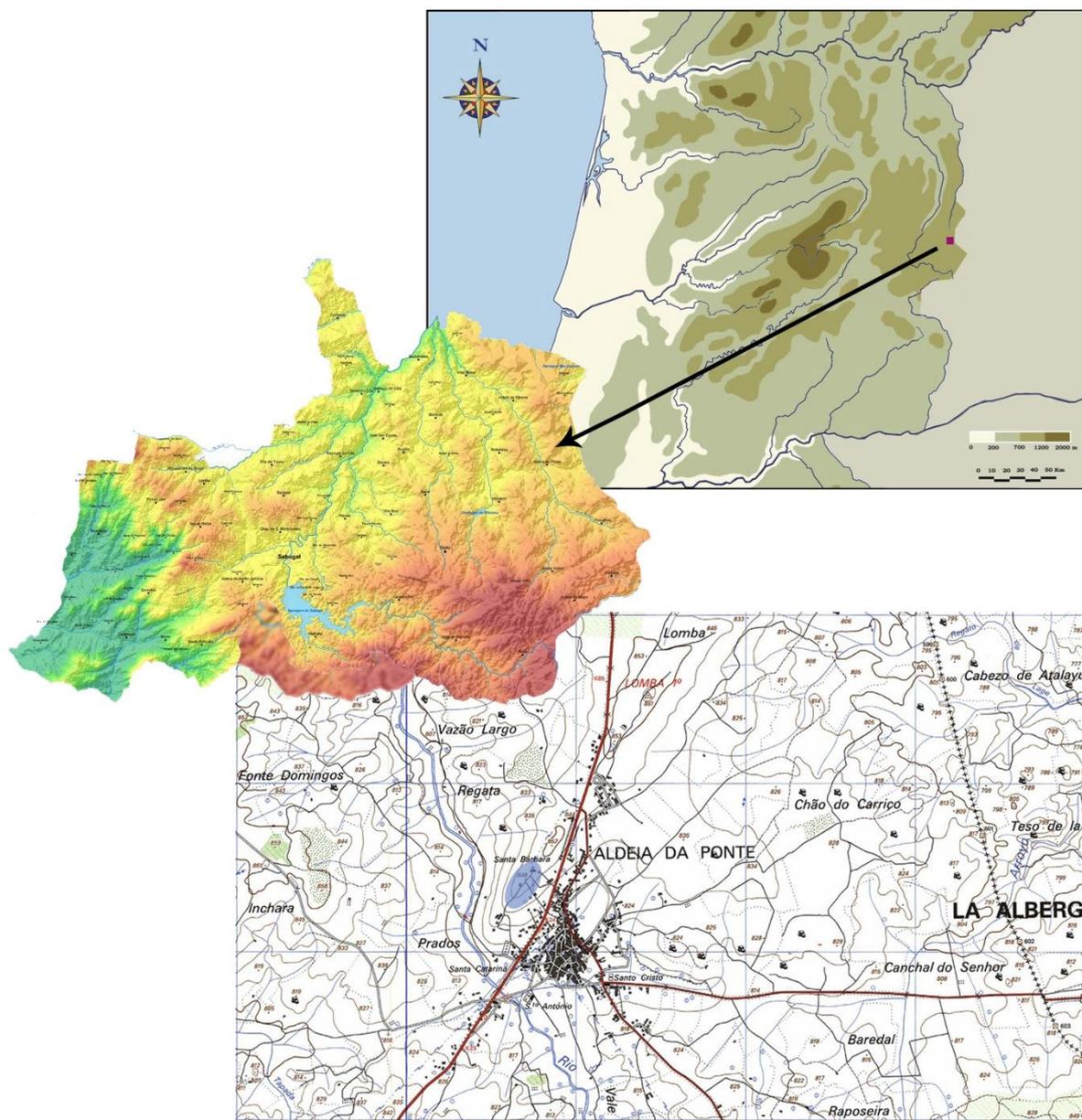
CARTOGRAFIA:

Instituto Geográfico e Cadastral (1984) – Carta Hipsométrica de Portugal: 1:600.000.

Serviço Cartográfico do Exército (1998) – Carta militar de Portugal: Folha 216: 1:25.000.

Serviços Geológicos de Portugal (1966) - Carta geológica de Portugal: Nave de Haver: 18-D: 1:50.000.

ANEXO I - CARTOGRAFIA, FOTOGRAFIA, DESENHO DE MATERIAIS E CORTES ESTRATIGRÁFICOS

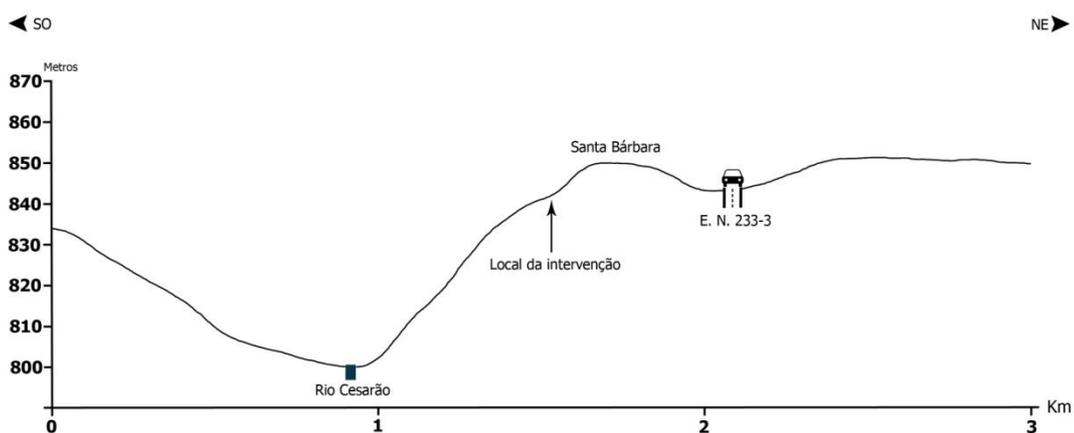
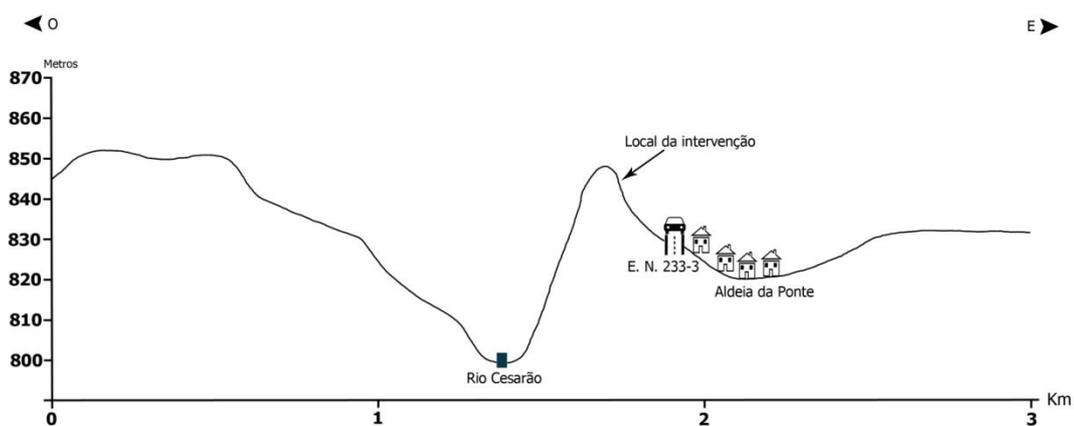


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Localização do sítio de Santa Bárbara na Carta Militar n.º 216 e nos mapas do Concelho e da região centro de Portugal.

ESTAMPA
I



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S ^{TA} BÁRBARA		
	Representação gráfica do relevo onde decorreu a intervenção.	ESTAMPA II



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Fotografia aérea com a localização do terreno, em relação à capela e à Estrada Nacional 233.

ESTAMPA III



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Vista geral do relevo de Santa Bárbara, desde ponte.

ESTAMPA IV

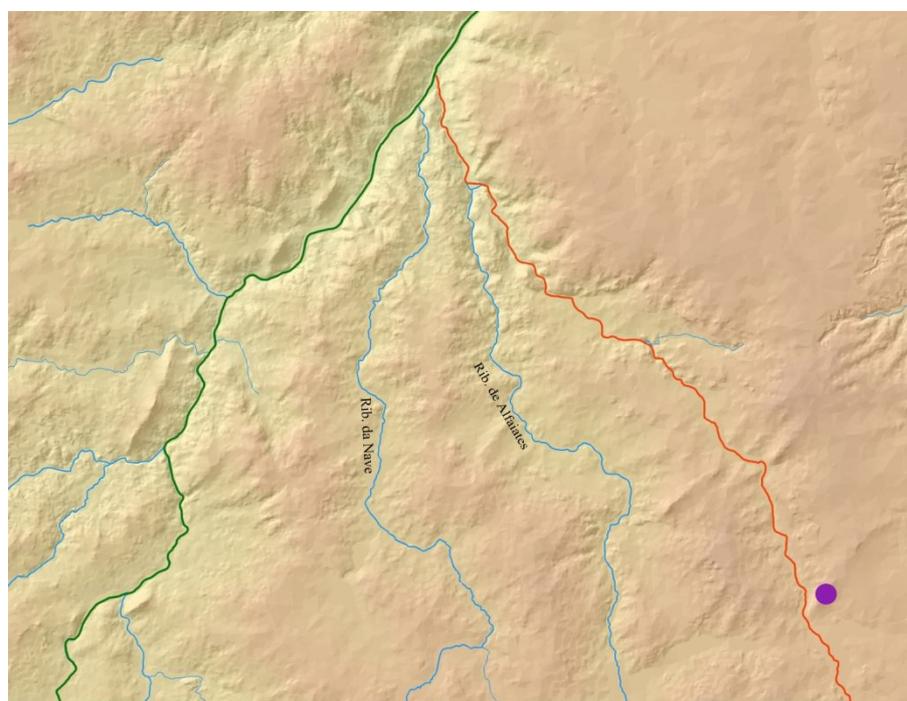


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Vista geral do relevo de Santa Bárbara, desde sul.

ESTAMPAS
V



Legenda:

- - Santa Bárbara
- Rio Cóa
- Rio Cesarão

Escala:

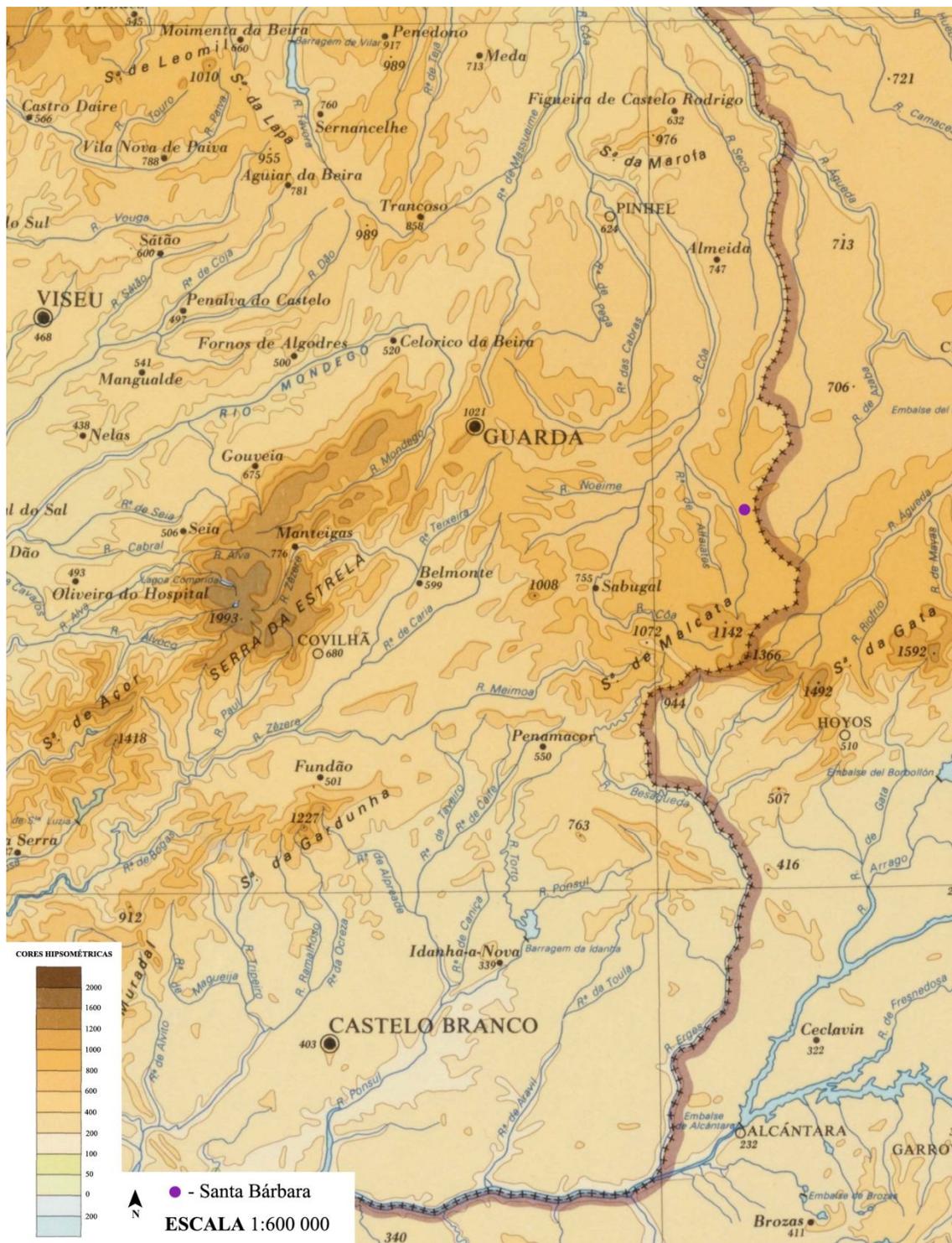


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

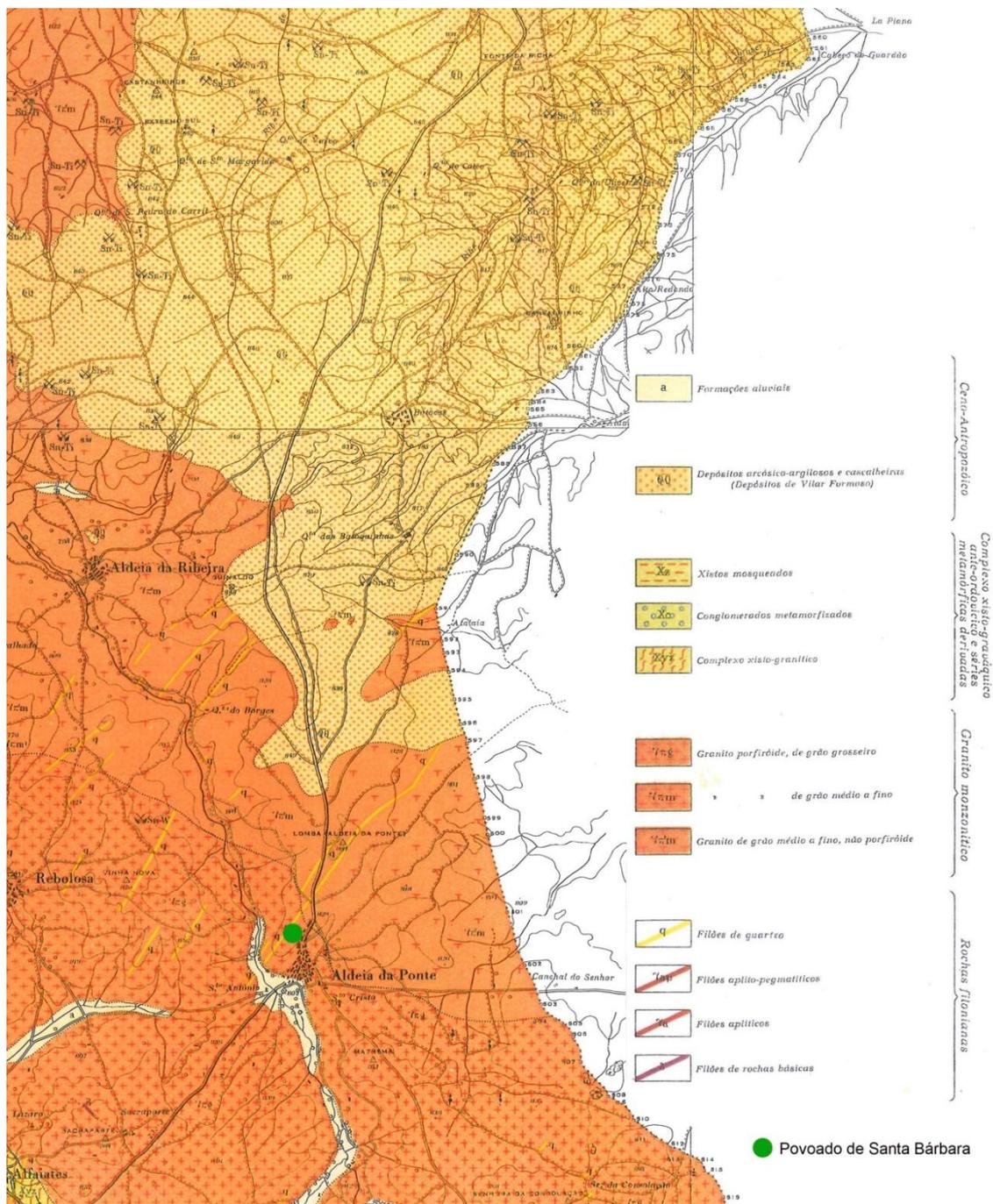


Mapa geomorfológico e hidrográfico da região envolvente.

ESTAMPA
VI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S ^{TA} BÁRBARA		
	Excerto da Carta Hipsométrica de Portugal.	ESTAMPA VII

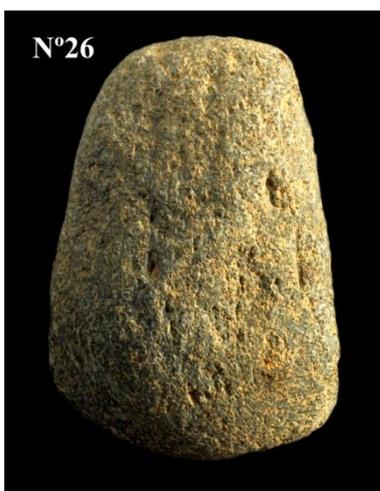
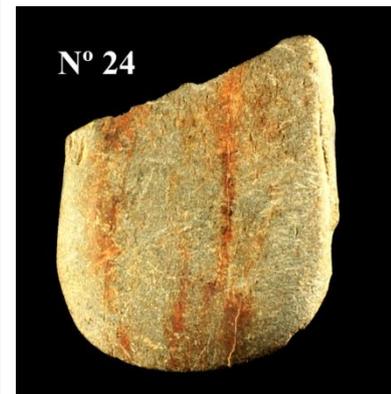


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^TA BÁRBARA

Sa Bárbara

Excerto da Carta Geológica n° 18 D (escala: 1/50 000), com a localização do sítio onde decorreu a intervenção.

ESTAMPA VIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Conjunto de materiais descobertos em Santa Bárbara (*Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*, 2008: 29, 31, 32, 34 e 35).

ESTAMPA IX



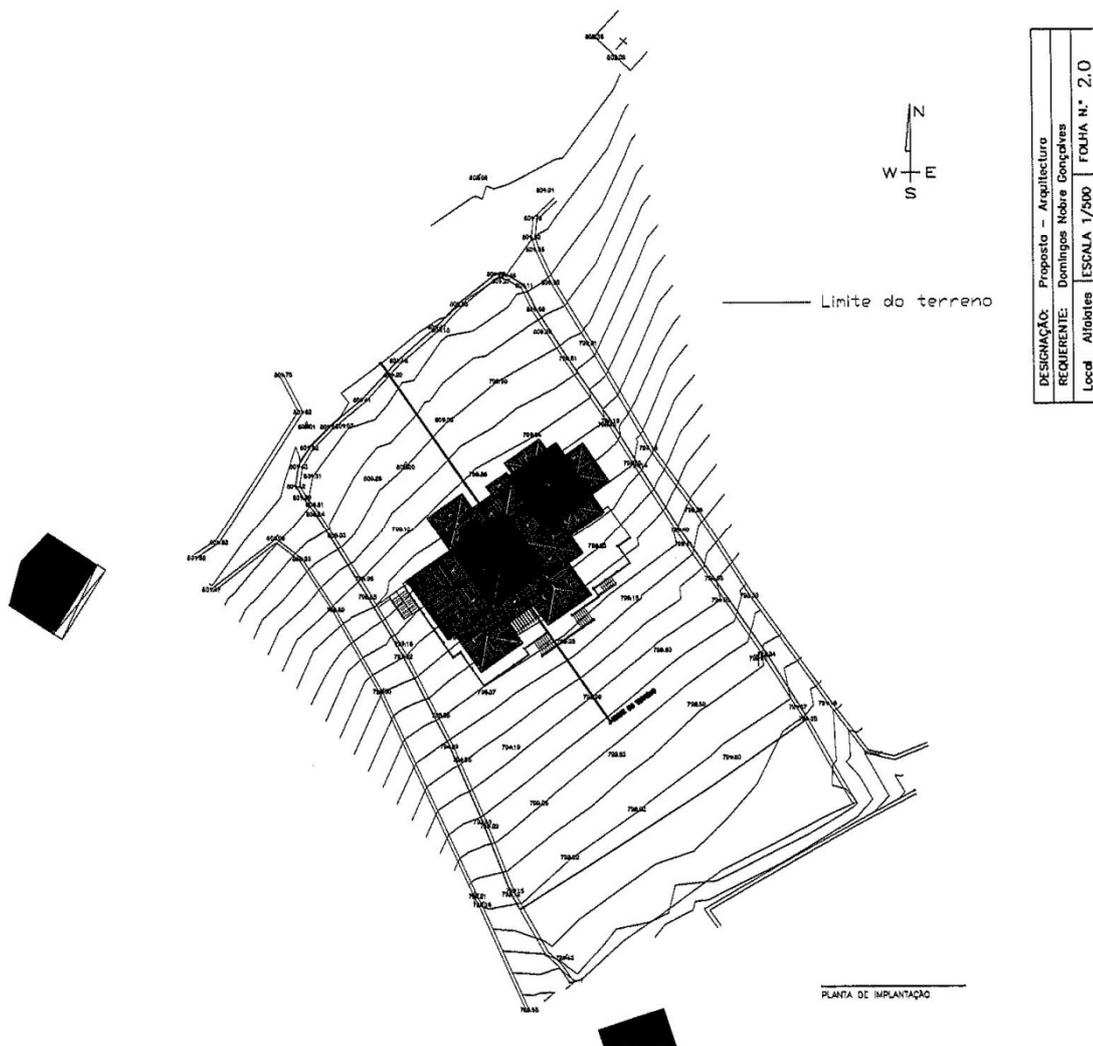
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Fotografia aérea do terreno com a delimitação da área do povoado e a implantação da moradia.	ESTAMPA X
--	----------------------------------------------------------------------------------------------	--------------



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Vistas do terreno, de noroeste e de sul, antes de iniciarmos a intervenção arqueológica.	ESTAMPA XI
-------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------	---------------

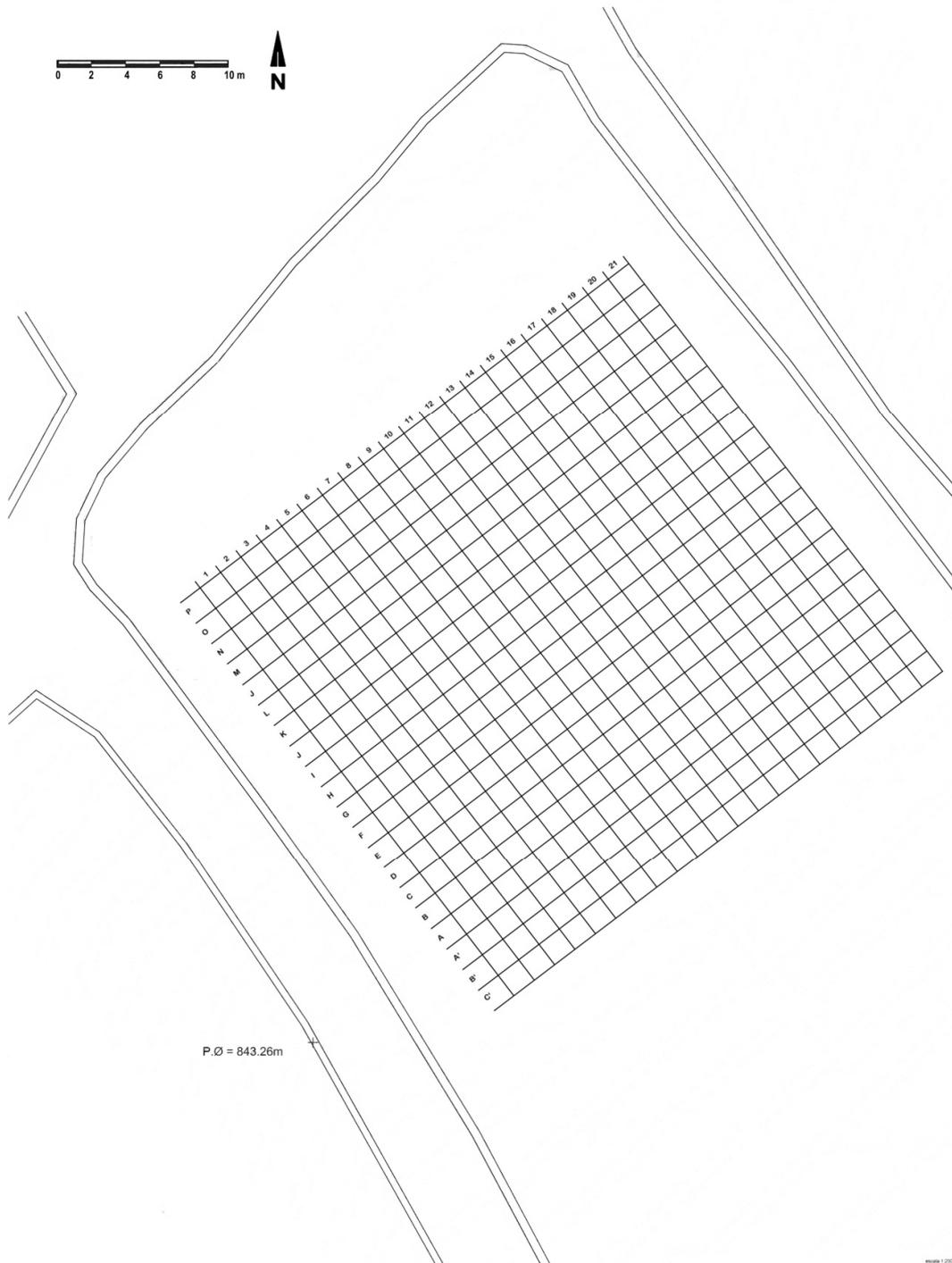


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Implantação da habitação a construir no terreno onde iria decorrer a intervenção.

ESTAMPA
XII

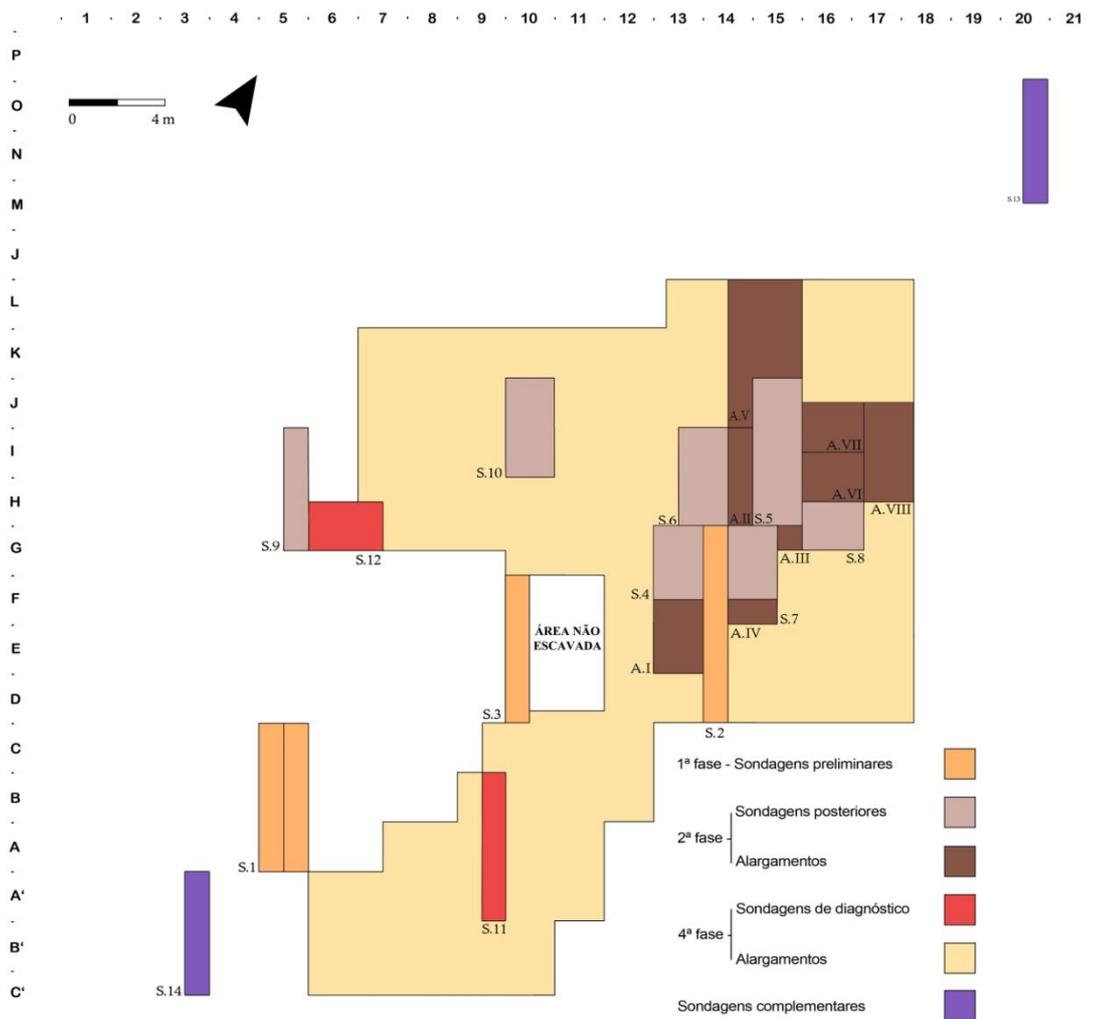


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Quadriculagem para a marcação das sondagens arqueológicas que iríamos realizar.

ESTAMPA
XIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S ^T A BÁRBARA		
	Planta esquemática da intervenção arqueológica, assinalando as áreas abertas nas diferentes fases da escavação.	ESTAMPA XIV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Vista geral da sondagem 1 terminada.

ESTAMPA
XV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Primeiros empedrados e níveis de terra escura descobertos na sondagem 2.

ESTAMPA
XVI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Mancha de terra escura com pedras que inicialmente denominámos como Mancha 1.

ESTAMPA XVII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Mancha de terra escura mais pequena que denominámos como Mancha 2.

ESTAMPA XVIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Área que designámos como Mancha 3, mas que entretanto foi removida ficando apenas os empedrados.

ESTAMPA XIX



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Vista geral da área aberta no final da segunda fase da escavação.

ESTAMPA XX



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Aspecto da área de escavação após a passagem da máquina, que removeu os níveis estratigráficos iniciais.

ESTAMPA
XXI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Trabalhos manuais de definição das manchas e respectivos empedrados.

ESTAMPA
XXII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Estrutura de combustão descoberta na sondagem 12.

ESTAMPA
XXIII

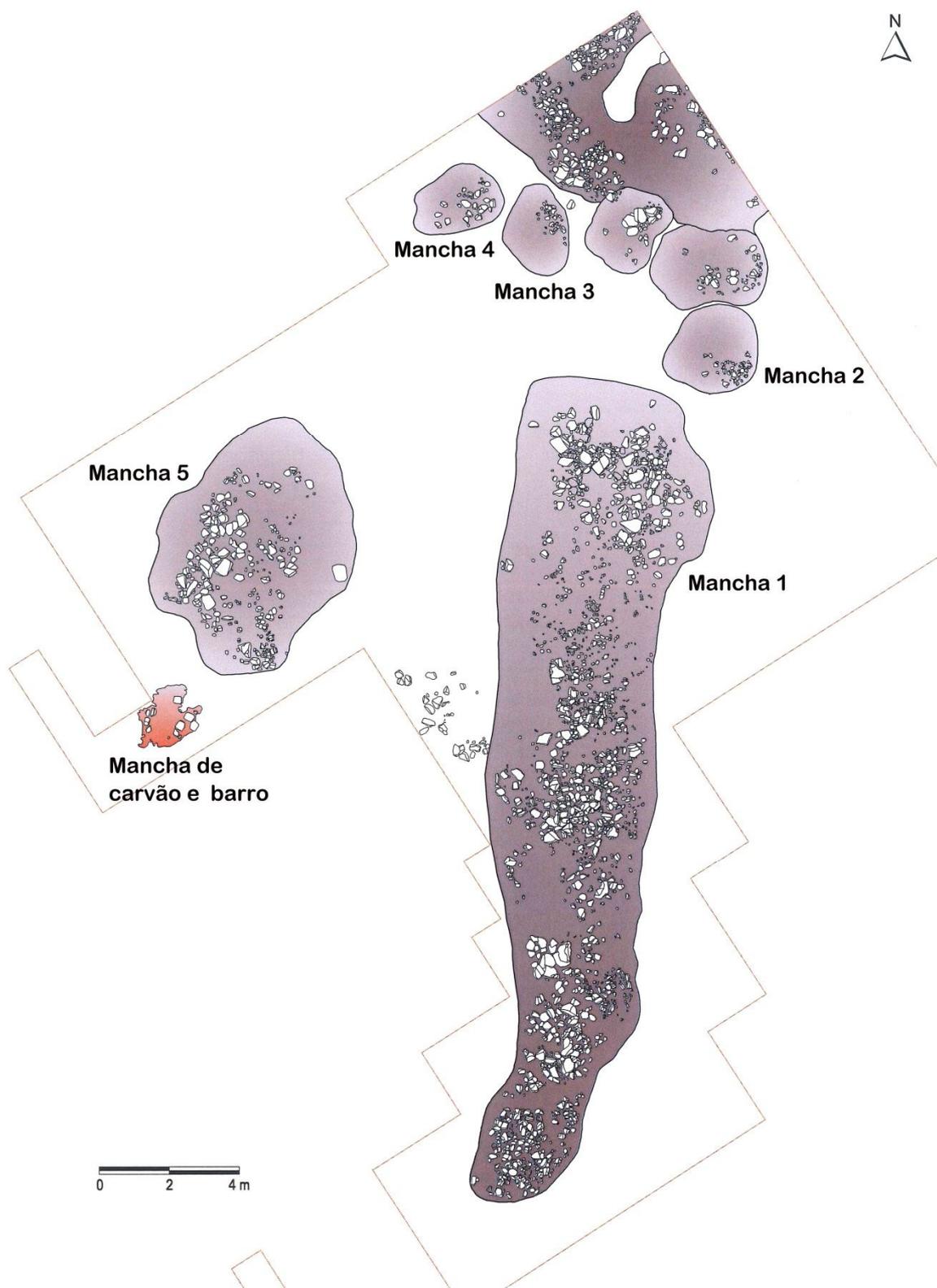


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Vista geral da extensão e dos enchimentos do que inicialmente pensávamos ser um fosso.

ESTAMPA
XXIV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Levantamento das manchas de terra escura e respectivos empedrados, e da mancha de carvão e barro.

ESTAMPA
XXV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Sondagem complementar realizada para obtermos uma leitura estratigráfica da Manchal.

ESTAMPA XXVI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Vista geral da sondagem 13.

ESTAMPA XXVII

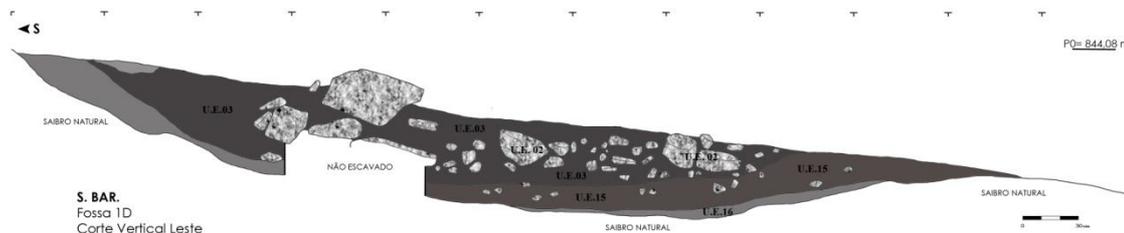


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Vista geral da sondagem 14.

ESTAMPA
XXVIII



S. BAR.
Fossa 1D
Corte Vertical Leste

U.E. 02- Empedrado com uma grande dispersão de pedras de quartzo e granito, com dimensões variadas, que correspondem ao enchimento da fossa. Não representam qualquer alinhamento. As pedras do lado noroeste no rebordo superior apresentam um tamanho menor.

U.E.03- Camada de terra de cor escura que aparece sob o empedrado e que também corresponde ao nível de enchimento da fossa, apresenta uma textura granulada média, mediamente compacta com alguns fragmentos cerâmicos.

U.E.15- Nível de terra escura que se concentra quase no final da fossa. Apresenta uma textura fina e alguns materiais cerâmicos.

U.E.16- Camada de terra de cor escura, aclarada por estar em contacto directo com o nível final de saibro. Neste nível apareceram bastantes fragmentos cerâmicos, alguns deles bem conservados. Este nível final apresentava uma textura fina e encontrava-se também bastante compacto.

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



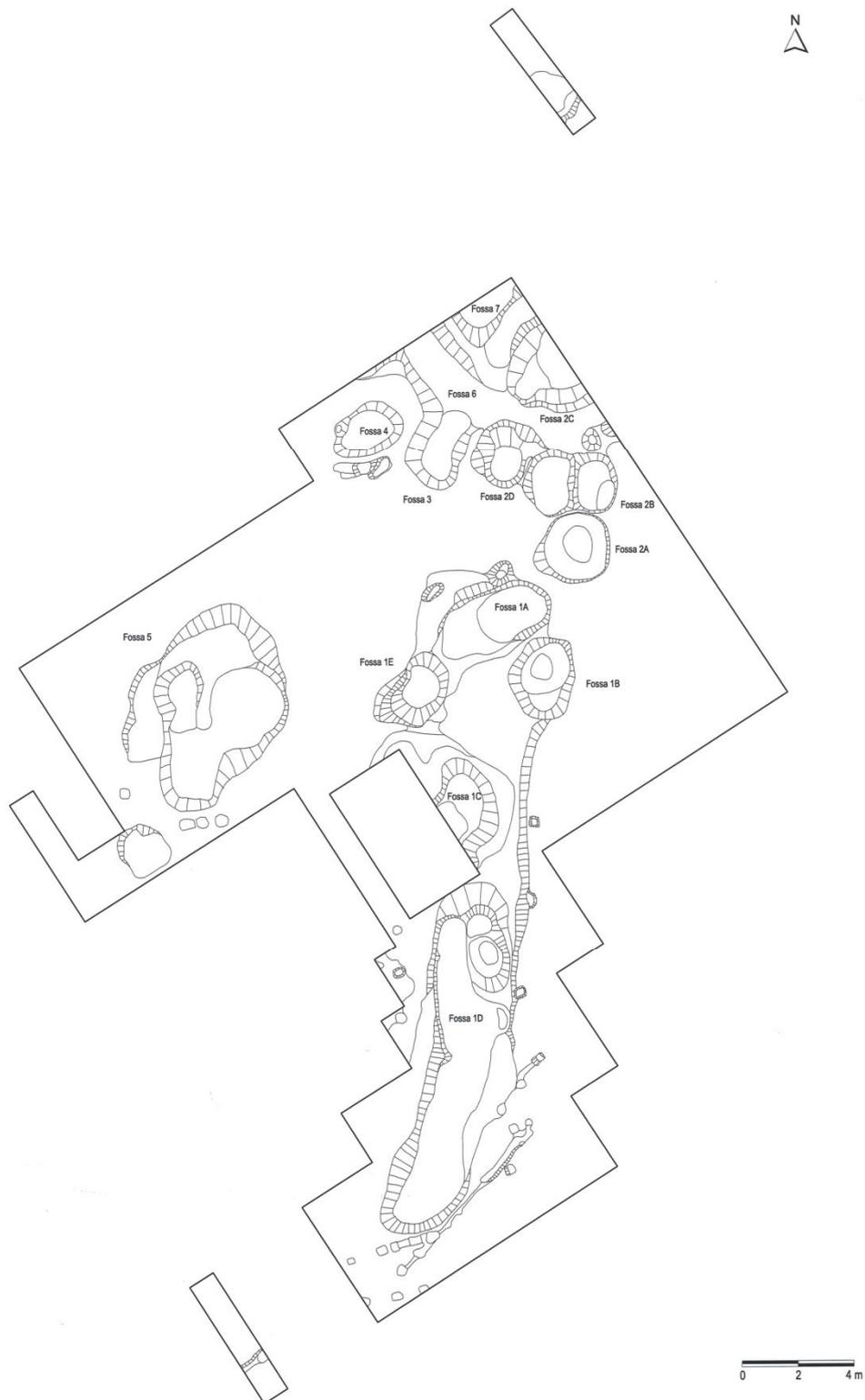
Registo gráfico vertical obtido com a realização da sondagem 11 (Mais tarde seria a fossa 1D).

ESTAMPA
XXIX



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Aspecto, após a escavação, da parte inferior do fosso.	ESTAMPA XXX
------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------	----------------

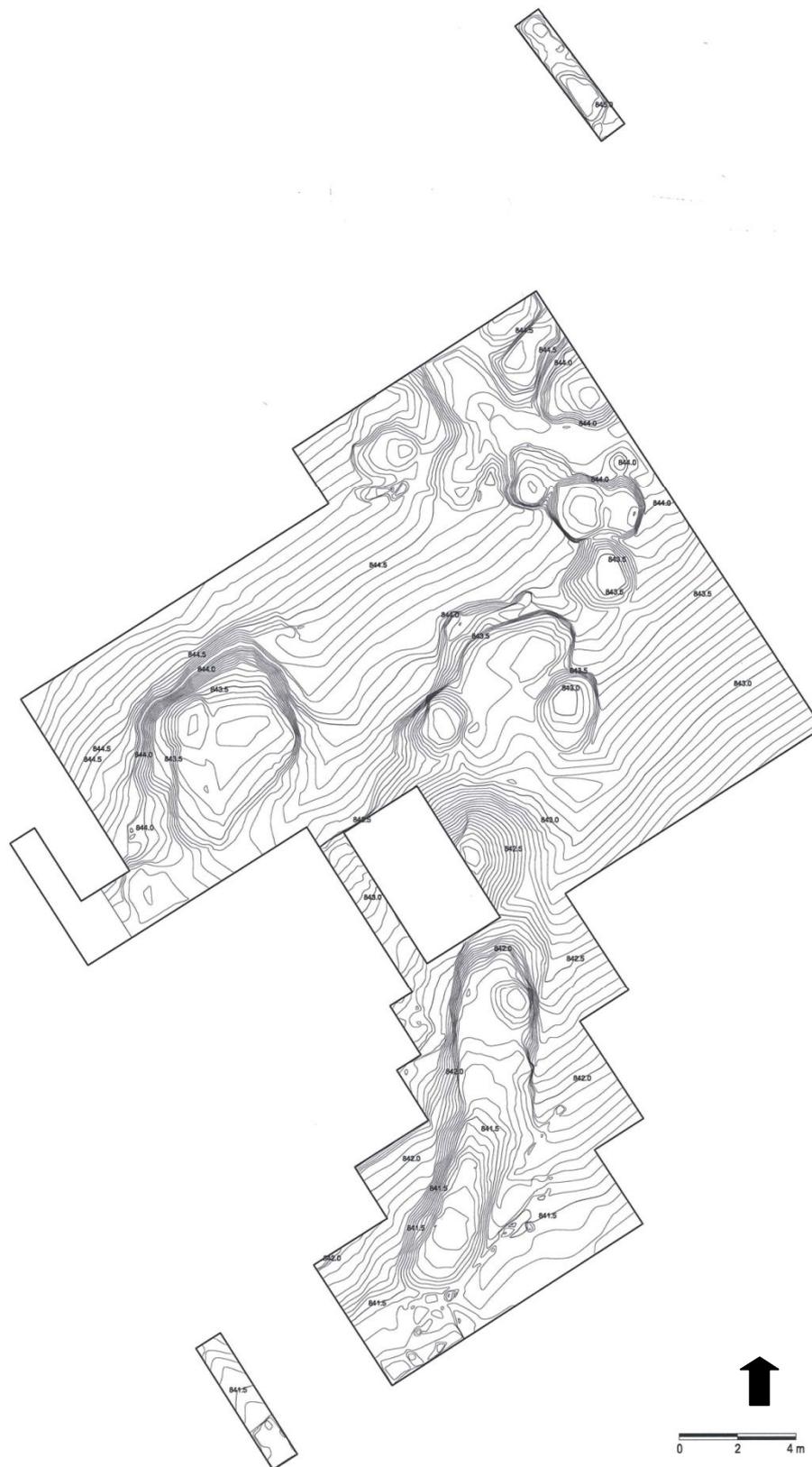


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Planta geral com a distribuição das fossas descobertas.

ESTAMPA
XXXI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Levantamento topográfico das estruturas descobertas.

ESTAMPAS
XXXII

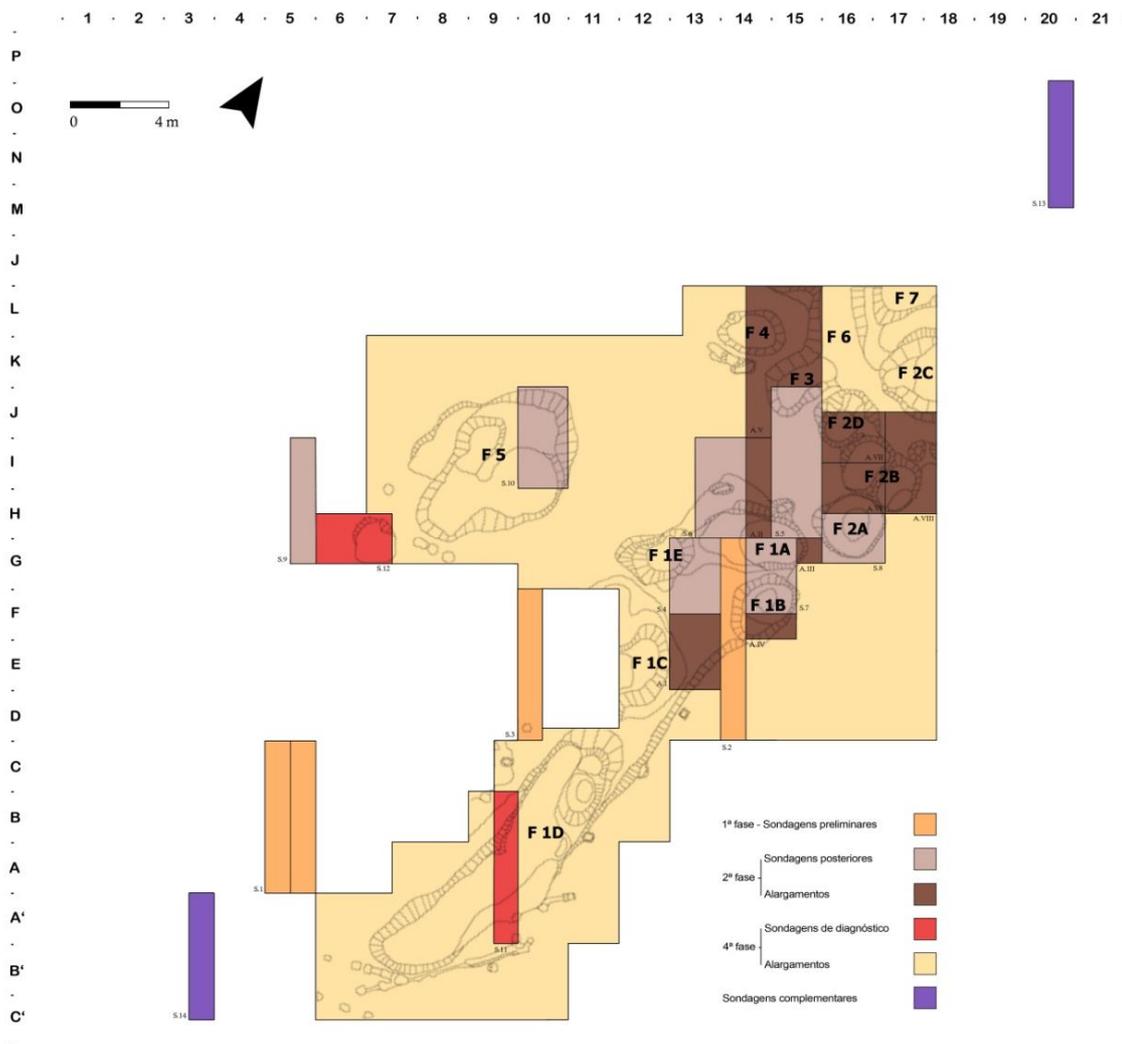


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Várias perspectivas do conjunto de fossas 1A, 1B, 1C, 1D e 1E.

ESTAMPA
XXXIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Planta com as fossas e a sobreposição das sondagens e alargamentos realizados.

ESTAMPA
XXXIV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Localização das duas cavidades descobertas no rebordo da fossa 1A.

ESTAMPA XXXV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Área da fossa 1C que ficou por escavar.

ESTAMPAS XXXVI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Aspecto geral da fossa 1D.

ESTAMPAS
XXXVII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Vista geral com conjunto de fossas com destaque para a fossa 1E.

ESTAMPAS
XXXVIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Vistas gerais do complexo das fossas 2A – 2D.

ESTAMPA
XXXIX



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Empedrado descoberto no interior da fossa 2A.

ESTAMPA
XL

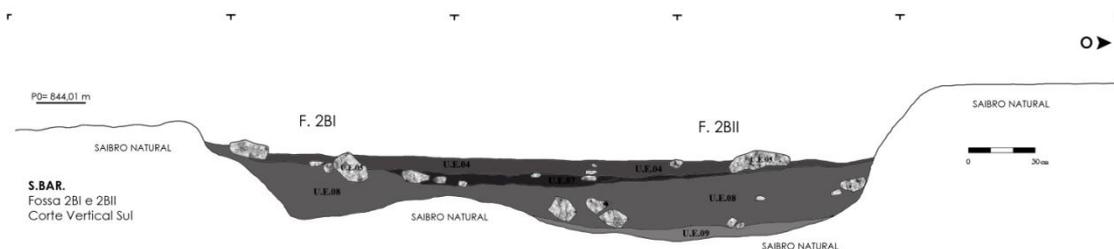


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Corte realizado a meio da fossa 2B.

ESTAMPA
XLI



U.E.04- Camada de terra de cor escura, compacta, com pequenas pedras de textura fina com alguns materiais cerâmicos. Prolonga-se por toda a fossa.

U.E.05- Empedrado de quartzo e granito que tem maior concentração no canto Leste da fossa. As pedras são de pequenas dimensões e estão distribuídas aleatoriamente sem qualquer alinhamento.

U.E.07- Camada de terra de cor escura bastante compacta e com uma textura fina. Trata-se do nível mais escuro na totalidade das unidades estratigráficas descobertas nesta fossa, tem uma maior representatividade ao centro da fossa. Apresenta alguns fragmentos cerâmicos e pequenas pedras.

U.E.08- Camada de terra de cor escura, pouco compacta, de textura fina. Nesta camada apareceram pequenas pedras, alguns fragmentos de cerâmica de pasta fina e carvão.

U.E.09- Camada de terra de cor alaranjada/amarela escura, corresponde a uma camada de pré-saibro bastante compacta com algumas pedras situada no fundo da fossa. Os materiais cerâmicos descobertos estão bem conservados. Esta U.E. apenas se verificou na Fossa 2BII.

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Corte estratigráfico do enchimento da fossa 2B.

ESTAMPA
XLII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Vista geral de um conjunto de fossas onde pretendemos realçar a localização da fossa 3.

ESTAMPA
XLIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Pormenor da fossa 4.

ESTAMPA
XLIV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Delimitação da mancha 5 após a remoção dos níveis superficiais.

ESTAMPA
XLV

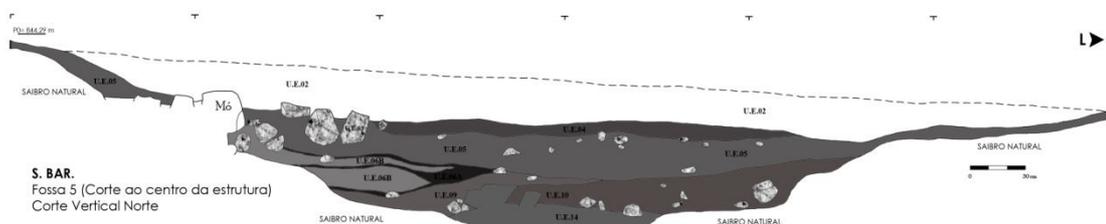


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Detalhe do corte vertical realizado ao enchimento da fossa 5.

ESTAMPA XLVI



S. BAR.
Fossa 5 (Corte ao centro da estrutura)
Corte Vertical Norte

- U.E.02-** Camada de terra escura, pouco compacta, com pedras e uma textura granulada média, com os primeiros fragmentos cerâmicos. Esta camada corresponde ao topo da fossa depois da passagem da máquina.
- U.E.03-** Grande concentração de pedras no rebordo Norte da fossa. As pedras de granito e maioritariamente de quartzo branco apresentam diferentes dimensões e não representam nenhum alinhamento estão distribuídas aleatoriamente. Entre elas aparecem algumas mós dormentes em granito fracturadas.
- U.E.04-** Camada de terra de cor escura com pouca representatividade em termos estratigráficos, muito compacta, de textura granulada fina, ao nível da U.E. anterior mas com maior evidência na parte Sul da fossa.
- U.E.05-** Camada de terra de cor escura, com algumas pedras e pouco compacta, ocupa toda a fossa e sobre ela assentaram as pedras da U.E.03.
- U.E.06-** Camada de terra de cor avermelhada muito compacta, com algumas pedras e materiais cerâmicos. Na parte central da fossa apresenta um nível pouco representativo, é nos rebordos da fossa, com principal incidência para o rebordo Leste, onde tem maior representatividade. Divide-se em 6A e 6B devido à tonalidade que apresenta. Uma é mais clara e outra um pouco mais escura mas com as mesmas características. Temos também a 6C que corresponde a um nível muito parecido com os anteriores, aparece junto do saibro.
- U.E.09-** Camada de terra de cor escura que apareceu após a remoção das pedras (U.E.03) junto do rebordo sudoeste da fossa. Esta camada apresenta-se pouco compacta, com algumas pedras, alguns fragmentos cerâmicos e restos de cinza e sementes carbonizadas que foram guardadas como amostra.
- U.E.10-** Camada de terra de cor clara alaranjada, compacta com algumas pedras, bastante granulada, aparece no fundo da fossa e assenta sobre a camada de saibro. Esta unidade estratigráfica é mais visível na metade Sul da fossa.
- U.E.14-** Camada de terra de cor alaranjada que aparece na 2ª metade da fossa. Esta camada é muito semelhante com a U.E.10 seria a continuidade mas como aparecem duas pequenas saliências com características diferentes decidimos criar uma nova unidade. Apresenta-se bastante compacta, com algumas pedras pequenas e materiais cerâmicos.

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Corte estratigráfico do enchimento da fossa 5.

ESTAMPA XLVII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Vista geral da fossa 5, após a conclusão da escavação.

ESTAMPA
XLVIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Outra panorâmica da fossa 5 com a estrutura de combustão em primeiro plano.

ESTAMPA
XLIX



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Vista geral da fossa 7.

ESTAMPA
L



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Estrutura de combustão da sondagem 12, com as argamassas e pedras de granito.

ESTAMPA
LI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Corte realizado a meio da estrutura de combustão.

ESTAMPA
LII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Resultado final após a remoção das argamassas e das pedras.

ESTAMPA
LIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Pequenas estruturas em negativo descobertas no rebordo da fossa 5.

ESTAMPA
LIV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Buracos de poste que apareceram no rebordo sul do fosso.

ESTAMPA
LV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Aparecimento de mais buracos, junto ao rebordo sul da fossa 4.	ESTAMPA LVI
--	----------------------------------------------------------------	----------------



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Conjunto de buracos que apareceram junto da fossa 1D.	ESTAMPA LVII
--	-------------------------------------------------------	-----------------



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

Nível de terra mais escuro perceptível no nível natural de saibro que escondiam os buracos junto da fossa 1D.

ESTAMPA
LVIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sta Bárbara

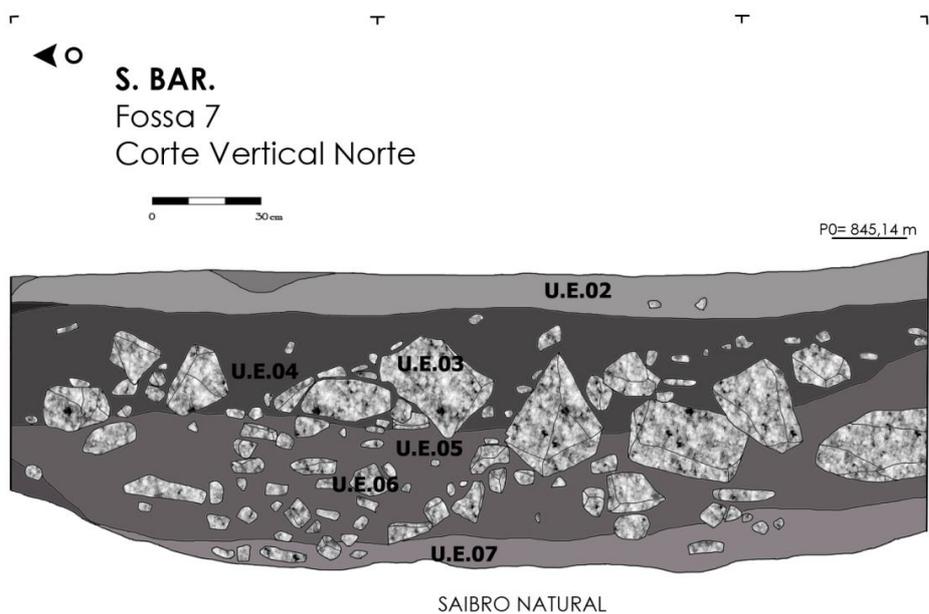
Cobertura das sondagens para minimizar o impacto das chuvas.

ESTAMPA
LVIX



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Borrifamento com água das terras de forma a avivar as cores para assim termos uma melhor leitura do que estávamos a escavar.	ESTAMPA LX
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Esquema gráfico representativo dos níveis estratigráficos básicos que encontramos durante a escavação. (A descrição das U.E.'s é feita no texto).	ESTAMPA LXI
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------

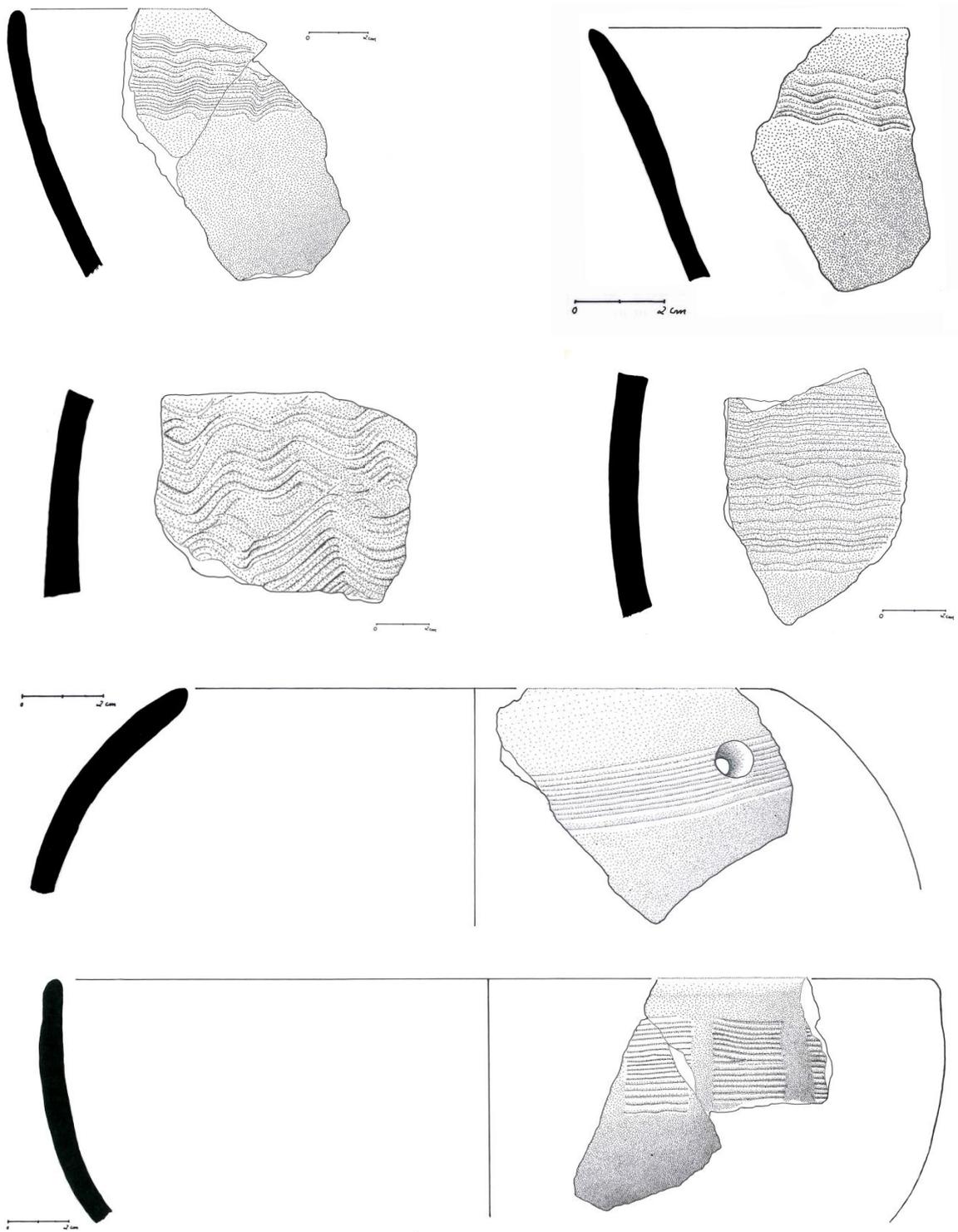


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Detalhe do corte da fossa 1C onde são evidentes as particularidades da estratigrafia descrita.

ESTAMPA
LXII

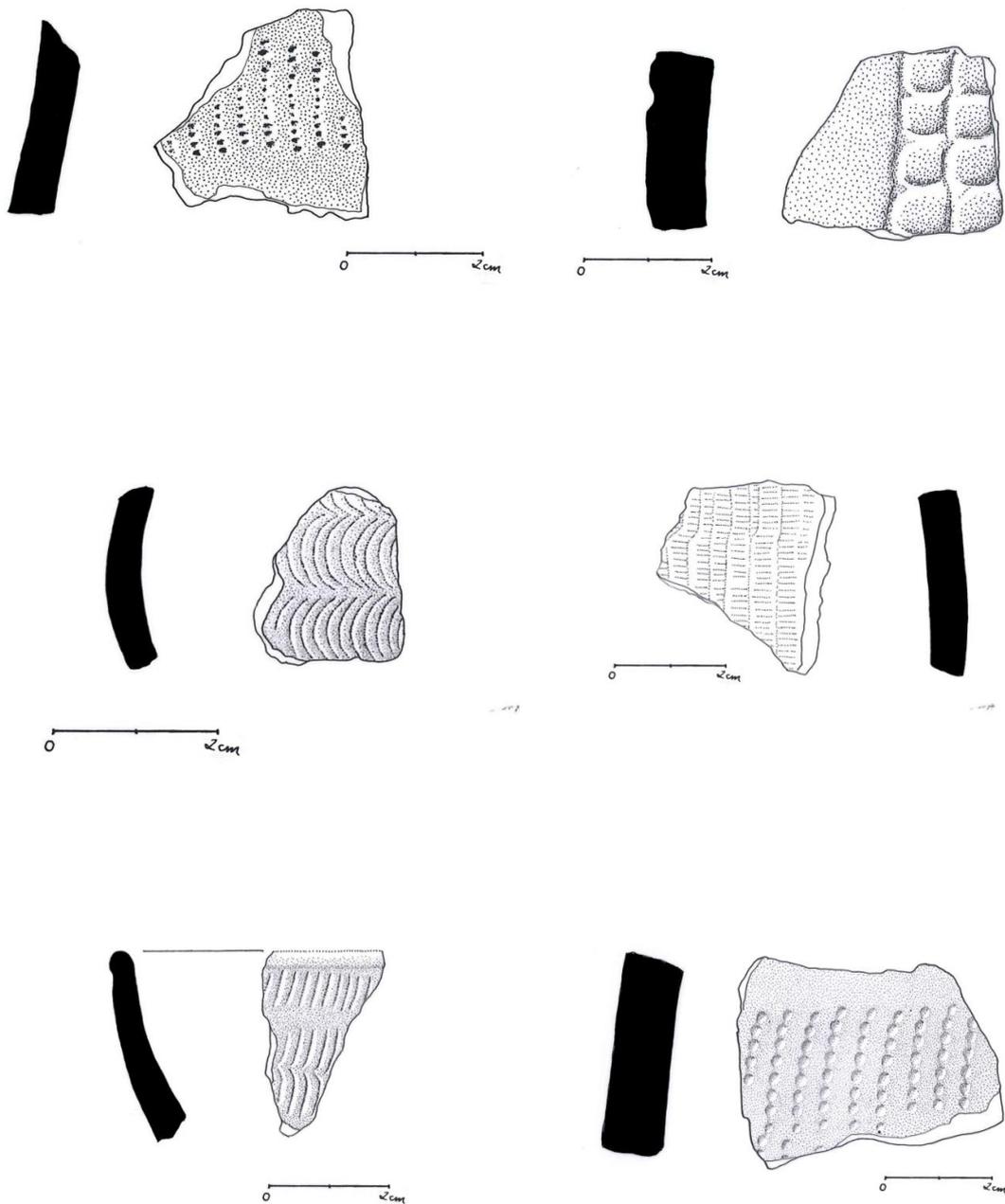


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Cerâmica com decorações penteadas (desenhos de Sara Almeida).

ESTAMPA
LXIII

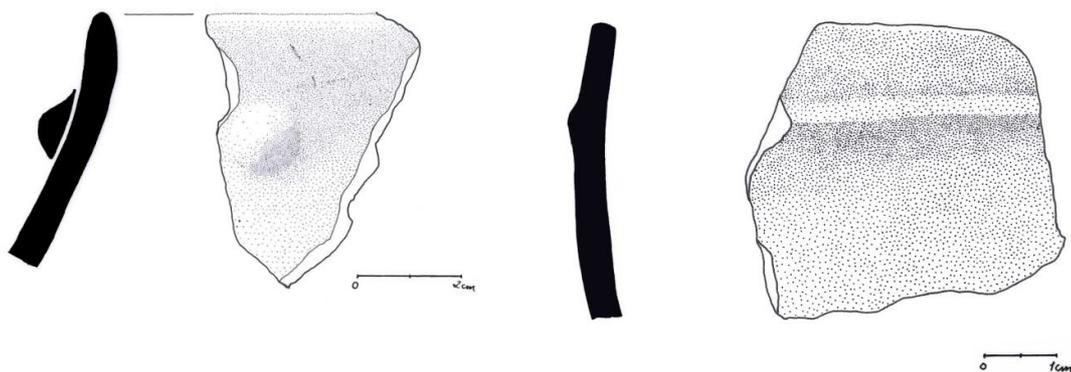


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Cerâmica com decorações impressas (desenhos de Sara Almeida).

ESTAMPA
LXIV

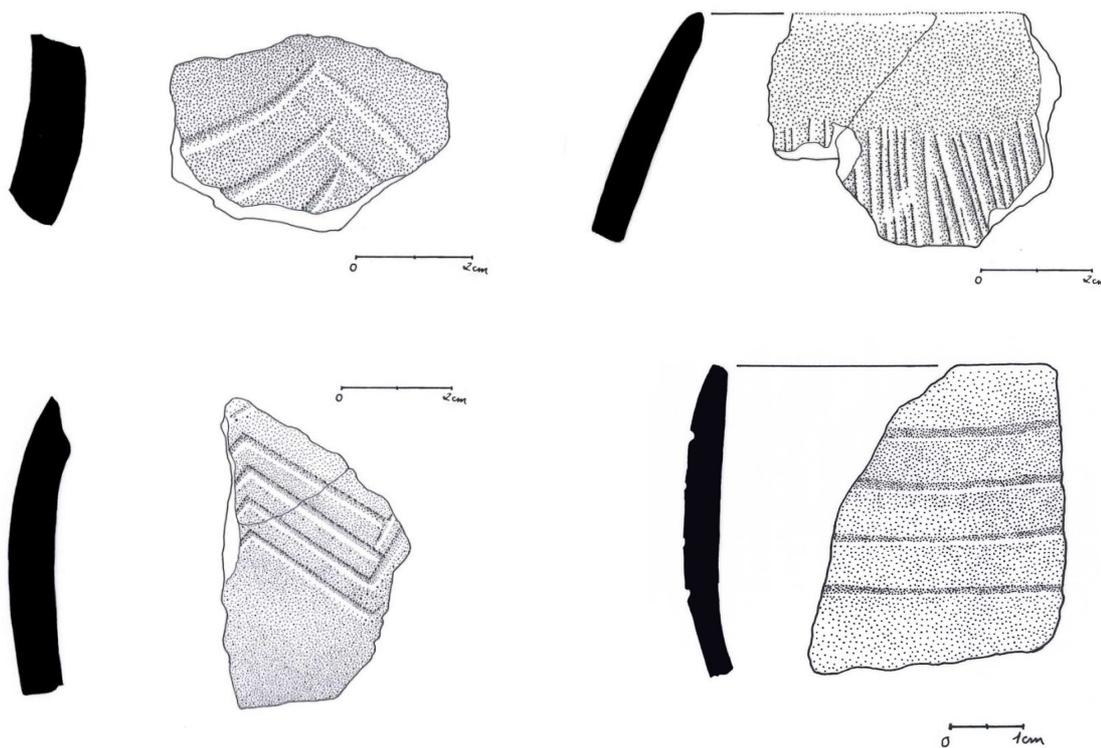


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Cerâmica com decorações plásticas (desenhos de Sara Almeida e Paulo Pernadas).

ESTAMPA
LXV

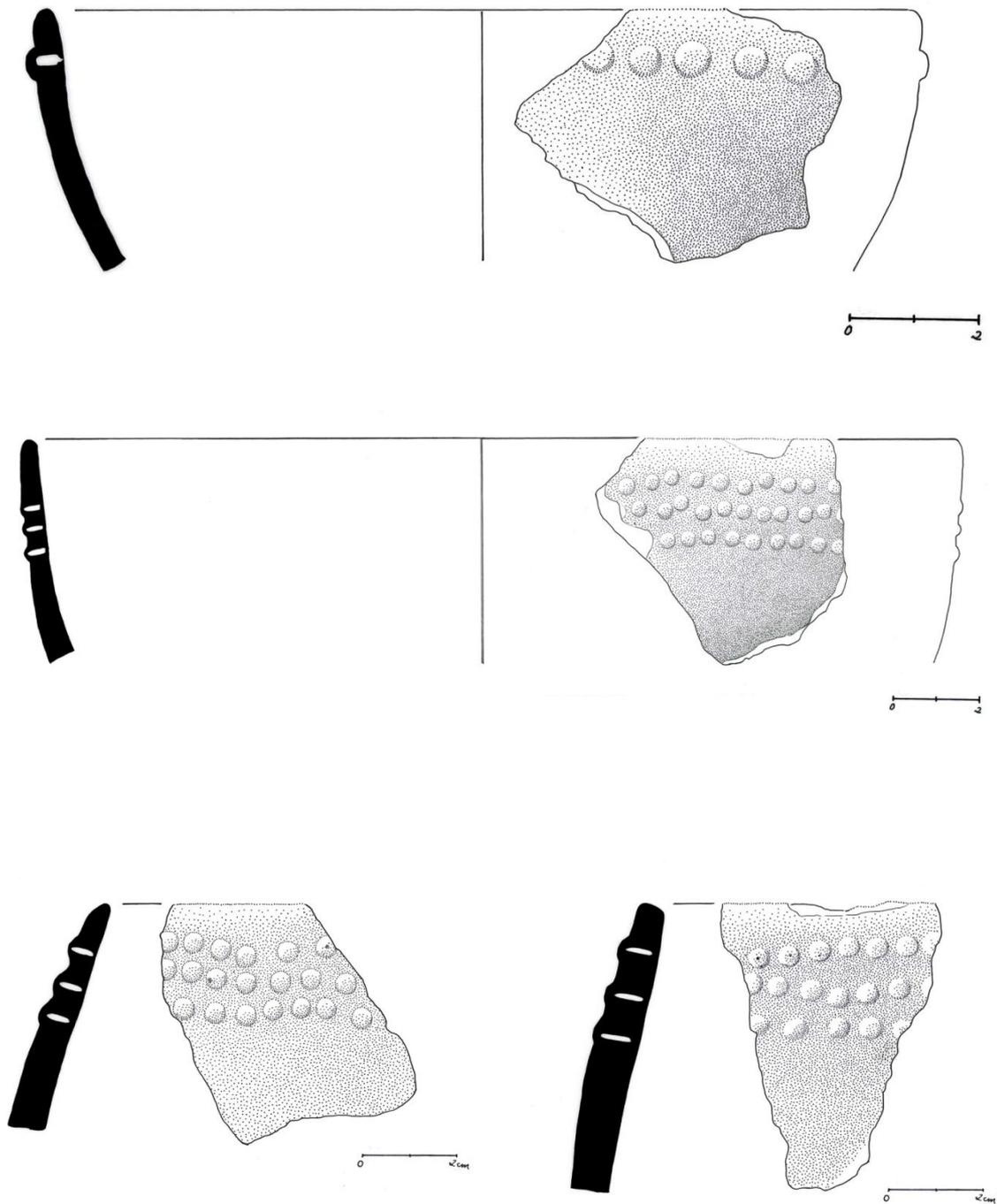


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Cerâmica com decorações incisas (desenhos de Sara Almeida e Paulo Pernadas).

ESTAMPA
LXVI

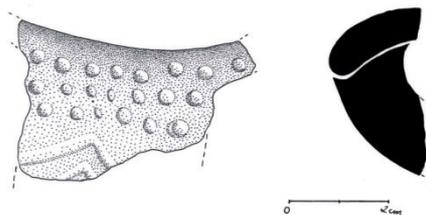
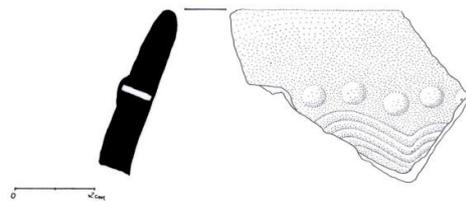
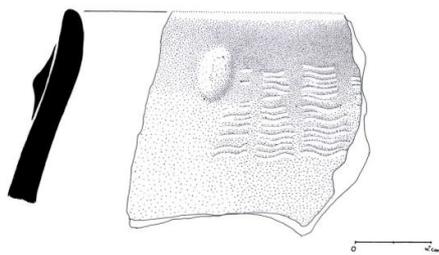
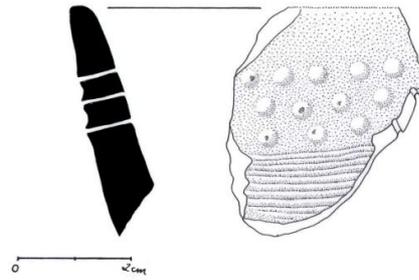
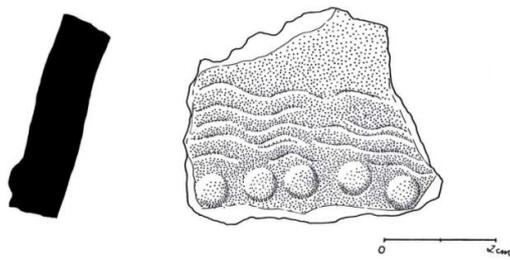
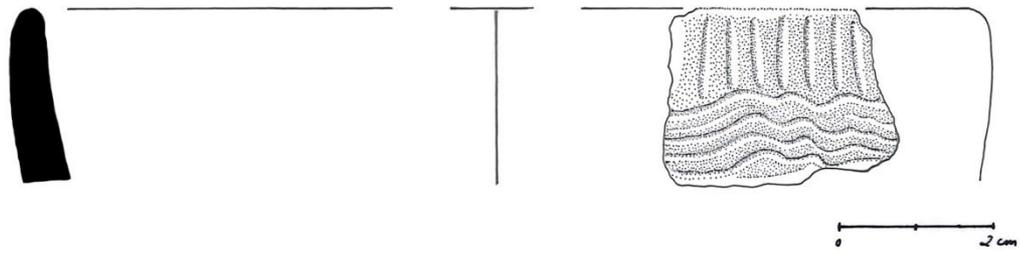


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Cerâmica com decorações de “pastilhas” (desenhos de Sara Almeida).

ESTAMPA
LXVII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Cerâmica com decorações mistas (desenhos de Sara Almeida).

ESTAMPA
LXVIII

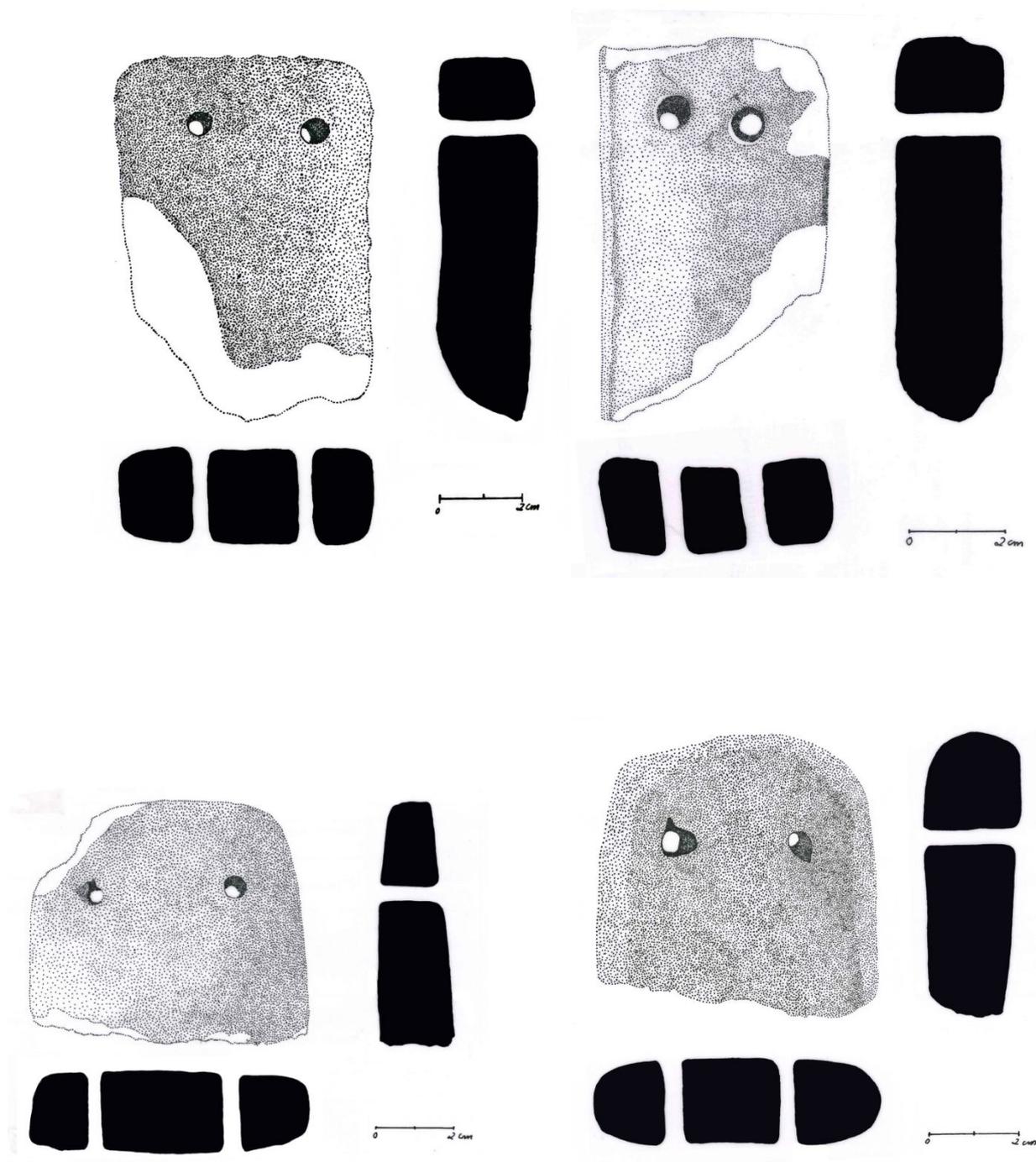


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Santa Bárbara

Planta com a dispersão dos pesos de tear.

ESTAMPA
LXIX



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Representação gráfica de alguns pesos de tear (desenhos de Paulo Pernadas).

ESTAMPA
LXX



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Santa Bárbara

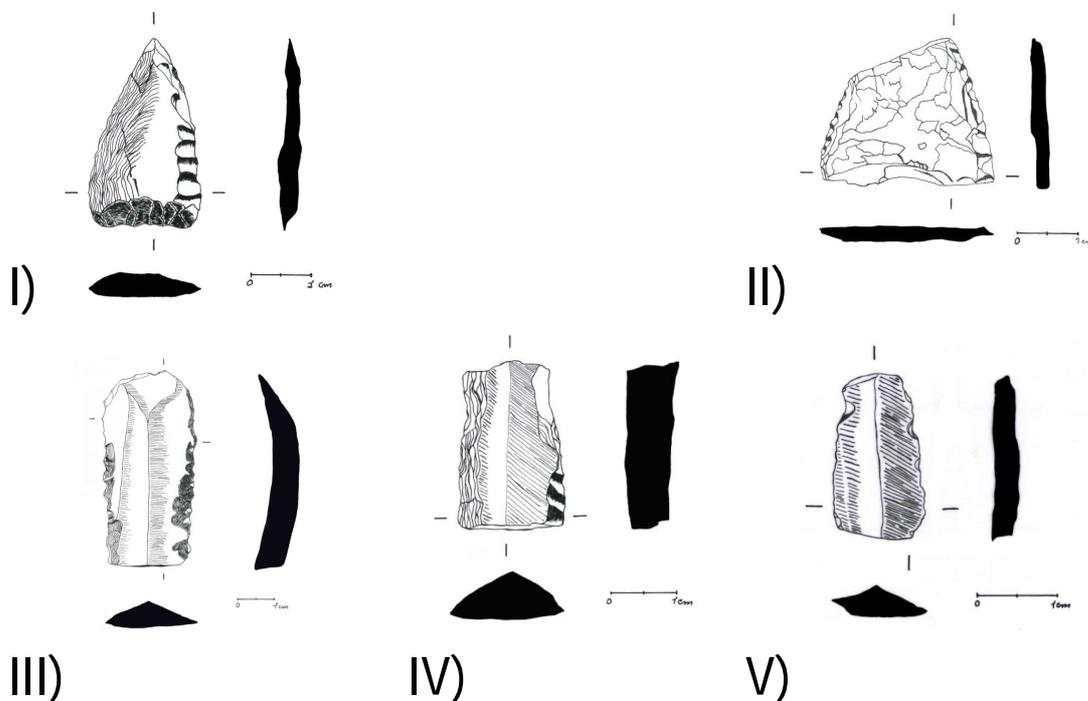
Planta com a dispersão das contas de colar, pendente, lâminas e pontas de seta.

ESTAMPA
LXXI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Conjunto de pontas de seta recolhidas na intervenção.	ESTAMPA LXXII
--	-------------------------------------------------------	------------------



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Desenho de algumas pontas de seta e das lâminas (desenhos de Paulo Pernadas).	ESTAMPA LXXIII
--	-------------------------------------------------------------------------------	-------------------



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Conjunto de machados de pedra polida.

ESTAMPA
LXXIV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Pequena pedra polida dos dois lados com funcionalidade indeterminada.

ESTAMPA
LXXXV

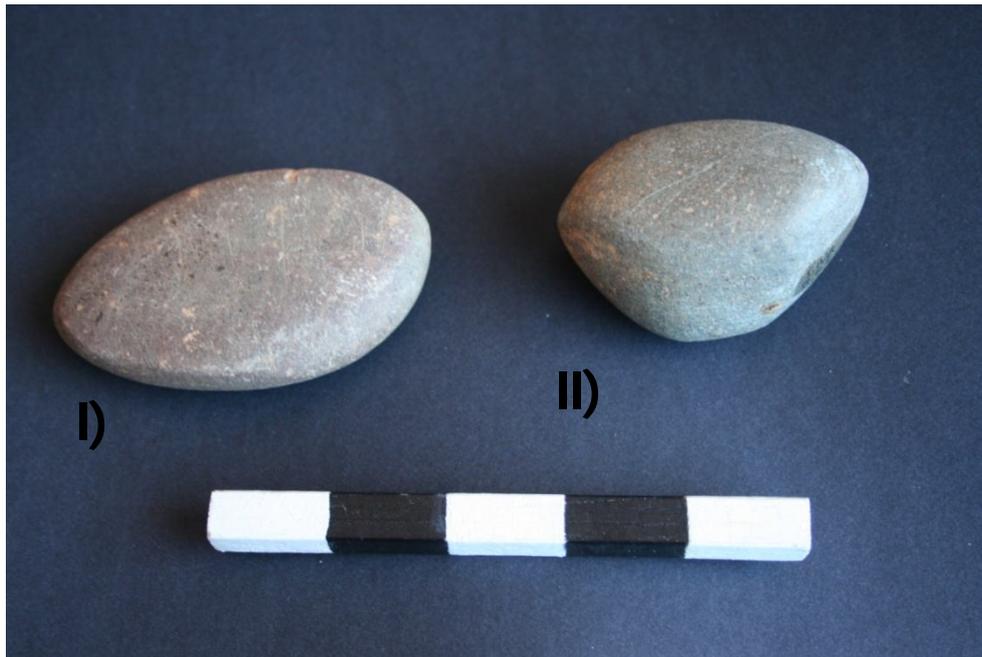


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

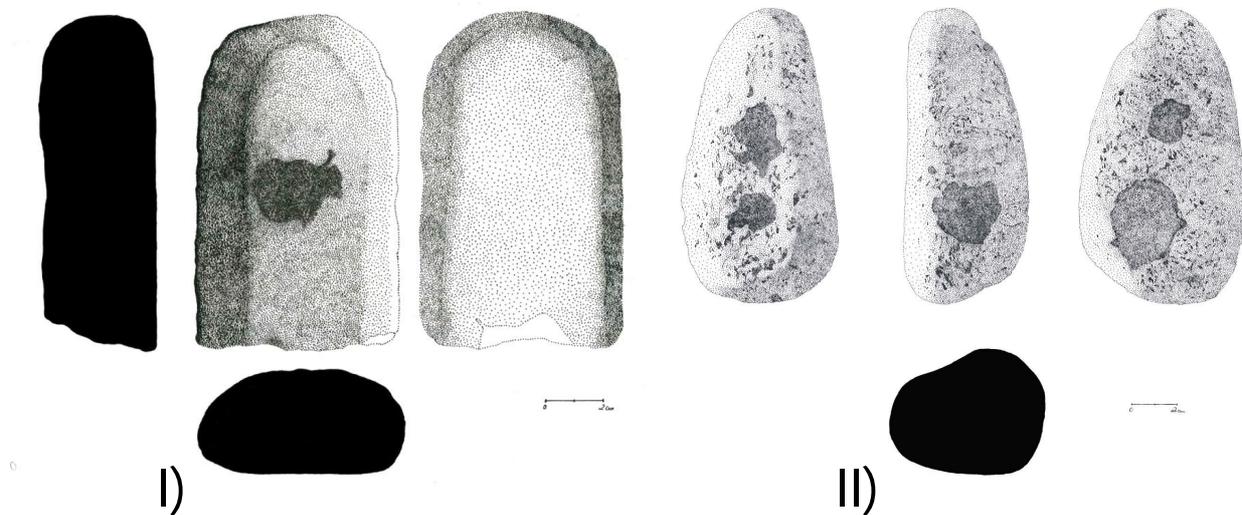
Sa Bárbara

Detalhe de uma pedra com a face superior polida que pode ter servido como afiadeira.

ESTAMPA
LXXXVI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S ^{TA} BÁRBARA		
	Seixos de rio com as faces afeiçoadas.	ESTAMPA LXXVII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S ^{TA} BÁRBARA		
	Bigorna, que também serviu de elemento de moagem movente, e um percutor (desenhos de Paulo Pernadas).	ESTAMPA LXXVIII



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Conjunto de utensílios de trabalho.

ESTAMPA
LXXIX

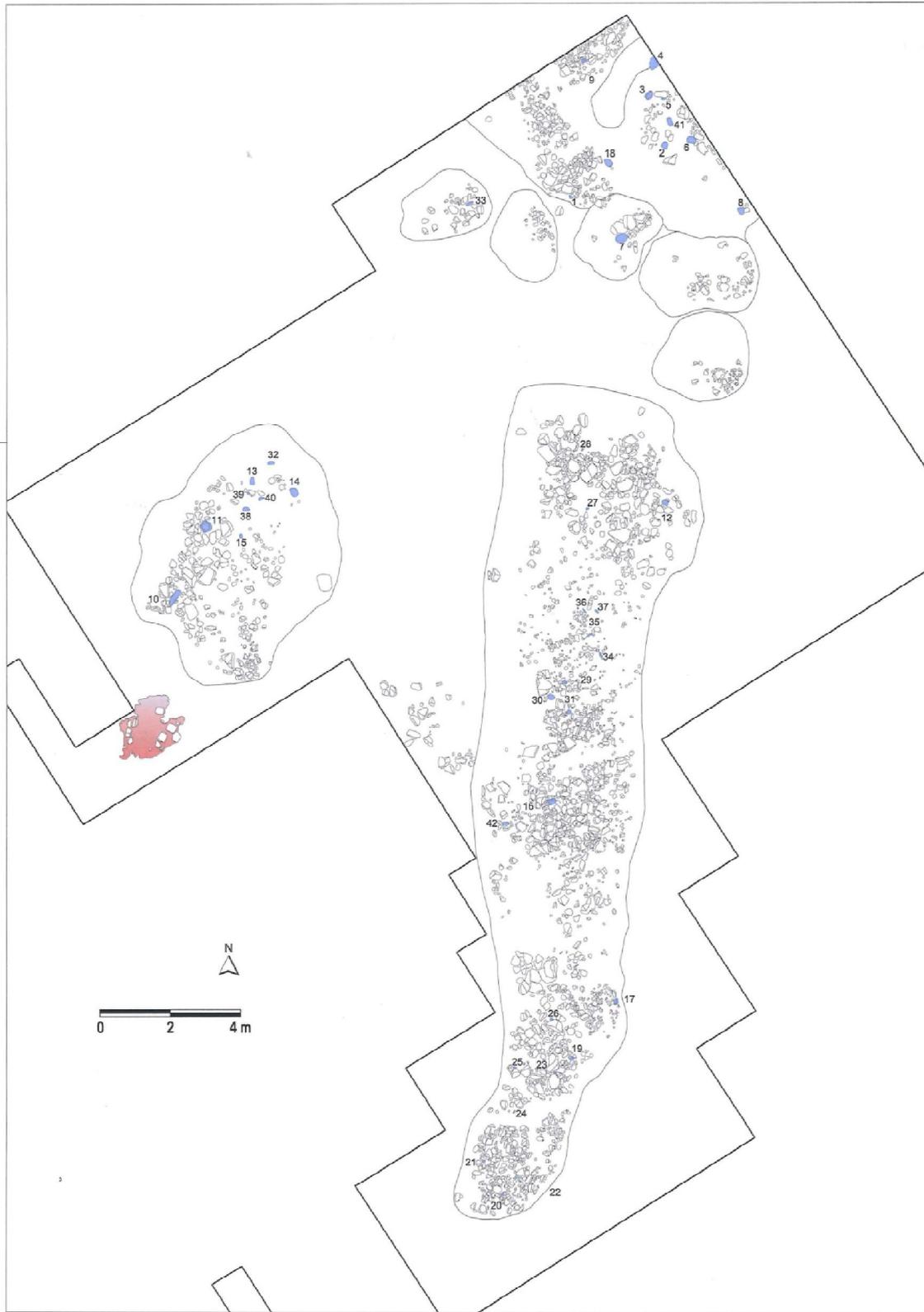


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Alguns dos objectos mistos, serviam de bigornas e percutores.

ESTAMPA
LXXX



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Planta com a dispersão de algumas dos elementos de moagem que foram encontrados nos empedrados.

ESTAMPA
LXXXI



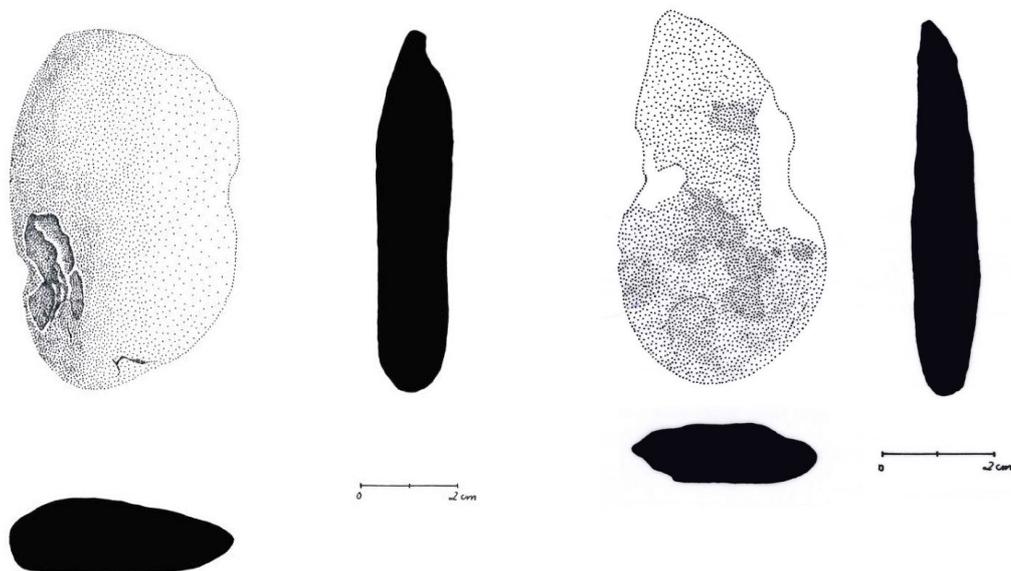
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Exemplo de algumas tipologias de elementos de moagem recolhidos.	ESTAMPA LXXXII
--	------------------------------------------------------------------	----------------



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Detalhe do pilão descoberto na sondagem 12.	ESTAMPA LXXXIII
--	---------------------------------------------	-----------------

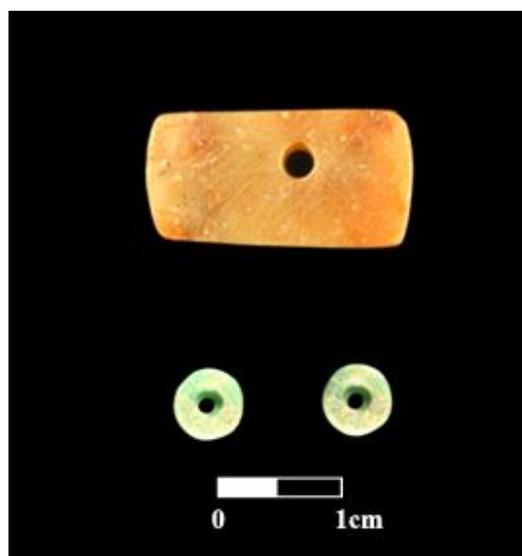
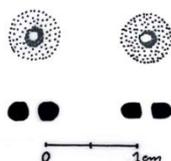
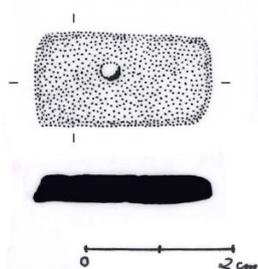


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Desenho de dois pesos de rede (desenhos de Paulo Pernadas).

ESTAMPA
LXXXIV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Desenho e foto dos objectos de adorno descobertos.

ESTAMPA
LXXXV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S ^{TA} BÁRBARA		
	Planta com o desenho de alguns perfis das estruturas negativas.	ESTAMPA LXXXVI

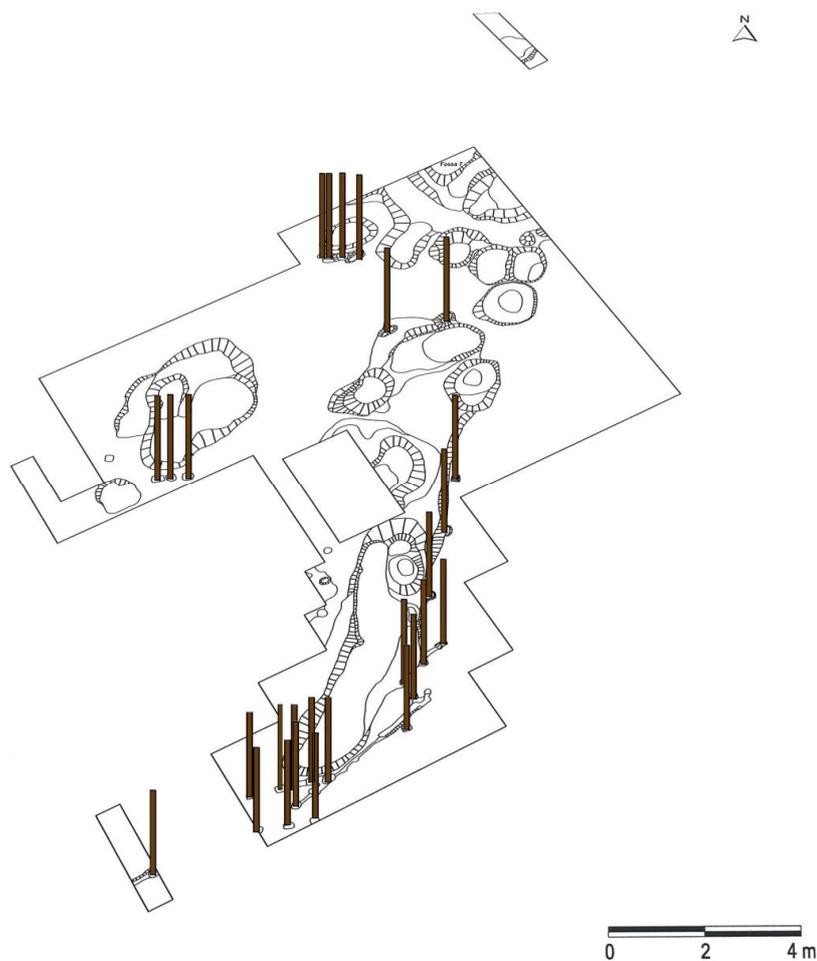


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

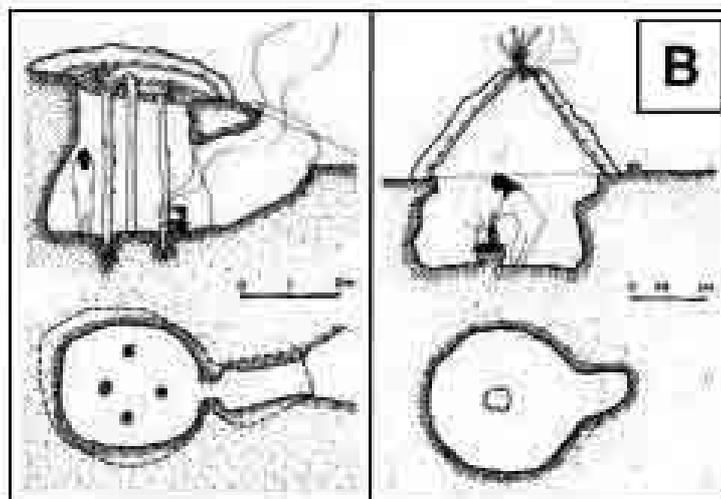
Argamassas descobertas na intervenção.

ESTAMPA
LXXXVII



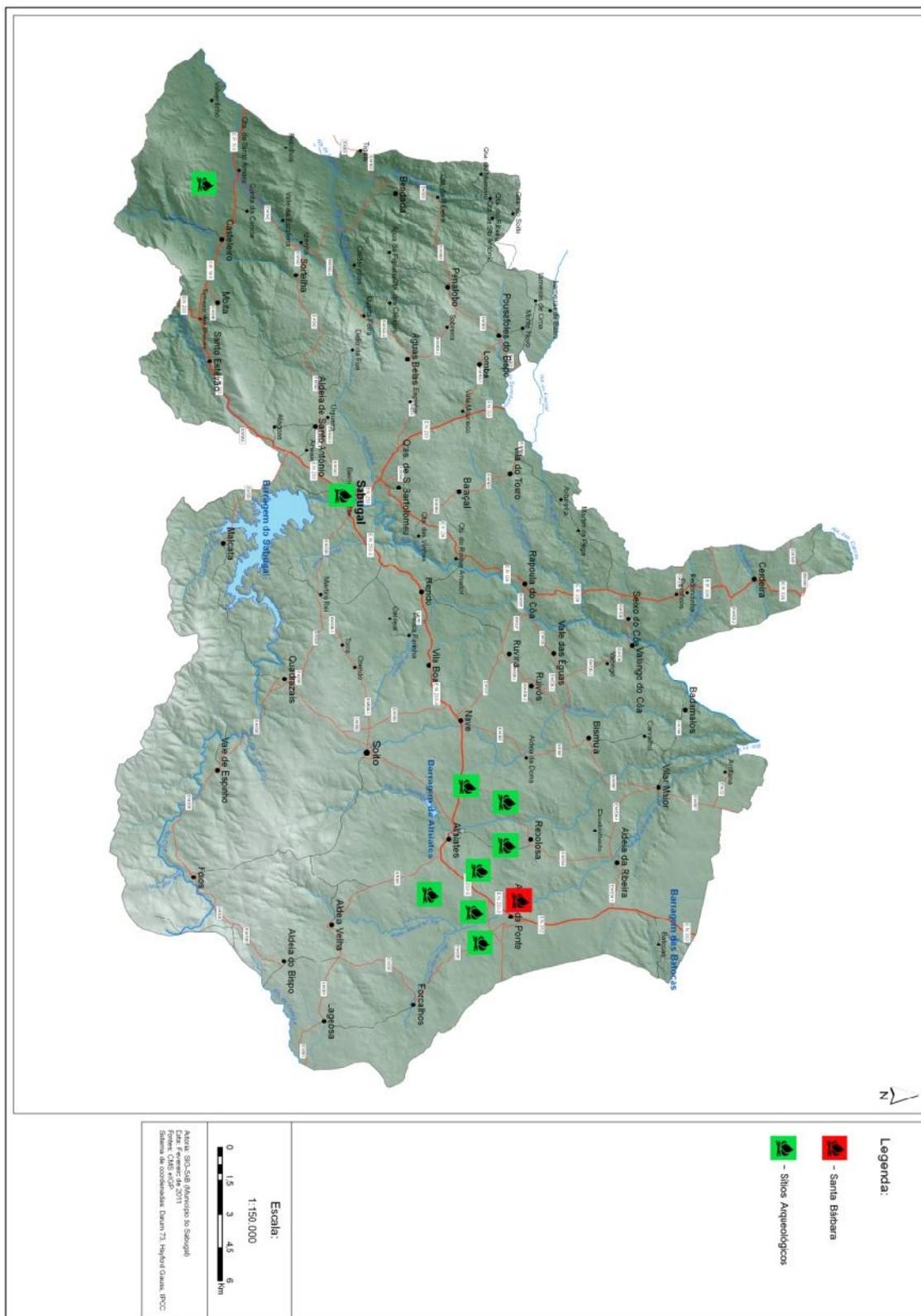
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Tentativa de reconstituição e interpretação das pequenas estruturas em negativo, com simulação de postes de madeira.	ESTAMPA LXXXVIII
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

	Proposta de reconstituição para as estruturas em negativo (JIMENEZ JÁIMEZ, 2006: 48).	ESTAMPA LXXXIX
--	---------------------------------------------------------------------------------------	----------------

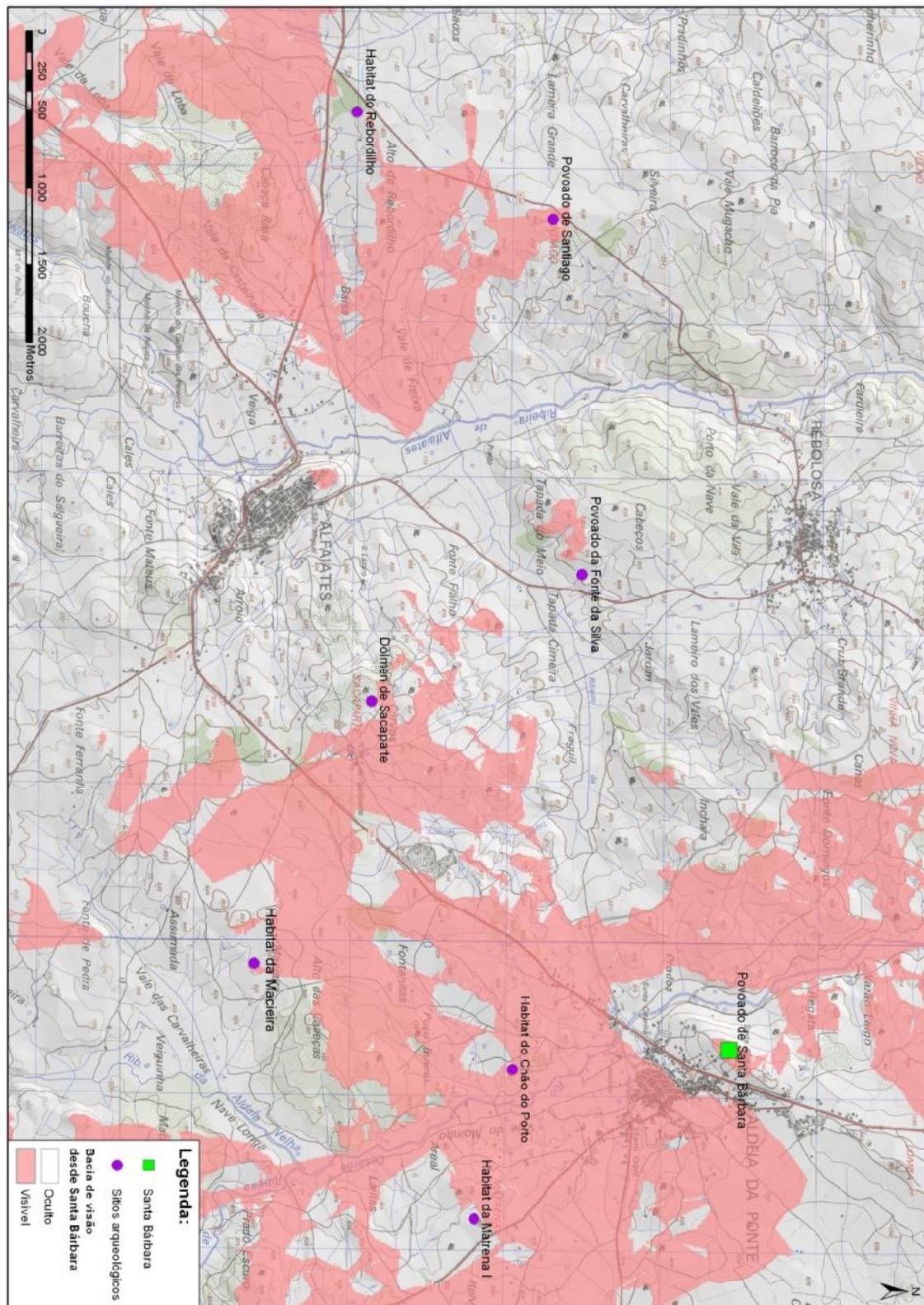


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Mapa do concelho do Sabugal com a localização do conjunto de sítios do período Calcolítico.

ESTAMPA
XC



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Mapa que demonstra a área que pode ser vista desde o alto de Santa Bárbara.

ESTAMPA
XCI



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA



Mapa com a localização de vários sítios do período Calcolítico próximos do concelho do Sabugal.

ESTAMPA
XCIII

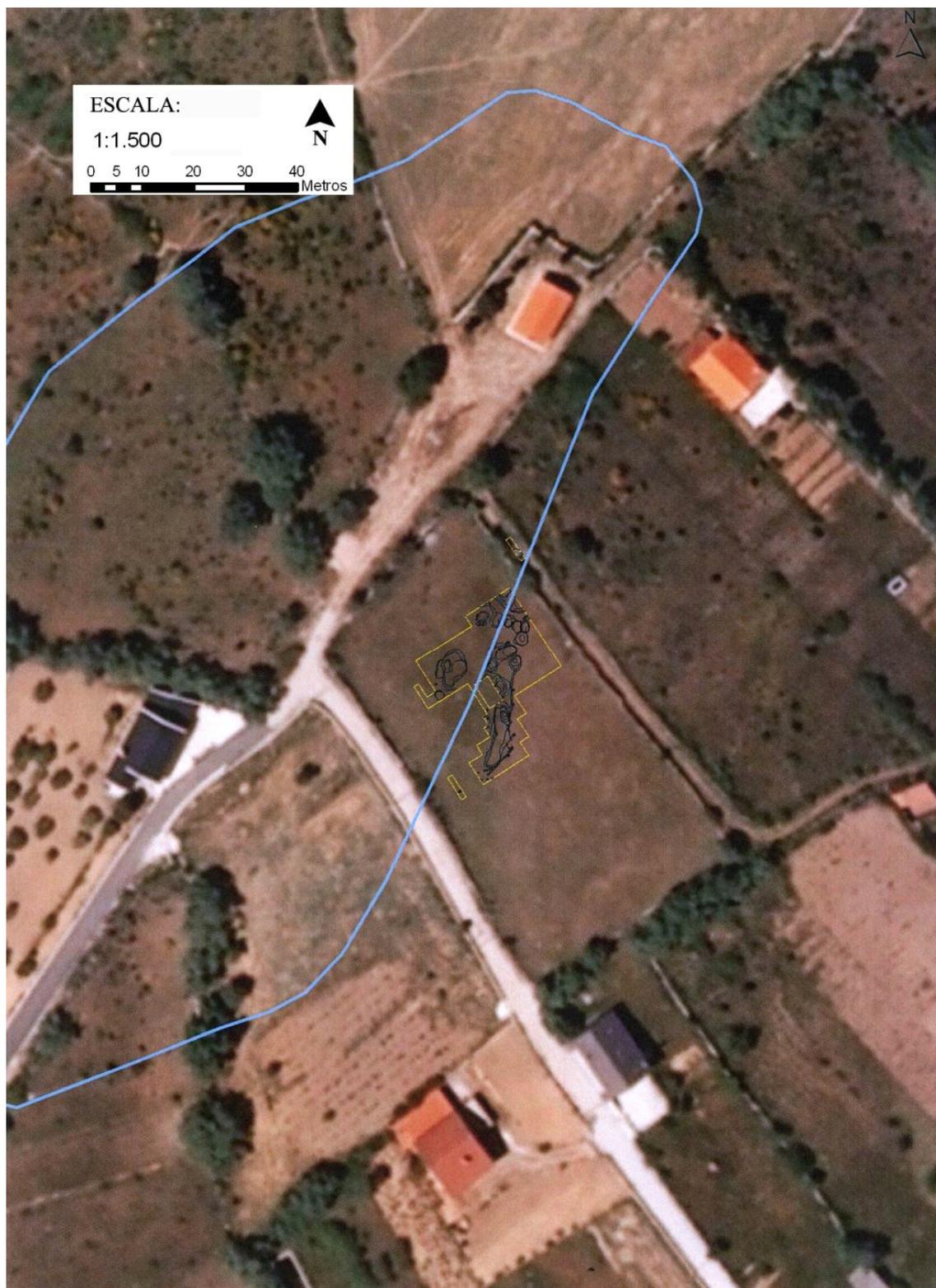


INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

Sa Bárbara

Levantamento topográfico sobrepondo a área escavada sobre o espaço de implantação da moradia.

ESTAMPA
XCIV



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DE S^{TA} BÁRBARA

S^{ta} Bárbara

Fotografia aérea do terreno, confrontando a delimitação inicial do sítio na Carta Arqueológica e as estruturas escavadas agora.

ESTAMPA
XCV